

Louis Neilmoris



**O GRANDE
ENCONTRO
FILOSÓFICO**

AUTODESCOBRIMENTO APLICADO

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

O GRANDE ENCONTRO FILOSÓFICO
Autodescobrimento Aplicado

Louis Neilmoris

Primeira edição: 2013

Versão revisada em novembro, 2016

Distribuição gratuita em formato digital
www.luzespirita.org.br



www.luzespirita.org.br

O GRANDE ENCONTRO FILOSÓFICO

AUTODESCOBRIMENTO APLICADO

Louis Neilmoris

Sumário

Introdução — pág. 7

Capítulo 1 - **Liberdade, condução e autodescobrimento** — pág. 11

Liberdade
Sistemas condutores
A utopia da autonomia
Justeza da condição de dependente
Condução e autodescobrimento

Capítulo 2 - **Síntese de conduta** — pág. 16

A grande síntese
O mandamento maior

Capítulo 3 - **Tradições** — pág. 20

Despertando para a vida
A quem pertencemos; o que somos
Possibilidades
O grande desafio

Capítulo 4 - **O Mundo em mutação** — pág. 24

Memória individual e coletiva
Evolução

Capítulo 5 - **Do mito à lógica** — pág. 27

Mitologia: respostas artísticas
Filosofia: respostas racionais
As trevas medievais
O Renascimento

Capítulo 6 - **Síntese histórico-filosófica** — pág. 31

A essência das coisas
Conhece a ti mesmo
A solução aristotélica
A Era do hiato
Os pensadores modernos

Capítulo 7 - **Revelação Espírita** — pág. 37

O fracasso das religiões
A revolução científica
Neoespiritualismo
Codificação espírita
Espiritismo e Espiritualismo
Novas perspectivas

Capítulo 8 - **Introspecção** — pág. 42

Estar consciencial
Estar temporal
Estar espacial
Estar fisiológico
Estar emotivo
Estar intelectual

Capítulo 9 - **Percepção exterior** — pág. 50

O Universo exterior
Ser individual e coletivo

Capítulo 10 - **Inter-relacionamento humano** — pág. 53

Personagens e seus valores
Conflitos interpessoais

Capítulo 11 - **Formatação de ideias** — pág. 57

O automatismo
Repaginando conceitos e atitudes
O drama dos traumas
Zona de pensamento equilibrado
Instinto e inteligência

Capítulo 12 - **Descobrimo a espiritualidade** — pág. 65

O materialismo e a negação sistemática
Além da matéria
Vantagens de se espiritualizar
Encontrando Deus
Descobrimo-se como Espírito
Sexto sentido

Capítulo 13 - **A influência material** — pág. 73

Dualidade espírito/matéria
Necessidade das necessidades
Vícios e virtudes

Capítulo 14 – **Transição evolutiva** — pág. 78

Influências material e espiritual
A condição perispiritual
Nosso grau evolutivo

Capítulo 15 – **A ilusão da matéria** — pág. 82

Ilusão de ótica
Crença nas coisas e materialismo
Processo de desapego

Capítulo 16 – **A Consciência e o cérebro** — pág. 88

A casa mental
O cérebro pensa
Funcionamento cerebral
O sequestro da razão

Capítulo 17 – **Inteligência emocional** — pág. 96

Ovoides
A resposta da inteligência
Quociente Emocional
O jogo da emoção
O poder da paciência
O poder da fé

Capítulo 18 – **O grande confronto** — pág. 103

Embaçando a amígdala
Plasticidade cerebral
O milagre da verdade
As diversas faces da verdade
O inimigo público número um 1
Egoísmo e decepção

Capítulo 19 – **O grande encontro** — pág. 111

O antídoto contra o egoísmo
Somos todos um
Reforma íntima
A condição espírita
Impacto da reforma íntima
A felicidade

Introdução

A cada dia de nossa realidade, novas personalidades nascem para o palco da vida, bem como, todo dia, outras identidades são encobertas pelo manto da morte.

De repente, um personagem até então inexistente passa a fazer parte da nossa vida, com uma importância de maior ou menor intensidade, modificando nosso cotidiano e nos influenciando a determinadas situações.

Para fazermos uma ideia prática disso, ponderemos o quanto a vida de um casal muda após a consagração de uma gestação. Cada filho nascido em um lar requalifica todo o ambiente — ainda que seja em uma família já numerosa. Uma vida, uma identidade, uma personalidade acrescida a este mundo... Quantas surpresas uma única vida pode gerar! Quanto uma única pessoa pode modificar a rotina de tantos outros semelhantes!...

Igualmente, podemos imaginar o quão chocante pode ser desde quando, em decorrência da falência física, uma pessoa simplesmente "desaparece" do mundo, alguém que estava aqui, frequentemente conosco, para então não mais ser, não mais estar entre nós, não mais existir!... O que dizer, especialmente, da partida de um filho em tenra idade, tão cheio de vida, de sonho, de esperança...? Quanto uma morte pode deixar saudades e modificar nosso itinerário!...

Diante dessa observação concreta, cabe-nos refletir que também cada um de nós um dia simplesmente não existia para esse mundo e, inexoravelmente, do mesmo modo, deixaremos de ser.

Se assim é, como não se interessar pela nossa origem, nossa verdadeira identidade e, conseqüentemente, pelo nosso destino, pós-morte? Será mesmo tão fácil acreditarmos que um dia éramos um nada e para o nada caminhamos?

Se alguém te indagar "Quem é você?", o que poderá responder? Você poderá dizer simplesmente "Eu sou fulano de tal" e, se ocupar um cargo importante na sociedade, poderá se gabar dizendo "Você está falando com um (deputado, general, doutor...)!". Porém, isso satisfaz àquela indagação? Você

realmente acredita ser exatamente o que você pensa de si mesmo?

Há quem se supervalorize, por vezes julgando-se até muito superior aos semelhantes; outros desclassificam a si mesmos, inferiorizando-se perante os demais, quando não atentam contra a própria vida.

Então, a pergunta fica no ar: quem somos nós?

Essa curiosidade elementar, associada ao desejo de conhecer o princípio e a essência do Universo, foi o que desfraldou a Filosofia, para depois surgirem as disciplinas científicas. Das mais diversificadas hipóteses para a gênese do Universo e da humanidade brotaram as mitologias, seitas e religiões. As incontáveis versões não foram o suficiente para estabelecer uma conclusão consensual e o *mistério* permanece para a grande massa. E esse mistério está latente em uns e ardente em outros.

Suponho que o leitor esteja na conta daqueles que, com mais ou menos ânsia, buscam respostas para essa temática, que é — ou deveria ser — do interesse de todos.

Autodescobrimento é então o meu encontro comigo mesmo, de mim para mim mesmo, sobre a verdade — que eu próprio descubro — a respeito da minha natureza e de tudo o que me diz respeito. Não se trata de um punhado de dúvidas que possa surgir em qualquer crise existencial, conflito de identidade ou berro de quem passar por problemas banais da vida terrena e deseja uma solução simples; é o momento em que a Consciência nos cobra uma reflexão mais apurada sobre o que é uma crise, o que é uma identidade o que é a existência etc.

Embora aparentemente seja desnecessário aferirmo-nos o significado literal do termo **autodescobrimento** — dada a simplicidade do termo —, ousou lembrar que estamos tratando de uma junção: *auto* + *descobrimento*. Sobre a primeira palavra, alerta quanto a sua grafia: **auto**, por haver o parônimo **alto**. Na versão com u, aportuguesada do grego *autós* temos a ideia de *si próprio*; já na versão com l, temos a ideia de *altura, estatura física na dimensão vertical*. O segundo termo merece uma atenção especial, embora seja uma palavra muito usual: aqui temos a ideia de *descobrir*, que é sinônimo de encontrar, achar, inventar, revelar, etc. Notemos, porém, que **descobrir** é também dividida em duas partes, um prefixo (*des*) e um radical (*cobrir*). O exato prefixo é empregado como negação ou revés ao termo seguinte, o que nos permite concluir que estamos falando de uma ação cuja ideia lógica é aproximada ao verbo *revelar*, conhecer de novo o que foi velado, coberto, ocultado. A intrigante questão é: autodescobrimento — diferente de conhecer-se, inventar-se — é o ato de voltar a se conhecer, voltar às origens, tomando posse do que realmente somos e, pelo menos em parte, já temos ciência — mesmo que apenas instintivamente. E quem nos cobriu? Quem nos ocultou do que nós somos?

Quem velou nossa consciência de nossa real essência?

Convém acrescentar, voltando à questão linguística, que, no caso aqui, os parônimos *auto* e *alto* têm um significado semelhante se associarmos altura à elevação pessoal — sem nos prendermos à medição material, mas focando o crescimento espiritual. É que, quanto mais o ser toma posse de si mesmo (descobrir nosso auto), mais ganha estatura, mais se eleva (para o alto); quanto mais subimos para o alto, mais tomamos posse de nosso auto (a individualidade de cada um) — e isso de forma imprescindível, ou seja, não há reconhecer-se sem se melhorar e somente crescemos quando nos autodescobrimos.

Eis, pois, a razão de nossa dissertação, que, entretanto, não tem a pretensão de findar conclusivamente a questão. A ideia aqui é oferecer subsídios para a reflexão geral, pois que igualmente estamos à busca de melhores concepções, embora devamos adiantar que a Doutrina Espírita nos tem antecipado já um bocado — não por imposição sistemática, mas sim pela lógica de seus postulados.

Então, para nossa empreitada, combinemos uma coisa: seguindo o roteiro socrático, vamos fazer de conta que de nada sabemos; partindo do zero e em direção a uma nova maneira de compreender as coisas, desta vez, contudo, não por ditado de outrem, mas pelas nossas próprias descobertas. Assim foi que o filósofo Sócrates desenvolveu a **maiêutica**¹, ajudando seus sequazes e apreciadores a desabrocharem um conhecimento racional de que poucos suponham trazer consigo — mesmo os humildes camponeses, homens iletrados e jovens inexperientes.

Desvendaremos igualmente que cada um de nós carrega uma incrível faculdade, qual seja, a de se graduar em todos os sentidos, bastando apenas que procuremos nos autodescobrimos.

O melhor de tudo é que esse despertar tem uma aplicação prática em nosso cotidiano, cujo emprego, bem direcionado, é capaz de nos guiar àquilo que convencionamos chamar de **felicidade**, em sua essência mais pura, ou seja, distinta dos apelos materialistas e imediatistas. É a felicidade à base do **Nosce te ipsum**, ou seja, “Conhece a ti mesmo”.

Esta obra não se atreve a criar uma fórmula mágica e nem tampouco pretendemos traçar um programa automático, mecânico, semelhante a um software, pois as individualidades, por si mesmas, estão envolvidas com tantas peculiaridades que impossibilitam uma padronização de todo um processo evolutivo. Isso quer dizer que há detalhes circunstanciais — por exemplo, por força de tempo e cultura local — que caracterizam eventos únicos. Entretanto,

¹ **Maiêutica**: método criado pelo filósofo grego Sócrates (470 a.C - 399 a.C) que consiste na multiplicação de perguntas, induzindo o interlocutor na descoberta de suas próprias verdades e na conceituação geral de um objeto.

consideremos o fato de que, acima das particularidades de cada sujeito, há uma organização a reger a toda uma gama de procedimentos.

Também nossa tese não consta de nada sobrenatural ou maravilhoso. Na verdade, é de uma simplicidade incrível, de um sistema tão natural que nada exigirá além de pequeno esforço de atenção e vontade do leitor para trilhar o itinerário do progresso. Seguiremos os passos da didática que o professor Rivail (Allan Kardec²) aprimorou desde seu aprendizado junto ao mestre Pestalozzi³, partindo do simples para o complexo, do conhecido para o desconhecido.

Isentamo-nos de qualquer religiosismo. Embora estejamos sob a luz do Espiritismo — que professamos com sobriedade e alegria —, não fugiremos do critério filosófico e científico; não emitiremos qualquer fundamento pela razão que não se encontre no nosso autodescobrimento racional. E nossa isenção tem uma razão convincente: acreditamos e propagamos os conceitos espíritas justamente por eles não nos terem sido arbitrariamente ditados, mas reencontrados em nossa viagem particular e consciencial, o que nos credita dizer que todo aquele que mergulhar nesse estudo fatalmente compreenderá que a proposta do Espiritismo é a mais extraordinária das filosofias por nós já conhecidas.

Portanto, aprendendo com as contribuições de tantos pensadores que à Terra vieram colaborar com a evolução humana, convidamos a todos a uma incursão, para dentro de si mesmo e ao nosso entorno, abrangendo-nos às fronteiras do infinito.

Louis Neilmoris

² Hippolyte-Léon Denizard Rivail (1804-1869) foi o nome de batismo de Allan Kardec. Este pseudônimo passou a ser usado por ele desde quando se dedicou aos trabalhos espíritas, como forma de distinguir sua obra como Codificador da carreira profissional de quando era um pedagogo.

³ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) foi um professor suíço e pioneiro do modelo educacional moderno.

Capítulo 1

Liberdade, condução e autodescobrimento

Liberdade

Liberdade, condição desejada!

Ora, para se chegar ao autodescobrimento, é preciso liberdade. Eu devo ser livre para eu próprio me descobrir. Porém, antes de tudo, preciso definir o escopo dessa liberdade.

Em geral, as pessoas querem ter a liberdade para ser, estar e fazer o que bem entenderem; ser o *dono do próprio nariz*, como se diz vulgarmente.

Em primeira análise, **liberdade** é a capacidade de conduzir a si mesmo, conforme sua livre vontade. Nesse aspecto, tem como oposto a **dependência**, seja ela de qualquer natureza; não ser livre é estar sob a condução de algo ou de alguém, sendo, de alguma forma, constringido a trilhar um caminho que não deliberou para si mesmo.

O senso comum tem verdadeira repugnância a qualquer espécie de subordinação. Nesse quadro, ser conduzido é, portanto, uma submissão, uma negatividade. E nesses tempos modernos, de acentuado materialismo, dentre as conduções (os sistemas que cerceiam a liberdade), a que mais causa repugnância aos que absolutamente deliberaram para si não serem submissos é, sem dúvida, a **condução religiosa**.

Em suma, as religiões são vias condutoras para o comportamento moral dos seus fieis, que são séquitos naturais daquele código que eles professam. Logo, seguir uma religião é trilhar o caminho por ela sugerido — ou imposto. E é uma realidade o preconceito contra os religiosos, simplesmente pelo fato de eles se submeterem à condição de conduzidos por alguém ou algo (o código religioso, por exemplo) e não por eles mesmos.

Sistemas condutores

Somos forçados a criticar o verdadeiro festival de apelação a que temos assistido no entorno da religiosidade por esses tempos: exploração financeira da fé alheia, lavagem cerebral, propagação do fanatismo, da intolerância religiosa, etc. Isso, claro, causa certa revolta aqui e ali, recrudescendo o ateísmo e, especialmente, o sentimento antirreligioso. Todavia, há em nosso meio comum outros sistemas condutores, tão ou mais influentes que as religiões, que quase sempre passam despercebidos. Poderíamos nos estender sobre a televisão, a internet e demais mídias que sorratamente exploram a liberdade comercial das pessoas, entretanto, miremos para as ciências, as teses filosóficas e todo e qualquer conhecimento: todos estes são sistemas condutores naturais.

O princípio prático elementar do conhecimento é conduzir as consciências, pois, como conduzir-se sem que se saiba aonde ir? E para que o saber, se este não nos for útil na condução de um melhor caminho? A função da Medicina não é precisamente conduzir a saúde dos indivíduos? Um código de leis civis não é uma via condutora para o bem-estar social? Uma tese filosófica não é pensada justamente para contribuir para a condução da Humanidade?

Ora, por que acreditam em suas ideias, o filósofo, o cientista, o inventor e o pregador religioso disseminam seus sistemas justamente para serem confiados e seguidos.

Religião, ciência e filosofia têm conduzido a Humanidade — cada qual com suas características. Com efeito, se as religiões são tão questionadas, igualmente seria o caso de nos perguntarmos: será que todas as descobertas científicas, todas as invenções mecânicas, todas as doutrinas filosóficas e todos os sistemas condutores já desenvolvidos em nossa dimensão terrena foram benéficos ao bem comum?

Outra pergunta pertinente é se, de fato, é o caso de condenarmos os sistemas condutores dos homens, o que nos leva a perguntar além: ser conduzido é mesmo uma absoluta negatividade?

A utopia da autonomia

Aqui vai uma péssima informação àqueles que não admitem, de forma alguma, a condição de *conduzido*, e que, assim, condicionam sua felicidade ao estado de plena liberdade: esta, a liberdade — como capacidade de autonomia —, é uma utopia para a realidade humana, conforme será demonstrado aqui.

Ora, a impossibilidade natural da completa liberdade se apresenta já pelas leis físico-químicas. Para começar, nenhum homem nasce por si mesmo, mas necessita, no mínimo, da contribuição de seus progenitores. E, além disso,

como se sabe, o período da nossa infância é marcado pela nossa total dependência dos cuidados alheios, desde as coisas mais básicas — como se alimentar. Portanto, todo ser humano passa pela inexorável condição de ser conduzido.

Certa filosofia defendeu que *o homem nasce para libertar-se*. Contudo, como promover essa emancipação, se, e de uma maneira bem simples, nascemos todos condicionados à peleja das exigências fisiológicas e em meio a uma série de regras sociais?

Nenhuma circunstância — ou um conjunto de circunstâncias — no plano terrestre pode assegurar a liberdade integral a um indivíduo. Nem a riqueza, nem o poder, nem a juventude, nem a beleza e nem a somatória de todos esses elementos concretizaria tal sonho, ou melhor, utopia, porque, se há condições para se fazer isso, aquilo outro já não é possível. O mais poderoso e mais bem favorecido homem na Terra, assim como outrora careceu da assistência de seus semelhantes, um dia qualquer precisará dos serviços alheios, sem os quais ele se esvazia um tanto mais.

Num plano perfeito, tal como se espera do cosmos, nossa felicidade não pode depender da nossa liberdade, pois somos todos interdependentes uns dos outros, como somos da Natureza. Daí é interessante ponderarmos sobre a essência e a justeza dessa condição de dependência.

É uma filosofia incompleta e muito banal dizer a um indivíduo simplesmente "sua felicidade depende só de você". Seria equivalente a dizer que o Universo inteiro também estivesse subjugado à nossa vontade. Felizmente, há uma força maior do que nós dividindo a condução das coisas. Sem esta, quem estaria apto para conduzir-se sozinho?

Justeza da condição de dependente

Se aqui estamos sob a condição de dependentes uns dos outros e da Natureza, não seria o caso de admitirmos que haja uma justeza nessa lei da vida?

Para efeitos práticos, é improdutivo questionar uma lei imutável, qual essa de sermos dependentes. Dessa forma, aceitando a nossa condição de dependência como uma ferramenta de organização da vida, devemos então analisar como essa ferramenta pode ser usada. Nessa linha de pensamento, vamos convir que a questão primordial não é o quanto ser ou não conduzido, mas sim sobre a forma como somos conduzidos, a qualidade da condução.

Pelas disposições diversas do nosso cotidiano, certamente é de se temer o quanto certos indivíduos podem dirigir mal seus semelhantes. No

entanto, afinal, o que há de negativo em sermos bem conduzidos?

A Natureza nos colocou sob tais condições certamente por um propósito justificável. Surge então a necessidade do aprendizado de cada um em ser conduzido e de conduzir — seja quais forem as características do sistema condutor (pela ciência, pela filosofia e pela religião). Todos os sistemas humanos são falíveis, mas também, mesmo que por caminhos tortuosos, eles podem contribuir com o desenvolvimento da Humanidade, como têm feito.

A positividade da boa condução está nas coisas mais simples. Ora, fiquemos com um exemplo bem modesto: meçamos a real contribuição do pedagogo, que conduz os alunos à alfabetização. É bem verdade que uma criança poder até *descobrir* por si mesma a escrita já existente, mas, convenhamos, quanto pode ser útil a mão amiga de um bom condutor, como no caso dos profissionais da educação, não?

Assim é que cada indivíduo desenvolve-se incrivelmente rápido com a contribuição do acumulado de conhecimentos da sua coletividade.

Por conseguinte, podemos pensar o quanto uma doutrina religiosa pode auxiliar na formação do caráter das pessoas — apesar dos atos falhos dos religiosos ou do próprio código religioso. Não é o caso de se dizer aqui que, para o nosso autodescobrimento, seja preciso professar uma religião, mas sim da necessidade de se considerar o estudo da espiritualidade.

Condução e autodescobrimento

Antes de tudo, é preciso considerar se o sujeito já está preparado e determinado para trilhar o seu autodescobrimento — *pagar o preço*, como se diz comumente, valendo-nos também de invocarmos um axioma propagado em inglês: *no pain, no gain*, quer dizer, sem dor (no sentido de trabalho, sacrifício, esforço), sem ganho.

Quase sempre, essa determinação vem de uma necessidade que a vida nos impõe, tirando-nos de uma zona de conforto para uma situação crítica e insuportável. Isso tudo, porém, requer ainda um preparo intelectual e psicológico, pois autodescobrimento é uma atividade que exige vontade e inteligência.

Se há imensuráveis ganhos em sermos bem conduzidos nas tarefas e circunstâncias do nosso dia a dia, de igual maneira podemos pensar que para a nossa escalada evolutiva muito podemos nos valer do aprendizado coletivo. As pessoas nos exemplificam suas virtudes e qualidades da mesma forma que nos servem de modelo e alerta para não cairmos em suas fraquezas. Temos bastante o que aprender com nossos semelhantes.

Igualmente num processo de autodescobrimento, é perfeitamente

factível que nos beneficiemos dos degraus já alcançados por aqueles a quem reconhecemos mais adiantados. E como a vida nos põe frente a pessoas e a eventos tão extraordinários para nosso crescimento moral!

Por que nos fechar numa redoma de orgulho e vaidade, negando a graça de sermos interdependentes? Por que não aproveitarmos os exemplos concedidos pela Natureza, se a lei é a de ora sermos conduzidos e ora conduzir?

Busquemos então os bons exemplos, como subsídios para nossa reflexão, a fim de que avancemos na estrada evolutiva, rumo à felicidade.

Capítulo 2

Síntese de conduta

Como o leitor deve estar ciente, este autor é espírita e, naturalmente, por ter convicções de que os conceitos do Espiritismo melhor me norteiam na estrada evolutiva, escrevo em conformidade com sua síntese, pois, do contrário, estaria sendo ou contradito com minhas concepções, ou leviano — tanto com a doutrina que professo, quanto para com o leitor.

Portanto, ciente de que este trabalho pode influenciar consciências, a questão do momento para o leitor é: como posso estar certo de que este programa poderá me conduzir para um bom caminho?

A resposta está na síntese de conduta que aqui se propõe. Logo, o amigo deve examinar tal síntese e ponderar se ela se justifica. Se essa síntese não justificar seu anseio, ou se pôr em suspeita a sua essência, então ela não é confiável, da mesma forma que o restante das exposições aqui. Porém, se a síntese for satisfatória, confiável e servir de boa medida para uma condução, bastará ponderar se em todo o processo dessa dissertação as ideias aqui apresentadas são compatíveis com a síntese proposta. Em suma, não se trata de fé ou depósito de confiança em alguém ou em qualquer doutrina; trata-se de um processo racional, pelo valor concreto das ideias.

A grande síntese

Ora, a grande síntese a conduzir esta obra é aquela que a Doutrina Espírita abraçou como modelo máximo de conduta mortal: o mandamento do **Cristo**, que se resume em "**Amar; amar a todos; amar a todos como a si mesmo**". Então, quando o Espiritismo diz que Jesus é o guia e modelo para a humanidade, não está referindo-se conceitualmente na pessoa do Mestre da Galileia, mas exatamente naquele mandamento por ele proclamado — embora os Espíritos tenham dado o testemunho de que Jesus é a autoridade maior instituída por Deus para a hierarquia terrena, espécie de governador planetário.

O valor dessa síntese não está posta incondicionalmente na fonte, quer dizer, naquele que a promulgou — Jesus —, mas na força filosófica dessa sentença que ninguém, em sã consciência, ousa divergir.

Contudo, conquanto pareça desnecessário, convém destrinchar essa síntese, a fim de que nada fique dubitável.

O mandamento maior

Assim transcreveram Jesus:

Um doutor da lei interrogou Jesus, para experimentá-lo, dizendo:

— Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

E Jesus disse-lhe:

— Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

Mateus, 22:35-40

Compreendendo o contexto histórico, lemos o Messias falando de uma maneira um tanto religiosa, colocando a condição de amar a Divindade acima de tudo — que ele enumerou como o primeiro mandamento —, embora, em seguida, ao anunciar o segundo, ele iguale as duas orações. Ou seja, amar ao próximo é semelhante a amar a Deus, pois que, filosoficamente falando, é impossível cumprir um e ignorar o outro mandamento. Contudo, para respeitar as tradições culturais daquele povo rude, o Cristo viu-se obrigado a patentear a supremacia de Deus sobre tudo e sobre todos.

Em suma, aqui temos a excelssitude do verbo **amar**, como primeira pilastra da nossa síntese. E isto deveria bastar para nós. Quer dizer, bastaria que conservássemos simplesmente o verbo amar como a maior síntese de todos os tempos, compreendendo que tal mandamento sirva em lugar de "amar a Deus", "amar a todos" e "amar a tudo" — simplesmente amar, como resposta para tudo.

Para aquele momento, porém, era preciso detalhar "amar ao próximo", pois que os Judeus delimitavam seus relacionamentos. Para eles, Javé era judeu e sua gente era composta pelos consagrados à sua raça — o que não se limitava necessariamente às ligações consanguíneas, pois, por exemplo, os filhos bastardos dos homens judeus com outras raças não eram considerados de casa.

Ao estender o amor ao próximo, Jesus inaugurou a globalização, a fraternidade terrena como uma raça única, sem fronteiras étnicas, sociais ou geográficas: passamos todos a sermos irmãos, de igual valor e por isso

merecedores do amor mútuo. E apesar de sua límpida linguagem, Jesus foi interrogado pelos conterrâneos "quem é o meu próximo?". E lá vai ele pormenorizar que o próximo é todo quanto aquele com quem nos depararmos, seja ele quem for e de onde venha. Para tanto, usou a parábola do bom samaritano, ilustrando "É para amarmos os samaritanos também" (os judeus viam o povo da Samaria com muita antipatia). E para não restar qualquer questão, disse ainda para amarmos até os inimigos. Então, **amar a todos** é a nossa segunda pilastra.

Ainda sobre esse tópico, acrescento que o *amar a todos* inclui amar as coisas, não no sentido materialista, consumista, mas sim de respeitar a Natureza. Então, o desleixo com o meio ambiente, com os animais, com o corpo, com os bens materiais e com as coisas em geral é sinal de imperfeição. Tudo o que há no Universo tem uma aplicação prática necessária, justa e boa, portanto, devemos respeitar sua existência. Tanto a água potável, quanto a água salobra do mar, quanto o lodo dos pântanos têm sua razão de ser.

A terceira pilastra da nossa síntese é uma resposta ao que interrogaram a Jesus: "sei que devo amar e que devo amar a todos, mas, com efeito, como fazê-lo e como saber que estou cumprindo-o com exatidão?"

A resposta é lacônica e absoluta: **amar ao próximo como a si mesmo**, quer dizer, fazer aos outros aquilo que gostaríamos que eles nos fizessem. Numa palavra: **altruísmo**. Portanto, examinando a situação e me colocando no lugar do outro, eu saberei agir para com ele da melhor forma, pois é o melhor que esperamos dos nossos semelhantes.

Gostamos de ser amados? — então, amemos; nós gostamos de ser compreendidos? — então, compreendamos os demais. Gostamos de ser perdoados? — perdoemos a todos...

Qualquer um que desconsiderar a exatidão dessa síntese terá um entrave natural para continuar com seu autodescobrimento. É imprescindível concebê-lo e tomá-lo, não por obrigação religiosa ou dever social, mas como objetivo primordial e satisfação de vida.

O imperativo do Amor é a síntese de tudo.

Aquele que já despertou para a consciência dessa sentença e propõe a si mesmo cumpri-la demonstra um caráter bastante adiantado. Pelas configurações desta geração, ainda está suscetível de certas imperfeições, porém já tem condições bastante consistentes de graduar-se em seu autodescobrimento e, por conseguinte, subir os degraus da escada da felicidade espiritual.

Aqui nos vemos na necessidade de desmistificarmos a figura de Jesus e a sua doutrina — que foi usurpada sob o nome **Cristianismo**.

Desde a fundação da Igreja Católica Romana, passando pela Reforma

Protestante, o Ocidente tem consagrado um modelo muito errôneo e irracional do Cristo e do seu Evangelho — a Boa Nova —, resultando em fanatismo ou incredulidade. A máxima crística foi substituída por dogmas e cultos externos (batismo, crisma, eucaristia, confissão, etc.).

O essencial — a grande síntese — deu lugar ao ritualismo.

Essa influência é tão forte que, possivelmente, dentre muitos os leitores que estão lendo este trabalho, tendo sido educados nessa doutrina opressora, devem estar meio aflitos com a possibilidade de estarem *pecando contra Jesus* por enveredar por outro caminho que não aquele ditado por aqueles que intitulam a si mesmos "representantes de Deus na Terra" — como se detivessem uma procuração expressão para determinarem neste mundo o quem queiram, obrigando o Céu a confirmar as suas vontades.

Portanto, num processo de autodescobrimento, é preciso se desprender desses atavismos e se dar o direito de pôr tudo à prova, conforme a razão e a lógica, sem preconceitos — nem aceitando tudo de pronto e nem desdenhando nada —, sempre tendo em foco primordialmente a grande síntese: a prática do amor. Mantendo o espírito de caridade, até do que errarmos nós colheremos bons frutos. E assim sendo, certamente, Deus nos perdoará.

Capítulo 3

Tradições

O amigo leitor, por uma razão qualquer, chegou a essa obra e nesta hora percorre os olhos sobre esse texto, carregando em si certos interesses e curiosidades. Sendo esse livro de teor filosófico, suponho que a intenção principal de sua leitura seja o de refletir sobre questões concernentes a respostas acerca da vida, sua origem e destinação. Para tanto, o amigo já traz em si indagações, formuladas pela observação das coisas, enfim, pelas experiências colhidas *nessa atual existência carnal*. Traz ainda seus sentimentos e suas emoções particulares, por exemplo, possivelmente certa dose de ansiedade por respostas. Além disso, é fato que o amigo já tenha alcançado habilidades tais que o possibilitem a posição atual, por exemplo, saber ler. Em suma, o amigo leitor já está um tanto construído, um tanto carregado de conteúdo, e grande parte de si se deve às tradições colhidas nesse mundo. Ou seja, uma porção enorme do amigo é, na verdade, produto do meio em que vive, sem que tenha sido diretamente obra sua. O idioma que falamos, a habilidade da leitura, as técnicas de que nos servimos nas atividades cotidianas e as capacidades instintivas são aquisições cuja origem foge de nossa natureza individual. Portanto, é lícito considerarmos que o **Universo é maior do que a nossa individualidade**.

Despertando para a vida

É mais ou menos na tumultuada fase da adolescência que começamos a nos dar conta da importância real da vida, e aí percebemos que já acumulamos alguns anos de existência, o que implica dizer que, por esse tempo, vivemos basicamente em função das condições e tradições que nos cercam; que fomos gerados, que comemos, que vestimos e que fomos conduzidos pelo concurso alheio. Compreendemos então que não somos absolutamente autônomos, pois que ninguém gera a si próprio, nem nos foi possível nos conduzir com liberdade desde o princípio e nem tivemos participação absoluta na conjuntura do mundo

ao qual fomos inseridos. Ao contrário, somos muito dependentes de uma natureza já posta e que só depois e paulatinamente começamos a compreender.

Por que há uma configuração já mais ou menos estabelecida e, portanto, tradições consagradas, muitas pessoas percorrem sua trajetória terrena no automatismo das necessidades fisiológicas básicas, sem maiores preocupações além do que basicamente comer, beber e dormir — seja por puro comodismo (mediante um aparente bem-estar), por falta de imaginação e de ousadia, ou (por uma ótica mais pessimista) por supor que tudo o que está feito é definitivo e, por conseguinte, imutável.

E para o amigo leitor? Como é a realidade? Que dizer da vida e da conjuntura do Mundo?

A quem pertencemos; o que somos

O planeta Terra é repleto de variedades culturais, de forma que a vida de quem nasce e cresce no Brasil é bastante diversa daquela de quem nasceu e cresceu, por exemplo, no Afeganistão. Mesmo dentro do território brasileiro, há Regiões cujos costumes são bastante distintos uns dos outros. E, para não precisarmos ir mais além, podemos deduzir que nas grandes metrópoles pode haver gritantes diferenças entre o cotidiano de um bairro para outro.

Com efeito, sabendo que grande parte de nós é composta pelo que absorvermos do nosso meio, somos forçados a convir que aquilo que somos depende de onde fomos colocados e que bem diferente seríamos caso tivéssemos nascido e crescido dentro de outras culturas.

A pergunta é: **o quanto de nós realmente nos pertence e o quanto somos em função das tradições que nos cercam?**

O Brasil é um país multicultural, onde há enorme liberdade social, cultural e religiosa. Aqui, tradições e culturas se convivem e se mesclam com bastante facilidade. O brasileiro é então multifacial, a ponto de ninguém ficar escandalizado quando qualquer indivíduo comum migra de tradição — por exemplo, quando alguém troca de religião.

Provavelmente, dos leitores que se dedicam a essa leitura, a sua maioria seja espírita. Contudo, não me surpreenderia o fato de este leitor ser ou ter qualquer outra tendência religiosa. Entretanto, pense comigo: se fosse o caso de o amigo ter nascido no Irã, possivelmente seria então mais um mulçumano mais ou menos fanático. Imagine qualquer líder religioso brasileiro da atualidade, um padre católico, bispo evangélico, alguém que defenda com fervor sua respectiva crença e aponte os mais mirabolantes conceitos para justificar sua fé... E agora, pela força de sua imaginação, faça-o nascer na República Islâmica do Irã e ei-lo então um seguidor do Alcorão — fruto da

tradição religiosa lá imposta. Faça-o nascer no Japão e o contemple agora sendo um budista. E essa relação não se limita apenas ao âmbito religioso: se pensarmos que o presidente John Kennedy tivesse nascido na antiga União Soviética, veríamos aquele americano possivelmente professando e lutando em favor do Comunismo. Nascido e educado na casa de Adolf Hitler, por que ele não seria mais um nazista?

Baseado nesse raciocínio, vemos **o quanto as tradições implicam na personalidade, na crença e no comportamento das pessoas.**

Possibilidades

Em virtude de gozarmos da liberdade que ora desfrutamos, podemos estudar, pesquisar, refletir e tomar rumos conforme nossa vontade. Temos livre-arbítrio e dispomos de uma gama de subsídios (livros, vídeos, internet, etc.) para nosso enriquecimento pessoal, sem maiores choques. Porém, houve um tempo em que desafiar as tradições — especialmente as tradições religiosas — era praticamente impensável e absolutamente perigoso. Mais triste ainda é sabermos que ainda há em nosso orbe regiões onde tais circunstâncias imperam fortemente.

Seguir as tradições — quer dizer, participar do **senso comum** — parece cômodo e algumas vezes até mais seguro e agradável. Todavia, chega o tempo em que somos cobrados pela própria consciência em razão de as explicações tradicionais não mais satisfazerem à lógica, que nos surge naturalmente, da mesma forma que, inexoravelmente, um dia, a conjuntura atual nos perturbará. Aliás, o natural mesmo é que **uma estranha inquietação consciencial nos persiga constantemente, fazendo-nos nos mover em atenção ao dever**, ou seja, para o que estar por vir, para as constantes transformações — pois, observando o processo de mutação do mundo e das próprias pessoas, somos forçados a crer que também assim será com o curso das coisas pelos tempos sem fim.

Para uns, sair desse ciclo cômodo e vicioso das tradições é uma dor de parto, dentre outras razões, por causa da necessidade de abjurmarmos antigas crenças e conceitos que outrora defendíamos com fervor. Um exemplo clássico: mesmo com inquestionáveis evidências de que a Terra orbita em torno do Sol, a Igreja Católica demorou meio milênio para reconhecer essa verdade natural, pois os seus teólogos defendiam religiosamente o modelo aristotélico de que a Terra era o centro do Universo, justificando a interpretação literal de uma passagem bíblica em que Javé teria "parado o Sol" para favorecer o povo de Israel numa determinada batalha, pois que o combate noturno lhe era desfavorável.

O grande desafio

Aí está precisamente a primeira luta e provavelmente o maior desafio para o autodescobrimento: permitir-se estudar e questionar as tradições, *desconstruir-se* para então se reconstruir, saindo do senso comum para o **bom senso**, partir do raciocínio lógico e em acordo com a própria consciência.

E por que é desafiador questionar as tradições?

As coisas, como estão estabelecidas no nosso mundo, foram construídas em cima de certos interesses e, por isso, historicamente foram impostas pela força da espada. Consolidadas pelo tempo, elas se transformaram em tradições e ficaram enraizadas na cultura popular. Quebrar essas raízes implica em desafiar os interesses, ou, para ser mais prático, desafiar quem se beneficia da organização tal ela como está posta.

Estaria o amigo leitor disposto a essa tão ousada aventura?

Capítulo 4

O Mundo em mutação

"Nunca nos banhamos no mesmo rio" — disse certa vez o filósofo grego Heráclito, baseando-se na ideia de que, sendo o rio constituído de águas correntes, aquelas que nos banharam ontem não são mais as mesmas águas de hoje. A partir desse conceito, Heráclito promoveu sua tese acerca da mutação natural e constante do Mundo. A realidade em si, segundo aquele pensador, não existe concretamente, ou, digamos, a realidade é a própria mutação das coisas.

As coisas se modificam? Como podemos perceber a mudança das coisas? — Pela observação e comparação entre o antes e o depois dos eventos.

Observando e comparando os eventos ao nosso meio, mesmo que numa pequena faixa de tempo, vemos transformações no Mundo? — Ora, somente pelo movimento dos astros celestes, especialmente o Sol, verificamos quantas consequências, por exemplo, dia, noite; claridade, escuridão; calor, frio, etc.

Pela nossa própria experiência de vida, as transformações físicas promovidas em nosso corpo somático e pelas transformações psicológicas, vemos claramente o quanto é dinâmica a realidade.

Saindo do nosso pequeno mundinho, temos conhecimento histórico das modificações que se passaram na Terra. Quão diferente era a sociedade há um século, quanto mais há um milênio (o Brasil, por exemplo, nem era uma Nação nessa contagem de tempo).

Como o processo de autodescobrimento envolve a necessidade do conhecimento de si e do meio onde vivemos, uma complexidade aqui se apresenta: a de conhecermos a realidade através dos tempos, na mutação das coisas.

Memória individual e coletiva

Portanto, autoconhecimento exige um mergulho na História. Mas onde está a História? Como ter acesso a ela?

A História é acessada pela memória. A memória é, em suma, uma evocação ao passado, podendo ser registrada fisicamente — como tem sido — pelos livros e, mais recentemente, por mídias digitais. Como o processo historiográfico (o registro da História) começou a ser sistematicamente desenvolvido somente a partir do século XIX, para que os historiadores pudessem narrar os eventos mais antigos, eles se valeram de apanhados históricos, como escritos antigos, objetos arqueológicos e pesquisas científicas de diversas áreas, como da Química e das disciplinas geográficas.

Naturalmente, quanto mais remota a data, menos informações temos acerca dos eventos e da conjuntura do ambiente correspondente, de modo que a História, tal como foi registrada e é tradicionalmente transmitida, é bastante limitada e passível de muitos equívocos. Mesmo a nossa memória, considerando os eventos mais antigos, é bastante restrita e falível no resgate de nossas próprias lembranças.

Então, para adquirirmos o conhecimento do passado, anterior ao que nosso arquivo mnemônico nos dispõe, podemos nos valer dos registros da memória coletiva, ou seja, dos arquivos das pessoas ao nosso redor e do patrimônio histórico da Humanidade documentado nos livros e mídias.

Um detalhe por demais relevante é que a História oficial tem sido contada e recontada por versões que se confrontam. Ou seja, também os registros historiográficos não são absolutos: uma descoberta arqueológica ou um novo cálculo físico pode alterar os registros de um determinado episódio e mesmo reescrever a concepção de todo um povo.

As questões básicas agora são: o quanto podemos confiar na História? Estamos dispostos a reconsiderar da História oficial que nos é passada?

Evolução

Outro ponto relevante é: qual o curso das transformações no Mundo? Ou seja, para qual direção as coisas se encaminham?

Há quem diga que o Mundo esteja em constante melhora, da mesma forma como não falta quem reclame que as coisas estejam retrocedendo. Aqui não levaremos em conta as opiniões acerca das condições particulares, relativas à vida pessoal — no que podemos ver quão variadas são as circunstâncias —, mas sim e somente em relação à conjuntura da sociedade em geral e do Mundo como um todo. Também, para essa análise, não podemos nos prender a um curto período de tempo, mas, no sentido geral, considerando desde o princípio dos tempos de que temos conhecimento histórico aos dias atuais — e mesmo fazendo uma projeção para a sequência dos tempos. Nesse sentido, vemos que **há uma evolução natural na mutação do Mundo.**

Geofisicamente falando, a Terra se recondiciona para favorecer a vida. Segundo estudos científicos, este planeta já foi muito quente e em seguida foi resfriado em extensões tais que a forma humana nesses períodos era completamente impossibilitada de sobreviver. Mas essas fases tiveram sua razão de ser e foram justamente esses processos extremos que condicionaram os germens das formas primitivas de seres vivos que, mais tarde, propiciariam o organismo humano.

A Natureza trabalha para condicionar a vitalidade do planeta e dos seus habitantes. Ela então nos dá a inspiração para cremos na evolução das coisas.

Uma ressalva que normalmente se faz é quanto à capacidade destrutiva da Humanidade. Será que o homem é capaz de suplantar a força da Natureza e pôr em risco de todo o meio ambiente?

Particularmente, não admito essa possibilidade. A força maior que governa tudo e todos não permitiria. Se há quem despreze tanto assim a vida, há igualmente aqueles que a valorizam e a organização do Cosmos sabe distinguir isso muito bem.

Então, a vida prossegue e temos o caminho evolutivo a percorrer. E pelos apontamentos apresentados neste capítulo, sabemos do desafio de nos desconstruirmos para então nos reconstruirmos, respeitando o devido tempo para cada evento.

Capítulo 5

Do mito à lógica

Se hoje ainda nos é desafiador colocar em questão as tradições, imagine isso há três mil anos. Mas isso foi feito. Uma leva de pensadores surgiu na Grécia Antiga, cerca de seis séculos antes de Cristo, marcando uma nova fase na História da Humanidade e dando origem à **Filosofia**, em resposta à Mitologia.

Mitologia: respostas artísticas

A curiosidade é um atributo próprio do homem e em todos os tempos, desde o desabrochar da inteligência, ela os instigou à busca pela origem e organização do Universo, sendo que o primeiro degrau dessa escalada foi alcançado pela mitologia.

Crê-se que a cultura do mito surgiu como uma composição meramente artística e carregada de ensinamentos morais para fins didáticos. Por exemplo, o mito de Narciso (que morreu afogado contemplando a sua própria imagem refletida na água) é uma parábola que faz clara menção às más tendências do egoísmo e da vaidade.

Para tanto — e como recurso proposital da arte —, a criatividade deu vida a cenários fantásticos e acontecimentos extraordinários, chocantes e muitas vezes surreais, como background para a mensagem subliminarmente inserida nas historinhas. De alguma forma, porém, o que era para ser apenas adorno artístico se consagrou popularmente como resposta para a verdade das coisas.

Mitos e crenças foram traiçoeiramente reutilizados como ferramentas para alienação, controle e exploração dos povos, daí a razão por que era perigoso postar-se contra o senso comum. Era simples: bastava juntar meias verdades a uma boa narrativa, nela imprimir certas regras de comportamento e pronto! Para explicar o que não parecia racional, simplesmente, usava-se o artifício do sobrenatural. A magia — que exercia (e comumente ainda exerce) certo fascínio sobre as pessoas e instigava o imaginário popular — fazia a

conexão entre os pontos desconexos (desconhecidos ou sem lógica) pelas mais extraordinárias formas possíveis.

Filosofia: respostas racionais

Com o amadurecimento da capacidade intelectual humana, os homens começaram a buscar respostas racionais para os fenômenos naturais e, como consequência, para a gênese do Universo. Daí surgiu a Filosofia, a arte de buscar a verdade pelo amor à verdade e ao conhecimento — portanto, sem qualquer interesse particular. Sucedendo umas às outras, as diversas escolas filosóficas então desenvolveram uma crescente linha de pensamento racional.

Os primeiros filósofos se voltaram para a origem das coisas físicas. Logo após veio Sócrates e revolucionou a Filosofia trazendo o foco para a essência do homem, pois, conforme pensava o grego, sem compreender a si mesmo, como o homem poderia compreender o que está fora dele? ("Conhece a ti mesmo").

Em oposição às mais pretensiosas teses expostas em sua época, Sócrates instituiu suas ideias a partir da negação do conhecimento ("Só sei que nada sei") para justamente buscá-lo, através da sua **maiêutica**, que consiste na multiplicação de perguntas, induzindo o interlocutor na descoberta de suas próprias verdades e na conceituação geral de um objeto. Já não basta agora lançar uma ideia, é preciso explicá-la e submetê-la ao embate teórico. Por isso, quando alguém levantava algum sistema, este era sabatinado, até que se esgotassem as dúvidas, para então validar a ideia proposta, ou até chegar a um ponto que invalide a proposição.

Numa época em que fervilhavam ideias — muitas vezes controversas uma das outras —, Platão, discípulo de Sócrates, criou a fórmula da **dialética**, pela qual, através do debate, os interlocutores poderiam confrontar ideias opostas (tese e antítese) até que se chegue à ideia prevalecente resultante do diálogo (síntese).

Na sequência, veio Aristóteles, aluno de Platão, dizer que não basta lançar uma ideia e explicá-la, nem ganhar um debate teórico, mas sim explicar e demonstrar na prática. Daí ele criou a **Lógica** (ou **Analítica**), estabelecendo o princípio das ciências.

Doravante a Filosofia, a Mitologia voltou para o seu lugar — o patamar das artes — e as ideias foram levadas à racionalidade.

As trevas medievais

O Império Romano investiu na dominação do mundo, teve grandes

êxitos, mas depois entrou em declínio. Aproveitando-se da fé fervorosa dos seguidores de Jesus — o crucificado diante de Pilatos —, fundou a Igreja Católica Apostólica Romana, numa tentativa de reerguer seu poder com a ajuda daqueles potenciais soldados fieis, que, pela disposição de morrer pelo Cristo — como faziam —, provavelmente lutariam bravamente também em defesa do Império que levantasse a bandeira do Messias. Nesse ínterim, O pensamento da Filosofia Antiga foi eclipsado pela força bruta da Igreja, que então fundou a Filosofia Medieval — a **Escolástica** —, numa tentativa de conciliar seus dogmas com o pensamento racional dos gregos.

Contrariando o mandamento de amor e perdão selado pelo Cristo, por aproximadamente mil anos, as trevas da intolerância religiosa impôs a ferro e a fogo um catecismo desconexo sob a alegação de que o *poder divino* é superior à Filosofia terrena — como se Deus e a Filosofia estivessem em lados opostos. Quem ousasse discordar dos preceitos ditados pelo clero era passível de processo pelo Tribunal do Santo Ofício — também conhecido como **Inquisição** —, sendo uma das sentenças clássicas o ato de ser queimado vivo até a morte, em praça pública — além de ter a alma encomendada ao inferno.

O Renascimento

A Inquisição embarçou o progresso intelectual da Humanidade na Era Medieval, mas caiu ante a força das luzes. O movimento filosófico chamado **Renascimento** provocou revoluções nas nações civilizadas e a consequência disso foi a desestruturação do poder que a Igreja exercia sobre as nações. Livres para se expressar, os pensadores modernos impuseram uma nova ordem social. Resgataram o estudo da Antiga Filosofia grega e inauguraram novas escolas filosóficas em paralelo com a revolução científica. Desde então, o Catolicismo se tornou refém dos seus próprios erros e, como golpe fatal, assistiu ao surgimento do Movimento Protestante vindo de seu seio.

Por não encontrar consistência no modelo que a Igreja traçou de Deus — um ser ciumento, vingativo, sanguinário e falho —, bem como naquele esdrúxulo catecismo cristão representado pelos fanáticos eclesiásticos católicos e protestantes, os filósofos modernos remeteram as crenças religiosas à conta das mitologias e misticismos. Naqueles efervescentes séculos da segunda metade do primeiro milênio da Era Cristã, o homem havia matado Deus.

A Igreja perdeu influência sobre os Estados, mas não faliu; no entanto, aqueles que persistiam com suas crenças foram colocados no posto dos lunáticos e fanáticos. As academias e a classe intelectual se guiaram pela senda do materialismo, avessa a qualquer ideia fenomenal. Para estes, espiritualidade se tornou sinônimo de infantil credence. Enquanto as religiões desprezam a

natureza humana para valorizar o divino, a Filosofia voltou-se para o homem e a realidade física; as ciências puseram-se a perscrutar pelo bem-estar atual, longe do apelo religioso de um paraíso futuro.

Portanto, de maneira generalizada, a Filosofia cuidou de promover o processo de autoconhecimento da Humanidade.

Mas, então, o que a Filosofia descobriu sobre a essência do Universo e da nossa vida? A que conclusões os filósofos chegaram?

Capítulo 6

Síntese histórico-filosófica

De maneira informal, podemos definir assim a **Filosofia: arte de praticar o amor ao conhecimento**.

O filósofo é aquele que não se contenta em si, mas em filosofar. No entanto, filosofar não é um hobby, uma distração ou abstração: para o filósofo, praticar a Filosofia é o respirar, ou o degustar do *alimento espiritual*, sem a direta necessidade de qualquer outra vantagem.

De maneira prática, podemos pensar a Filosofia como o encadeamento lógico dos conhecimentos particulares de todos os segmentos dentro de certos critérios que universaliza o pensamento. Por exemplo, uma questão religiosa filosoficamente bem trabalhada vai ser submetida às consequências sob o ponto de vista de outros segmentos, e não exclusivamente o da religião. Peguemos a reencarnação, como demonstração: um religioso comum a apreciará (ou depreciará) em acordo com suas convicções religiosas; o sociólogo averiguará suas implicações políticas ao seu modo; o cientista se conterà a lhe investigar pela régua fria da ciência; o artista poderá revestir tal questão de forma bela, imaginária, mas talvez irreal. Já o filósofo, este buscará uma síntese holística, contemplando todas as circunstâncias, especialmente sob os segmentos elementares: ciência, política (ou social), arte e religião.

Na síntese deste capítulo, veremos o quanto a Filosofia contribuiu para a evolução da Humanidade, inclusive no campo material.

A essência das coisas

O marco do pensamento filosófico clássico é a **Cosmologia**, ou seja, a busca pela origem, estrutura e evolução do Universo — partindo de uma concepção mais física, material.

Acerca dessa primordial curiosidade diversas teses foram lançadas. Por exemplo, Tales de Mileto defendeu que a água como a matéria elementar e geradora de todas as substâncias; Anaxímenes propôs que fosse o ar; o fogo foi

a aposta de Heráclito; outras escolas levantaram a hipótese dos quatro elementos básicos (terra, ar, fogo e água); Demócrito arquitetou um sistema que dizia que tudo no Universo é composto de átomos e vazio.

Obviamente que aqueles primeiros pensadores da Grécia Antiga não saíram do círculo teórico. Porém, eles acenderam uma fogueira que jamais seria completamente apagada, da qual, mais tarde, viriam disciplinas fundamentais para a evolução da humanidade, como a Astronomia, Matemática, Geografia e Biologia. Daí, podemos imaginar que, sem aqueles primeiros passos, jamais chegaríamos às facilidades de que hoje sobejamente gozamos dos aparelhos telecomunicadores.

Esse pioneiro movimento filosófico causou grande empolgação por certo tempo e depois começou a definhar por duas razões básicas, a saber: primeiro, obviamente, pela falta de instrumentação, a resposta essencial da origem de tudo ficou insolúvel; segundo, um novo movimento emergiu e suplantou a pretensão daqueles pioneiros, que marcaram naquela **Filosofia Antiga** a fase denominada **Pré-Socrática**.

E que revolução foi essa que suplantou os pré-socráticos? Essa é fácil: o movimento **Pós-Socrático**, que veremos adiante.

Conhece a ti mesmo

Como pretender-se conhecer o Universo se não se conhece a si próprio — que, em si mesmo, já é um universo gigantescamente complexo?

Essa proposição levantada pela segunda geração de filósofos e especialmente consagrada na biografia de Sócrates foi a grande revolução que obliterou a Cosmologia da primeira geração.

Os pós-socráticos então propuseram a valorização do homem, como ser pensante, como igualmente a valorização da Filosofia — pois que ela é para os que pensam, sendo o Universo (as coisas físicas) acessório para esse novo sistema de reflexão. Acreditava-se então que a resposta para tudo estava na busca íntima, ou o autoconhecimento.

Foi nesse período que a linguagem ganhou **status e poder**. Ter oratória — ou seja, ter boa desenvoltura para expressar suas ideias — era determinante para a colocação social naqueles primeiros ensaios substanciais da vida social na História da Humanidade.

Dessa necessidade de colocação social nasceu a **retórica**, que é uma espécie de oratória, cuja finalidade elementar é a do convencimento. A diferença entre um e outro é basicamente a classificação que Sócrates imputou à escola dos sofistas (que difundiram a retórica): enganação. Quer dizer: no entender dos simpáticos à ideia de Sócrates, os retóricos usavam da perspicácia

dos recursos linguísticos para o convencimento de suas teorias, sem o escrúpulo da razão.

A solução aristotélica

O mundo então estava se dividido entre a cultura do mito — e as explicações fabulosas das crenças — e a do pensamento filosófico — baseado no pensamento racional.

Para os crentes, a fé seria a base de tudo; para os racionais, a crença somente seria válida quando explicada racionalmente. A questão era que alguns fenômenos inexplicáveis se sucediam de forma que sua existência não poderia ser desmentida — a linguagem mostrava-se incapaz de definir todas as coisas; de outra forma, havia sistemas teóricos muito bem engendrados e defendidos (de boa retórica) de forma que racionalmente não poderiam ser contestados, embora um se mostrasse antagônico a outros.

A resposta de Aristóteles foi a de que não basta crer e justificar teoricamente sua crença — porque tanto a crença quanto a teoria podem ser falsas, ou falseadas: é preciso experimentação efetiva. Daí, podemos considerar o nascimento da **ciência**, nos moldes positivos, donde o conceito é considerado válido enquanto sua demonstração prática for positiva.

Pronto! Parecia que havíamos chegado ao cume e tomado o trem da verdade das coisas. Porém...

A Era do hiato

Saindo do mundo de ilusões e fantasias — presente na Mitologia —, os filósofos deram partida no processo de valorização do Homem, tal como ele é (sem a utopia de um dia se tornar um dos deuses do Olimpo), e de valorização da realidade, tal como ela se apresenta (sem as intervenções místicas dos deuses). Só nisso já podemos reconhecer um ganho incalculável.

Passado o período de sua infância (da Mitologia), quando a filosofia começava a penetrar no conhecimento prático das coisas, pela experimentação científica, a Humanidade assistiu à vinda da fase opressora da Escolástica, que foi um modelo (pseudo)filosófico imposto pela Igreja Católica Apostólica Romana, pelo qual o foco de estudo era bruscamente redirecionado — do Homem e da realidade humana para Deus e para a espiritualidade.

De uma hora para outra, o Homem passou a não valer nada e a Terra foi colocada na conta de um lamaçal pernicioso, tanto que nem as mais caridosas obras humanas significam qualquer coisa, pois que a salvação espiritual — que poderia ser um pretexto para nossa boa conduta — estaria então sujeita

somente à misericórdia de Deus, bastando ao homem firmar sua fé, ter resignação frente aos desígnios de Deus e esperar sua sorte (o céu ou o inferno).

Ora, se nada que os homens fizessem implicaria no seu destino, por que então pensar em se melhorar, em evoluir intelectualmente, em trabalhar para o progresso do Mundo? O Mundo, aliás, nada mais teria o que ganhar; não haveria mais evolução e a sina de todos nós era a da destruição apocalíptica.

Para o pensamento medieval, tudo estava consumado na História da Humanidade, exceto pelo seu capítulo derradeiro: o Juízo Final — que não tardaria. Até lá, além disso, cabia ao povo obedecer à Igreja, que se portava como pedágio para a futura morada celeste, de cujo preço era praticamente impagável para as massas.

Os pensadores modernos

Felizmente, essa Era de barbárie se passou e, desde os renascentistas (a partir do século XV), o Homem voltou a ter significado, bem como o Mundo em que vive recobrou seu interesse. Ora, sendo a raça humana e o orbe terrestre obras da Divindade, justo é pensarmos que eles têm valor, pois que Deus não criaria nada que não fosse digno de sua assinatura; além disso, dar a devida importância aos indivíduos e às coisas — que são obras do Ser Supremo — não poderia desmerecer o Criador, correto?

A primeira fase mais consistente da retomada da discussão filosófica livre foi exatamente assentar as bases dos procedimentos para se bem filosofar, leia-se: como pensar filosoficamente. Aí entra em cena o francês René Descartes e o seu método racional. Dividido em quatro partes, o **método cartesiano** consiste em:

- 1) Coletar e peneirar as ideias tidas como certas;
- 2) Dividir em tantas categorias quanto possível e necessário for para facilitar a análise (um princípio admitido pela Biologia, por exemplo, para ser verdadeiro, carece estar em harmonia com as demais disciplinas);
- 3) Sintetizar as conclusões, partindo do mais simples e fácil ao mais complexo e difícil;
- 4) Revisar e ordenar minuciosamente as conclusões, garantindo a coesão geral do pensamento, eliminando quaisquer controvérsias.

A formulação das ideias se dá por recursos práticos, tais como:

- **Indução:** processo de raciocínio pelo qual um conceito ou experiência particular é generalizada, partindo do efeito para a causa, observando

as partes para chegar à ideia de um todo. Exemplo:

Provei um caqui do meu pomar e constatei que era doce. (particular)

Os caquis do meu pomar são doces. (universal).

- **Dedução:** processo de raciocínio pelo qual se extrai conclusões de uma ideia universal para o particular mediante as premissas dadas. Exemplo:

Os alimentos são nutritivos. (premissa universal)

Caqui é uma fruta. (premissa particular)

Caqui é um alimento nutritivo. (dedução)

- **Enumeração:** revisão e reelaboração dos conceitos (se as induções e deduções aplicadas convergem para uma lógica concreta), pois, por exemplo, pode haver algum caqui no pomar que não seja doce; o valor nutritivo de um determinado caqui está condicionado a fatores, por exemplo, como a sua conservação.

Seu sistema teve grande repercussão e influenciou gerações e gerações de pensadores, condicionando importantes ganhos para o desenvolvimento da Filosofia e das ciências em geral. O trem da verdade estava nos trilhos.

Contudo, duas correntes muito fortes acompanharam a gestação da Filosofia Moderna, a saber: a cisão com a religião e o materialismo.

A cisão entre ciência e religião era perfeitamente compreensível: os religiosos viam o "poder de Deus na Terra" ser ameaçado pelas façanhas da inteligência humana. Da parte dos cientistas, havia o temor de o Estado voltar a ser controlado pelos líderes religiosos e, por conseguinte, novamente a liberdade de estudo e pesquisa ser cerceado. Um abismo intransponível se estabeleceu entre as partes, recrudescendo em ambos os lados uma antipatia. Fixou-se que a religião seria perpetuamente contra o progresso científico, bem como este seria cada vez mais anticristo.

A questão do materialismo igualmente merece uma avaliação mais detalhada. As sucessivas descobertas e invenções científicas profetizavam um bem-estar material como jamais se pensara, aflorando um sentimento popular de consumismo. De repente, a medicina parecia eclipsar a necessidade do milagre; a matemática parecia preparar uma equação que extinguisse as desigualdades sociais; a agronomia parecia reservar uma sequência de safras tão pomposas que iria fartar a todos os povos; enfim, a capacidade humana parecia suplantar as "graças espirituais". Todavia, apesar das conquistas práticas, os problemas sociais se agigantavam cada vez mais.

A busca pelas imediatistas soluções materiais ofuscou a busca filosófica. O resultado disso foi o advento de revoluções civis e guerras, isto porque, desde que os conhecimentos específicos se emanciparam da Filosofia e se tornaram

ramos científicos basicamente profissionais, seus agentes naturalmente se comprometeram com determinados interesses, diferenciando-se daquele ofício voluntário do filósofo. Esse afastamento se deu até pelas necessidades das circunstâncias, pois que, ao contrário do filósofo, que tem como instrumentação elementar o próprio pensamento, o cientista requer de outros aparatos — noutras palavras: recursos financeiros.

A partir de então, a Filosofia passou a ter um papel muito subjetivo no contexto da realidade moderna, especialmente em razão de ela — além de não ter equacionado as suas velhas questões — não ter feito mais do que multiplicar as indagações.

Por que em geral se cuida tão pouco da vida futura? Trata-se, no entanto, de uma atualidade, pois que todos os dias milhares de homens partem para esse destino desconhecido. Como cada um de nós tem de partir e podendo a hora da partida soar de um momento para outro, parece natural que todos se preocupem com o que sucederá. Por que não se dá isso? Precisamente porque o destino é desconhecido e porque, até ao presente, ninguém tinha meio de conhecê-lo. A Ciência, inexorável, o desalojou dos lugares onde o tinham limitado. Ele está perto? Está longe? Acha-se perdido no infinito? As filosofias antigas nada respondem, porque nada sabem a respeito. Diz-se então: “Será o que for”. Indiferença.

OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec - *A vida futura*

Apesar disso, será o caso de dizermos hoje que a Filosofia definitivamente morreu?

Longe disso. Primeiramente porque esses três últimos séculos de revolucionárias conquistas científicas (dentre as quais eu destaco em especial a informática) fez ser crescente a angústia humana por um algo mais que o homem — esgotado do consumismo — não encontrou nas coisas. E é essa angústia que agora arrasta os pensadores da Nova Era (aqueles mais descomprometidos com os interesses materialistas e mais livres dos preconceitos) de volta às questões filosóficas da essência humana, entretanto, doravante, aliando ciência e espiritualidade. É um fato, portanto, as grandes academias do mundo inteiro abrirem-se para estudar os fenômenos espirituais. O que se pode esperar dessa aliança — embora, não a curto a prazo — é um substancial avanço no conhecimento da Humanidade e, conseqüentemente, reflexos positivos no comportamento moral da sociedade.

Seja bem-vinda a Nova Era!

Capítulo 7

Revelação Espírita

Os tradicionais livros didáticos de História distribuídos nas escolas brasileiras pularam um importante evento na historiografia da evolução da Humanidade: o movimento neoespiritual do século XIX, por isso persiste uma maciça ignorância acerca do Espiritismo, uma vez que sua gestação se deu exatamente naquele período.

A omissão parece ser proposital, atendendo ao jogo de interesses diversos. As religiões constituídas pretenderam com isso justamente ocultar a Doutrina Espírita; os cientistas materialistas recusaram se submeter ao que julgaram ser mais uma crença religiosista. O prejuízo é enorme para todos.

Como o ensino regular é orientado, não para formar pensadores, mas para catequizar os alunos de acordo com os conceitos de quem dita as matérias, fora do currículo escolar, a chance da grande massa conhecer a revelação espírita se reduz aos conceitos populares — que são repletos de misticismo e preconceitos.

Não é o caso de esperarmos que as escolas públicas façam apologia ao Espiritismo. Não, absolutamente. No entanto, o mínimo que os historiadores deveriam fazer é registrar, com o devido valor, o grande acontecimento daquele século, posto que foi um verdadeiro surto de fenômenos espirituais com desdobramentos importantíssimos para as sociedades de então. Ainda que todas as manifestações referidas àquele período fossem todas falsas, a sua repercussão justifica a inclusão nos livros de História sim, conforme ficará bem demonstrado a seguir.

O fracasso das religiões

Os ocidentais contemporâneos do século XIX viviam sob um conflito existencial: de um lado, os religiosos fanáticos; do outro, pensadores materialistas.

Sob o ponto de vista social, as experiências teocráticas foram todas

desastrosas. As nações governadas sob as bandeiras religiosas (Catolicismo, Protestantismo, Islamismo etc.) eram perfeitos exemplos de que aquele espiritualismo era um fracasso — oportunos para o clero, mas flagelantes para as grandes massas. O cenário comum era de miséria, injustiça, guerra e todo tipo de infortúnios, confrontando-se com a opulência dos líderes religiosos.

O pior de tudo, porém, não eram as consequências sociais — facilmente atribuível às ruindades dos homens —, mas sim a incongruência das teses religiosas sob o ponto de vista filosófico. Por mais que os doutores das leis se esforçassem para encontrar um ponto de equilíbrio teórico para sustentar a fé naqueles conceitos irracionais, jamais solucionaram as incompatibilidades dos argumentos religiosos. Restava impor a religião à força da espada e cobrar cega credulidade — *o crer para ver*.

A revolução científica

A derrubada do absolutismo religioso deu vez ao surgimento da Filosofia Moderna, da revalorização do homem e do ambiente físico. Por conseguinte, despontou a revolução científica. Das discussões sobre a essência e evolução antropológica brotam as descobertas e invenções práticas que incutiram no meio comum o gosto e a fé no bem-estar material. Ao contrário de se esperar a comiseração espiritual e a felicidade pós-morte, por que não gozar a vida agora e já, sem códigos religiosos e sem culpas? E isso não meramente pelo fato das inteligências humanas terem chegado a grandes êxitos tecnológicos, mas também — talvez, principalmente — porque as teologias então vigentes não conseguiam respaldo racional para suas crenças. Na alegoria do filósofo Nietzsche, naquele século XIX, o homem matou Deus.

"Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós! Como haveremos de nos consolar, nós os algozes dos algozes? O que o mundo possuiu, até agora, de mais sagrado e mais poderoso sucumbiu exangue aos golpes das nossas lâminas. Quem nos limpará desse sangue? Qual a água que nos lavará? Que solenidades de desagravo, que jogos sagrados haveremos de inventar? A grandiosidade deste ato não será demasiada para nós? Não teremos de nos tornar nós próprios deuses, para parecermos apenas dignos dele? Nunca existiu ato mais grandioso, e, quem quer que nasça depois de nós, passará a fazer parte, mercê deste ato, de uma história superior a toda a história até hoje!"

"ASSIM FALAVA ZARATUSTRÁ", Friedrich Nietzsche

Neoespiritualismo

Quis Deus enviar aos homens mais um forte sinal da Natureza superior e isso se deu com o Neoespiritualismo. O detalhe elementar aqui é que, como a

natureza física é inferior à espiritualidade, é esta última quem necessariamente deve se apresentar e dar evidências de si mesma. E as evidências foram dadas.

Uma verdadeira invasão espiritual deu-se na Terra em meados do século XIX. Exuberantes manifestações físicas e inteligentes foram registradas. Materializações de formas espirituais (pela condensação de ectoplasma), movimentação de objetos, levitação de pessoas, pancadas e inúmeros outros fenômenos provocados pelos Espíritos escandalizaram as academias. Esses insólitos eventos foram examinados, estudados e submetidos aos mais rígidos padrões de pesquisa científica. Exceção feita aos casos de charlatanismo, os fenômenos evidenciaram haver uma força extra-humano, não simplesmente de ordem física, como a força da gravidade, das ondas magnéticas. Continuar negando os Espíritos passou a ser ou por desinformação, ou por preconceito ou por escuso interesse.

Agora, retomemos a questão: por que registrar o Neoespiritualismo nos livros de História?

Entre outras razões:

- **Fenômeno global:** os fenômenos foram observados em todos os continentes da Terra;
- **Longa duração:** a febre das mesas girantes e das sessões públicas durou aproximadamente seis décadas;
- **Grande repercussão:** tanto no meio social como na classe científica, os fenômenos ocuparam um papel de destaque;
- **Farta documentação:** há infinitas e variadas fontes que asseguram a autenticidade das manifestações neoespirituais;
- **Envolvimento:** ilustres personalidades e respeitáveis instituições se ocuparam com a pesquisa acerca dos fenômenos.

Acerca da autenticidade e da importância das manifestações espirituais do século XIX o leitor poderá consultar diversas fontes — inclusive não espíritas — e então tirar as próprias conclusões, que é o que fazemos para conhecer os eventos históricos. Arrisco sugerir duas dicas.

A primeira é o livro "**A HISTÓRIA DO ESPIRITUALISMO**", escrita por Sir Arthur Conan Doyle (o célebre escritor criador do famoso personagem Sherlock Holmes). Apesar de o título da tradução para o português citar *Espiritismo*, o original diz *Spiritualism*, com justeza, pois a obra se dedica a fazer um apanhado sobre todos os grandes movimentos espiritualistas daquela época. Adiante eu disserto sobre a diferença entre Espiritismo e Espiritualismo.

A outra dica é o documentário "Science and the Seance" ("A ciência e as sessões espíritas"), produzido em 2010 pela rede de televisão britânica BBC.

Recuperando evidências inéditas, esse roteiro defende que os fenômenos neoespirituais foram o maior acontecimento do século XIX, resultando em duas extraordinárias consequências: 1) o resgate da fé, no campo filosófico e religioso; e 2) no campo material, o incentivo para a tecnologia — o documentário defende que as maiores invenções na área das telecomunicações surgiram a partir do interesse de registrar o contato com o mundo dos Espíritos.

Codificação espírita

A série de fenômenos neoespirituais não veio somente provar a existência espiritual, mas também — como contribuição à evolução humana — deixar um código de instruções morais, de teor filosófico e religioso. Esses novos ensinamentos acerca das leis espirituais não foram ditados para serem obedecidos, como que por obrigação religiosa, e sim para serem compreendidos e, a partir daí, serem postos em prática, mediante nossa própria consciência.

O que aqueles Espíritos manifestantes propagaram pelos quatro cantos do mundo foi interpretado, transcrito e transformado em diversas seitas. Contudo, um estudo muito bem apurado acabou por fundamentar a **Doutrina Espírita**, ou seja, o **Espiritismo**. O principal responsável por esse trabalho foi Allan Kardec.

Homem da ciência, pedagogo de ofício e personalidade irrepreensível, Kardec concentrou-se em examinar os fenômenos sob o ponto de vista físico e, alcançando as consequências filosóficas que deles dimanavam, codificou de forma excepcional aqueles riquíssimos ensinamentos, abrangendo as mais variadas áreas do conhecimento e atingindo os mais vastos interesses. Desde a monumental obra "**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**", é imensurável a contribuição kardequiana para a evolução humana. Com efeito, embora muito nos falta ainda, nós ganhamos com a Doutrina Espírita uma boa base para compreendermos a nossa essência e as leis universais, solucionando questões que nem as religiões tradicionais, nem a Filosofia e nem a Ciência isoladamente conseguem tocar.

Espiritismo e Espiritualismo

Aqui se faz necessário destacarmos a distinção entre Espiritismo e Espiritualismo.

Espiritualismo é uma doutrina que tem como princípio básico a vida espiritual. No geral, todas as correntes religiosas são espiritualistas, pois estão

juntas na ideia de que há continuação da vida após a morte. Dentro do sistema espiritualista há muitas variações, cada qual interpretando particularmente como é a vida espiritual e defendendo convicções próprias para se chegar até lá. Os católicos, por exemplo, defendem que na vida espiritual haja diversos departamentos (céu, inferno, purgatório, limbo); os reformistas protestantes apontam para apenas duas opções: céu ou inferno.

Espiritismo é uma doutrina também espiritualista, mas que tem suas concepções específicas. Diferentemente do Catolicismo, por exemplo, defende a reencarnação, o intercâmbio entre encarnados e desencarnados, a evolução espiritual e a perfeição como meta inevitável para todos os Espíritos.

Por que estão juntas em certas ideias, é comum que se confunda uma doutrina com as demais. No entanto, essa confusão pode gerar falsas interpretações. Por exemplo: em razão dos espíritas praticarem a mediunidade, muitas pessoas põem na conta do Espiritismo toda e qualquer sessão mediúnica. Outra confusão que erroneamente se faz é medir a doutrina unicamente pela conduta de um praticante — ou, suposto praticante.

Novas perspectivas

Diante dessas evidências da espiritualidade e, especialmente, da abertura de uma interação entre encarnados e desencarnados, é razoável pensarmos que novas perspectivas devam se abrir para a Humanidade. Agora é **ver para crer**.

O que se coloca então é: vendo e se certificando da realidade espiritual e das oportunidades através do intercâmbio espiritual, que consequências nos imporemos doravante?

Capítulo 8

Introspecção

Podemos imaginar que os filósofos modernos começaram a trabalhar o autodescobrimento pelo simples exercício do pensamento, partindo do zero, ou do menor elemento possível das ideias, cujo modelo de introspecção nós propomos adiante.

Estar consciencial

Se pudéssemos fazer um *restart* da mente, tal como se nossa vida principiasse a partir do momento em que propomos esse exercício, livrandonos de preconceitos (ideias fixas que tomamos de pronto como verdades e conceitos absorvidos pelas tradições), mas preservando a nossa capacidade intelectual já alcançada, chegaríamos de pronto à percepção de que **estamos vivos**, mediante justamente nossa capacidade de pensar, ou seja, porque percebemos a vida, pois não basta estar vivo — o que seria simplesmente vegetar —, mas, além disso, é imprescindível ter consciência dessa maravilha que é viver. Foi essa a primeira constatação lógica que levou o filósofo francês René Descartes a celebrar a frase “Penso, logo, existo”.

Pensamos em função de sermos um **Ser**, uma Consciência, um “Eu”, uma identidade individual exclusiva. Descobrimos então que temos o poder de manipular a potência do nosso pensamento, criando ideias desejadas ou dando novos rumos a quaisquer outras que nos surjam involuntariamente (e não é verdade que alguns de nossos pensamentos nos sobrevêm sem que tenham sido elaboradas pelo nosso consciente?).

Descobrimos ainda que somos inteligentes (já que exercemos influência na condução das ideias) e que gozamos da liberdade de pensamento.

Se tivermos uma mente já bem ativa, poderemos criar todo um Universo particular, inventar um reinado próprio, elaborar histórias e criar um cotidiano, como se fôssemos deuses — ainda que esse mundo seja apenas uma ficção dentro da nossa própria casa mental.

Mas então, um problema filosófico logo se configura acerca da essência do Ser: desde quando o indivíduo é constituído? Pois, se levarmos ao pé da letra a expressão "Penso, logo, existo", seremos forçados a crer que a existência só é tida como válida a partir de quando o indivíduo adquire intelecto para reconhecer-se vivo e consciente de si — o que não ocorre senão depois de alguns anos após o seu parto biológico. Desta maneira, a criança que não formula um juízo considerável deixaria de ser considerada uma Consciência, um Ser. E parece um absurdo desconsiderarmos que uma criancinha que já ande, fale e exprima desejos, sentimentos e emoções, não possa ser considerada uma pessoa. Por outro lado, teríamos um ancião que, pelo avanço da idade, caia na caduquice e então deixe de ser uma Consciência em razão de não mais possuir o domínio de sua sanidade mental.

Para não sustentarmos tal absurdo, teremos de considerar a possibilidade de a Consciência existir e ter compreensão de si mesma fora do âmbito físico, sendo justamente a natureza física — no caso, por ainda estar em formação orgânica — a causa pela qual essa Consciência não possa se manifestar inteligivelmente. Assim, um bebê — mesmo que ainda muito longe de poder expressar suas capacidades intelectivas — já é aquele indivíduo inteligente que mais tarde evidenciará, bem como o velho caduco continua sendo o mesmo Ser, embora agora suas ideias não possam mais ser evidenciadas em virtude das fraquezas da máquina corporal.

Mas, concentrando-nos no estado mental voluntário de si, encontramos o Ser como condição para o **Estar Consciencial**.

Só que, além de nosso mundo mental, há muito mais..

Estar temporal

A sucessão de pensamentos nos leva a observar a existência (ou a nossa percepção) do tempo — presente, passado e futuro —, por conseguinte o nosso **estar temporal**. O raciocínio corrente nos diz que o que pensamos lá atrás é pretérito, e uma esperança íntima nos aponta que sempre teremos o porvir disponível para novas e novas ponderações.

Essa relação temporal então nos suscita questionamentos naturais: num processo regressivo, excita-nos quanto a nossa origem (de onde viemos? Por quê? Como? Pela graça de quem? Para que?); e, por haver essa certeza íntima no futuro, inevitavelmente indagamos quando ao nosso destino (para onde vamos? Que será do amanhã?).

Há no homem um sentimento instintivo de infinitude, ou seja, de que sua vida não terá fim. Não é o mesmo que eternidade (caráter do que não teve início e não terá fim), pois que o apontamento lógico é o de que somos crias —

de algo (a Natureza?) ou de alguém (Deus?).

Esses questionamentos relativos ao tempo são determinantes para classificar o grau consciencial do individuo. Ignorar tais dúvidas é denotar infantilidade. Foram essas perguntas que oportunizaram o surgimento da Filosofia e são elas que movem todos os esforços humanos em todas as disciplinas. É verdade que há os céticos⁴, aqueles que, por não creem que chegaremos a lugar nenhum, abstêm-se de procurar algum caminho. Porém, é forçoso reconhecer que haja certa razão para movê-los a esse ceticismo, e normalmente essa razão é o temor de que tenham de viver perpetuamente sob as condições que lhe são impostas pela Natureza. Se o amigo leitor fosse um daqueles que em nada se interessam por sua origem e por seu destino, então não haveria muito o que buscar neste nosso estudo, aliás, certamente nem estaria conosco agora, justamente buscando o autodescobrimento.

Contudo, por hora não nos aprofundemos muito na questão do tempo — aliás, uma matéria bastante complexa —, pois precisamos antes ajuntar elementos mais simples para a construção das ideias básicas desse estudo.

Estar espacial

Embora a potência do pensamento seja o princípio cognoscível do Ser, quer dizer, o ponto de partida da expressão da consciência, somos forçados a admitir um estar espacial desde quando nos advém a percepção de nossa colocação geográfica, uma vez que, de algum modo, obrigatoriamente estaremos em um certo lugar — corporal ou consciencialmente. Este é o ponto em que, encarnados como estamos, passamos a relacionar nosso íntimo (a consciência) com o espaço dimensional, que começa exatamente pelo nosso corpo somático⁵.

Estamos dentro de um organismo material e a partir dele captamos a ideia dos sentidos físicos, a começar pelo tato, que nos dá a impressão direta de que temos uma demarcação geográfica. A primeira impressão é que temos a real extensão de nosso ser pelas medidas do nosso corpo. É como se eu fosse esse meu corpo, começando, terminando e estando postado onde se apresentam as condições dessa maquina carnal. Em estado de vigília⁶ como estou agora, sinto-me preso e condicionado por circunstâncias físicas. Posso imaginar estar em outro lugar e em outras condições, mas na realidade da dimensão humana, estou subjogado pelas leis corporais. Inevitavelmente, esse

⁴ Cético (ou céptico): relativo ao Ceticismo (ou Cepticismo), que não acredita na capacidade humana de atingir a verdade absoluta, seja do mundo físico, seja da metafísica (das coisas sobre-humanas).

⁵ Corpo somático: corpo orgânico, físico, material.

⁶ Vigília: desperto, acordado.

corpo faz parte de mim, pela prova de que aquilo que eu tateio com as mãos, ou mesmo de quando algo toca minha pele, sinto ser eu a participar diretamente desses eventos. Por conseguinte, posso supor que as qualidades (e defeitos) desse montante material igualmente sejam atribuídas ao meu próprio Eu.

Prosseguindo minhas descobertas, chego à audição. Eu ouço sons externos, retumbantes ou suaves. E percebo que a captação sonora está limitada a um lugar determinado em meu corpo — os ouvidos. Se eu fechar esses canais auditivos, limito a escuta. Escutamos por esses órgãos e é razoável pensarmos que, se eles se acharem maquinalmente embaraçados, então a audição ficará comprometida. Portanto, deduzo que a minha capacidade de escutar depende dessa condição corporal.

Adiante eu percebo um novo sentido: o olfato. Sinto cheiro pelo canal nasal e por nenhum outro meio. Igualmente pondero que sem o nariz eu ficaria privado do faro.

Agora eu reflito sobre o paladar, que é condicionado à língua.

Por último, deparo-me com o quinto sentido humano: a visão. Através dos olhos, eu registro imagens do que está ao alcance da minha vista. Contudo, percebo também certas restrições ópticas, por exemplo, necessidade de luz ambiente. Além do mais, há o obstáculo dos materiais sólidos: não vejo o que se encontra por trás de paredes, não vejo o interior dos objetos recobertos (não consigo ler um livro fechado, por exemplo). E mais: meus olhos têm um raio de alcance limitado — reduzidíssimo, aliás, se comparado à imensidão do nosso planeta (e o que dizer do Universo?).

A conclusão a que chego é que, estando circunscrito ao corpo material, é imprescindível dar-lhe importância: conhecer o funcionamento dessa máquina é vital para, entre outras coisas, preservá-la e fazer bom uso dela.

O avanço científico atual nos demonstra que todas as sensações físicas caminham para o cérebro. É este órgão quem recebe os impulsos nervosos do tato, da audição, do olfato, do paladar e da visão, interpretando seus significados. Assim, por exemplo, para enxergar, o cérebro usa os olhos como que fossem câmeras filmadoras.

O cérebro é então o centro operacional físico da inteligência, é a sede corporal da consciência. Alguns pensadores chegaram até a levantar a tese de que a massa cerebral fosse mesmo a própria essência do ser, ou seja, que a manifestação da vida dependesse dessa matéria, supondo então que a falência dessa estrutura orgânica determinasse a morte completa da pessoa. Esta é a doutrina materialista — Materialismo. Os materialistas idealizaram com isso que não há nada além da matéria, que a consciência e inteligência sejam uma criação e reação química, que o Universo é uma organização fortuita da combinação acidental das substâncias existentes no espaço. Portanto, para o

materialista, nada há de espiritual, nada há fora da matéria.

Ocorre que a concepção de matéria já não é aquela de outrora. Aliás, não há o elemento material sólido como se pensava antigamente, o que levou Albert Einstein a dizer — ironicamente, mas com extrema precisão — que “*o materialismo morreu por falta de matéria*”. A moderna Física já consolidou que tudo é energia, derrubando por completo qualquer hipótese de que a inteligência seja um atributo físico.

Além disso, há experimentações científicas que demonstram manifestações da consciência fora dos registros cerebrais, como nos casos intitulados de EQM — Experiência de Quase-Morte —⁷, em que um paciente entra em estado de coma profundo, no qual não há no cérebro nenhum registro de atividade, mas que, depois de certo tempo, o paciente recobra a vida e relata fatos ocorridos durante o período em que estava desacordado (seu cérebro estava inativo). Se seu testemunho é capaz de descrever cenas que não foram captadas pelos órgãos físicos (olhos, ouvidos, etc.) é porque sua consciência esteve livre do corpo e, voltando a este, logo após este se reanimar, foi capaz de imprimir no cérebro aquilo que captou enquanto estava deslocada.

Como conclusão, hoje é fato que a essência do ser não depende do corpo físico, que a sua estadia na carne é uma circunstância especial, já que a consciência pode se desvincular do organismo material. Essa essência, portanto, é uma força inteligente além da matéria — o que se convencionou chamar de Alma (Espírito encarnado).

Se essa força espiritual se manifesta descolada do corpo físico, significa que prescinde da carne, que é capaz de viver fora da encarnação. Logo, supõe-se que o indivíduo possa existir antes do nascimento (encarnação) e que possa sobreviver depois da morte (desencarnação) do personagem que agora ele interpreta. O corpo somático que ora veste foi gerado biologicamente e um dia se desorganizará, como todos os demais, sem que tenhamos que dizer o mesmo do Ser inteligente.

Conscientes da independência do Espírito, reavaliemos então a questão dos sentidos e anulamos o antigo conceito de que só se vê pelos olhos. Os órgãos sensoriais do corpo são instrumentos necessários durante a nossa encarnação. Daí, supomos que os desencarnados também tenham um mecanismo especial, um corpo espiritual, para enxergar, ouvir e sentir o que se sucede, com diferentes graus de alcance.

Também anotamos que mesmo durante o período encarnatório o ser espiritual pode se deslocar do estado normal de consciência humana e projetar-

⁷ O cientista pioneiro na pesquisa dos fenômenos de EQM, quem aliás cunhou o próprio termo, foi o americano Raymond Moody, com formação em Medicina, Psicologia e Parapsicologia. A descrição de seu trabalho foi publicada no seu livro “VIDA DEPOIS DA VIDA”, lançado em 1975. O original em inglês é *Near-Death Experience*.

se para distante, captando imagens, sons e sensações de maneira extraordinária, sem a utilização dos órgãos sensoriais físicos (durante o sono, estado de transe hipnótico e por via mediúnica).

Como será esse mecanismo sensorial no Espírito fora do corpo físico?

Veremos mais adiante.

Estar fisiológico

A condição de encarnado impõe ao indivíduo a questão fisiológica. Momentaneamente, o corpo carnal é uma extensão do Ser e lhe apresenta certas propriedades para garantir sua vitalidade. A máquina é composta de incontáveis e minúsculos seres vivos — as células —, de variados aspectos e propósitos. Precisam então ser providos organicamente. Daí vem a necessidade de o homem cuidar de sua alimentação, higiene, atividade física, repouso, etc., representados pelas sensações de fome, sede, sono, cansaço, frio, assim por diante.

Os órgãos do corpo somático são unidades sensoriais, ou seja, instrumentos para captação de sensações. Sensação é aqui um estímulo fisiológico captado por um órgão (por exemplo, o ouvido) mediante uma ação física (som).

A massa carnal já é um órgão em si, para o sentido tátil (por isso sentimos frio em todo o corpo). Para os demais sentidos, há órgãos específicos e circunscritos: o olho para a visão; a língua para o paladar, o ouvido para a audição e o canal nasal para o olfato.

Importa-nos avaliar onde estão localizadas essas sensações fisiológicas: se no corpo ou no Espírito.

O corpo é o instrumento das sensações, dentro de um processo físico. Os impulsos físico-químicos são enviados para o cérebro, que é quem recebe as informações sensoriais e transforma em informações inteligentes, qualificando as sensações (fome, calor, odor, imagens, barulho, etc.). Não podendo admitir que a massa cerebral seja a fonte da vida no indivíduo, concluímos que a percepção está centrada na Consciência intelectual — a Alma. Se uma mão se fere em algo pontiagudo, os nervos correspondentes mandam os impulsos nervosos para o cérebro, que os traduz ao Ser inteligente como uma percepção de dor. Outra demonstração: quando o corpo está desidratado, o conjunto nervoso emite o alerta de sede, que é registrado pela Consciência.

Deduzimos, pois, que sem a Consciência, o corpo nada sente. De igual forma, destituído da máquina carnal desencarnado, o Espírito não têm as mesmas sensações fisiológicas que outrora experimentou.

Estar emotivo

Voluntariamente ou não, ao darmos continuidade ao nosso processo de introspecção, chegaremos à percepção que, além das sensações físicas — impostas pelo organismo material —, carregamos conosco emoções sortidas, como: satisfação, descontentamento, euforia, medo, simpatia, ojeriza, etc.

As emoções e os sentimentos são atos subjetivos e espontâneos em cada ser. Não são imediatamente determinados pela vontade da Consciência (não podemos escolher se apaixonar ou deixar de estar apaixonado por alguém imediatamente), pois que normalmente eles foram cristalizados por experiências vividas e conceitos absorvidos ao longo de um tempo. Agimos passionalmente conforme hábitos adquiridos e sentimentos acumulados, mesmo que eles estejam escondidos no porão do nosso subconsciente.

Manipulamos a emotividade e os sentimentos somente a longo prazo, estabelecendo uma nova série de hábitos, associados a novas experiências positivas e esforços conscientes.

As sensações físicas podem influenciar nossas emoções. Por exemplo, cansaço provocar irritação, fome gera ansiedade, uma música agradável desperta harmonia, abraço produz satisfação, etc. Todavia, a qualidade de nossas emotividades está sujeita a um condicionamento mais complexo, pois é perfeitamente observável que mesmo o sujeito desfrutando do esplendor da saúde, da saciedade, enfim, do equilíbrio corporal, pode estar mergulhado em sentimentos infelizes que nada dizem respeito às carências fisiológicas. Se a plena satisfação material não responde a todos os anseios da nossa emotividade, é que nós — de essência extrafísica — temos outros objetivos e necessidades de ordem superiora às condições terrenas.

Então, que emoções excelsas são essas que o Espírito anseia? — já se perguntou sobre isso?

Estar intelectual

O estar intelectual se refere à qualidade e aos rumos que damos aos nossos pensamentos. Ao contrário das emoções e sentimentos, nosso raciocínio pode ser prontamente governado por nossa vontade. Podemos receber subsídios externos (receber uma intuição ou influência), porém, continuar pensando sobre essas mesmas ideias propostas é uma opção particular.

A categoria dos juízos que elaboramos está relacionada ao nosso grau de conhecimento e ao nosso nível moral. Os diferentes estágios nos quais os indivíduos se encontram respondem claramente por que uma coisa muitas vezes tão óbvia para uns (para quem já têm um aparato técnico e ético) pode

parecer tão absurda e negada por outros.

Além do conhecimento alcançado na presente viagem carnal, temos de levar em conta também a aquisição espiritual, de experiências vividas antes da encarnação, o que explica haver disparidade entre as capacidades intelectivas entre as pessoas, entre as quais encontramos, por exemplo, genialidade musical em crianças (sem instrução técnica que explique tais aptidões).

Fica evidente, portanto, que somos senhores da qualificação de nossos pensamentos.

Dois ordens de percepções íntimas são vistas aqui: a primeira é quanto à descoberta do Ser em si, que é a Consciência, o Indivíduo inteligente e sua invariável condição de existência; a segunda percepção é a do estar, daquilo que envolve o ser, circunstancial, variável e passível de ser melhorado. A propósito, o processo de autodescobrimento visa essencialmente isso: reflexão acerca do estado atual para o autoaperfeiçoamento. O conceito da evolução nos arrebatava, como força indispensável e irresistível para o desenvolvimento da vida.

Capítulo 9

Percepção exterior

A terceira ordem de percepção se dá pela constatação daquilo que está além do Ser, ou seja, das coisas que nos circunda, do mundo e do Universo, enfim. E dentre essas coisas exteriores, deparamo-nos com outros seres semelhantes a nós — vivos, inteligentes e ativos.

Até então, o indivíduo poderia refletir se tudo que havia captado não seria apenas produto de sua criação particular, entretanto, a partir de que quando topa com outros seres autônomos, fica evidente que cada um de nós participa de uma construção maior do que nosso próprio pensamento — a menos que se supusesse haver uma absurda *esquizofrenia coletiva*.

Pelo fato de o indivíduo pertencer a um plano dimensional, onde inevitavelmente ele se relaciona com seus semelhantes, este sente que tanto lhe será interessante quanto mais compreenda a organização do meio onde está inserido. Por conseguinte, ponderamos que descobrir-se é também caminhar para a descoberta da dimensão exterior que lhe rodeia.

O Universo exterior

Uma rápida espiada para fora de si e o sujeito em processo de autodescobrimento se vê inserido num plano bem mais extenso do que sua demarcação pessoal: um Universo imensurável, no qual esse sujeito é ao mesmo tempo ativo e passivo — interfere e sofre interferência desse plano.

Duas naturezas distintas são encontradas no exterior do Ser: os seres inanimados e os animados.

Por seres inanimados compreendemos as coisas e objetos físicos (deste planeta e do espaço-além), sem vida orgânica própria e que, portanto, não têm consciência de sua existência, só sendo reais mediante a percepção do observador inteligente.

Entre os seres vitalizados, classificamos em três reinos: vegetal, animal e hominal (semelhante ao Ser que o observa).

Vegetais e animais possuem uma força vital, com um ciclo de nascimento, crescimento, definhamento e morte — a exemplo do corpo humano. Logo, pertencem ao grupo dos seres animados inferiores, pois não possuem nem de perto o grau de intelectualidade do homem. É verdade que dentro desse escopo há enorme variação, a começar pela distinção do reino vegetal para o animal. E dentro deste último, também verificamos espécies emocionalmente bem mais desenvolvidas do que outras. É incomparável a esperteza de um cão doméstico frente a uma galinha, por exemplo. Sabemos fartamente do desenvolvimento instintivo dos golfinhos, chimpanzés e dos cavalos adestrados, contudo, ainda tão distantes das capacidades humanas.

Ao toparmos com o gênero humano, descobrimos que não estamos a sós em nossa vida, mas rodeados de semelhantes, que igualmente caminham para o autoaperfeiçoamento.

Concluímos, sem esforço, que desde sempre é imperioso haver o relacionamento mútuo entre os homens, afinal, a própria lei da Natureza terrena estabelece a necessidade do contato físico para a procriação e sobrevivência da espécie. Porque somos influenciados e influenciamos uns para com os outros, chegamos ao preceito de que precisamos igualmente compreender melhor as consciências alheias.

Ser individual e coletivo

Somos individualidades, cada qual como uma identidade consciencial única e intransferível. Só que fazemos parte de um Universo, onde existem seres autônomos (que se movem por vontade própria), com quem nos relacionamos, estabelecendo assim um grupo social — uma sociedade.

As comunidades se subdividem em grupos inter-relacionados, cada qual com seus costumes peculiares. Por exemplo, dentro de um país há regiões com distintos dialetos, hábitos, vestuário, folclore e comportamento moral. Dentro de uma cidade grande certamente há disparidades entre bairros. O padrão de uma sociedade é construído pela somatória das características dos indivíduos que a compõem, acompanhando o nível evolutivo da massa, moldando-se conforme as circunstâncias locais.

Como já aventamos, a mente fértil de cada um pode criar um mundo particular e determinar o que bem queira, ou seja, o criador mantém absoluto controle de sua criação. Mas no que chamamos de *vida real*, sabemos que nós somos crias, que não temos o cetro do Universo e nem total autonomia em nossa própria vida. A nossa liberdade é relativa, pois que os demais têm seu livre-arbítrio e que nossas ações não são absolutas, mas que reagem na ordem das coisas, podendo mesmo nossa vontade ser ou não sancionada pela Natureza

geral. Uma jovem pode, por exemplo, imaginar que na festa a que pretende ir, à noite, encontrará um jovem idealizado conforme seu gosto pessoal; esse jovem idealizado pode mesmo existir em algum lugar desse mundo e pode mesmo ocorrer que eles se encontrem naquela dita festa (uma combinação de coisas pode favorecer que isso ocorra), mas na hora H, absolutamente nada pode forçar que aquele jovem tome esta ou aquela decisão, exceto a sua própria consciência.

Novos desafios se apresentam para o indivíduo:

O quanto pertencemos a nós mesmos e o quanto temos dessas influências externas?

Em relação à cota de nós mesmos, qual a alíquota que conservamos do Ser espiritual que somos e o quanto usamos da construção cultural desta encarnação?

Qual seria nossa postura se pertencêssemos a outro nível social?

Capítulo 10

Inter-relacionamento humano

A vida social é uma lei natural e é o convívio com os seres da mesma espécie que nos permitem comparações acerca da nossa graduação. Com efeito, de que maneira podemos ponderar nossas qualidades senão confrontando-as com as dos nossos semelhantes?

E nesta cela terrena nos deparamos com toda a sorte de indivíduos que, embora sejam da mesma natureza humana, são tão peculiares, tão diferentes...

Cada pessoa é ímpar — tanto nas feições físicas quanto nos atributos comportamentais. E estas dessemelhanças vêm nos convidar a uma reflexão profunda acerca de si frente aos demais, como princípio para a comparação.

Para todos os critérios, temos sempre ao nosso redor alguém que esteja bem à frente e outros bem atrás de nós: há os que nos superam em conhecimento, bem como há aqueles que intelectualmente são mais atrasados, parecendo que com isso a vida venha nos propiciar uma fabulosa oportunidade de confraternização, já que temos com quem aprender muito, ao passo que também temos a quem ensinar. Com o inter-relacionamento humano encontramos então os artifícios para nosso desenvolvimento.

Personagens e seus valores

Herdamos um mundo com a construção já em andamento, cheio de padrões e paradigmas⁸ assentados conforme as condições da sociedade local. Os valores culturais desse sítio em que habitamos são estabelecidos pela somatória dos gostos e aptidões comuns de nossos conterrâneos, variando de uma região para outra.

Além disso, crescemos identificando as pessoas com quem nos relacionamos pelos postos e valores sociais que elas ocupam (o pai, a mãe, o irmão, o padre, o professor, o médico, o policial, etc.). Então, nesses termos,

⁸ Paradigma: algo que sirva de modelo, padrão, exemplo comum.

para nós as pessoas que a princípio estão sob rótulos e valores são personagens de um conjunto social. Esses títulos conceituam os Seres e acabam diferenciando-os uns dos outros, criando a ilusão de que o Espírito que anima o homem tenha a medida igual à metragem humana.

Assim é que a mãe diz amar o filho, o filho diz amar a mãe, o esposo diz amar a esposa, etc. Todavia, faz-se necessário averiguar se esse benquerer é de fato direcionado ao Ser ou ao posto ocupado por esse personagem. Supomos então uma trama: Maria (mãe) diz amar Joãozinho (filho), do jeito que ele é, incondicionalmente como se diz ser o *amor materno*. Porém, Maria conhece verdadeiramente quem é o Ser que agora anima o personagem de seu filho? E se conhecesse, ela modificaria seu sentimento? Ora, digamos que o Espírito X, que nesta vida encarnou como filho, tenha sido na vida passada de Maria o seu esposo, seria nela o mesmo sentimento de hoje tal qual fora lá atrás?

Não, provavelmente.

Enquanto na vida material a posição que os Espíritos ocupam numa encarnação pesa no sentimento que lhe atribuímos, pois desconhecemos os valores espirituais destas almas. Não raro, supomos que o status terreno e as características físicas reflitam o valor desta alma no plano espiritual.

Olhando então para aqueles com quem compartilhamos nossos dias, temos o desafio de compreendê-los por dois prismas: o primeiro é o de que todos os indivíduos são consciências espirituais, com valores espirituais, sendo esses valores diferentes da organização a que estamos submetidos na Terra; o segundo critério a ser observado é que, embora sejamos seres espirituais, ora ocupamos uma identidade fictícia nas encarnações, logo, precisamos representar bem esse personagem, o que nos cobra respeitarmos o papel que cada um exerce aqui. O pai biológico, por exemplo, num plano espiritual é mais um irmão nosso, muitas vezes muito mais atrasado moral e, ou intelectualmente que o próprio filho, todavia, nessa ficção que é a vida carnal, exercendo a paternidade, requer do filho o tratamento especial pelas ligações consanguíneas.

Saber que espiritualmente não somos isso que dramatizamos na Terra não implica em desprezarmos essa realidade material temporária, mas sim nos sugere vivermos nosso personagem dignamente para irmos ao encontro do que verdadeiramente somos — porque invariavelmente isso ocorrerá, após o prazo desta encarnação.

Se herdamos um plano físico já em desenvolvimento — portanto, não sendo exatamente uma construção nossa — é porque há uma consciência maior coordenando tudo, desta maneira, é justo pensar que o planejamento natural visa propósitos acertados para todos nós, ou seja, a posição que ocupamos neste plano terreno — por exemplo, sendo homem ou mulher; rico ou pobre;

branco, negro ou amarelo; neste país ou em outro, etc. — satisfaz a uma ordem sobreposta à nossa vontade. E pelo fato de supormos que poderíamos ser aquela pessoa, ocupar aquele outro posto e viver numa situação qualquer diferente da que ora vivemos, faz com que despendamos grande parte de nossa vida nos imaginando fora de onde estamos e do que somos.

Viver imaginando ser outra pessoa é negar a si mesmo e desdenhar a posição que ocupamos, desobedecendo aos desígnios da natureza, que nos confiou o bom exercício do personagem que nos foi destinado e que devemos interpretar dignamente. Se os outros têm atributos que julgamos ser salutares, que conquistemos então esses valores para o nosso personagem, sem que seja preciso — porque é impossível — trocarmos os papéis.

Uma vez que a consciência não pertence ao corpo material, concluímos que nosso Ser essencial é na forma espiritual, que sobreviverá à morte corporal, numa dimensão diferente desta onde ora vivemos. Desta forma, é justo crermos que o papel que estamos representando e suas características de vida estejam limitados ao tempo desta encarnação, e que passada esta temporada, viveremos sob novas condições, características da nova dimensão onde habitaremos. Isto nos remete à ideia de que aquilo que aqui fazemos terá relação com a posição futura a ser ocupada por cada um de nós.

A esperança de ocuparmos uma posição melhorada, em relação ao que atravessamos na forma humana, deve nos dá forças para desempenharmos os propósitos que hoje nosso personagem terreno nos reclama.

Conflitos interpessoais

Vivêssemos nós numa ilha absolutamente deserta, não teríamos com que nos comparar e nem noção da posição que ocupamos. Há quem diga então que isso seria benéfico pelo fato de não nos inquietarmos com o que nos falta. Além disso, não experimentaríamos as inconveniências que os relacionamentos nos impõem dia a dia. Aliás, diz-se que o sofrimento neste mundo tem origem justamente no confronto com as pessoas e é comum ouvirmos — e talvez dizermos — “eu não dou trabalho a ninguém”, “as minhas coisas são todas certinhas”, “se eu vivesse sozinho eu não passaria raiva com ninguém”...

Sendo uma lei inexorável o convívio social (ninguém nasce sozinho), é imperativo percebermos a que estamos submetidos e quais os propósitos da Natureza que nos impôs essa vida carnal — se bem é improvável supormos que a vida espiritual seja de isolamento.

Os contratemplos entre as pessoas ocorrem primeiramente em razão do livre arbítrio de cada um. A liberdade de pensamento e de ação aliada à inteligência particular de cada indivíduo estabelece o encontro de consciências

independentes. Logicamente, por que nem todos pensam sob os mesmos valores, vez ou outra, as opiniões se contradizem e até podem ser tão extremas a ponto de gerar sérios conflitos. Pelo fato de compartilharem um mesmo plano e por muitas vezes a caminhada exigir uma única escolha dentre as variadas proposições, aqueles que foram preteridos podem conservar sentimentos negativos.

A concorrência natural da vida nos convida a uma competição social. Ora, sendo tripulantes de um mesmo navio, obrigatoriamente todos viajamos sob um itinerário único, ainda que dentre nós haja quem deseje mudar a rota. Em algumas situações, podemos descer desse navio e, tomando de um barquinho particular, seguir um rumo diferente. Entretanto, em geral, ou estamos sob o leme de alguém ou em nosso barco conduzimos outras pessoas.

Somos tendenciosos a culpar os outros pelos contratempos sociais a partir de quando não temos domínio sobre as consciências, porque não conseguimos influenciar a todos exatamente segundo os moldes que julgamos acertados para a organização das coisas. Essa injustiça para com os semelhantes se dá pela ignorância de nossa parte em percebermos que a ordem da natureza terrena não pertence a nenhum dos que nela habitam, quer dizer, ninguém dentre nós é o responsável absoluto pelas leis que aqui imperam. Se tivéssemos que culpar alguém este seria a Consciência superior criadora deste mundo — que seria Deus. Mas como não nos sentimos à vontade para condenar a Divindade, somos convidados a pensar sobre o que enxergamos como imperfeição no mundo. Será que ele não é perfeito e que a imperfeição esteja justamente em nós, que não enxergamos a perfeição das coisas?

No jogo de opiniões diversas e a precisão de decisões, somos compelidos a buscar o equilíbrio social, ou seja, o acordo mútuo entre as opiniões — que os gregos intitularam **democracia**. Mas como os ideais pessoais são por vezes tão discordantes — porque cada qual prejulga possuir a razão das coisas —, cremos viver num plano de ideias incompatíveis, e, por conseguinte, de plena infelicidade, já que não há acordo total. Isto se dá em decorrência de fixarmos nossa vida exclusivamente pelos valores humanos a que estamos submetidos neste orbe. Despertando nossa consciência para a essência superior — da vida espiritual —, teremos alargado o pensamento, potencializando nossa capacidade de melhor elaborar nossas ideias — seja para vivermos melhor o hoje, seja para o amanhã, no plano dos Espíritos.

Capítulo 11

Formatação de ideias

Na construção do mosaico social, encontramos um *dégradé*⁹ de qualidades e nesta concorrência social nos deparamos com opiniões levantadas mediante subsídios intelectuais, sensoriais, emotivas e morais. Tal é que os homens formulam suas ideias ora se baseando mais no raciocínio, ora mais pela emoção, ora mais pelo instinto e assim por diante — porque vivemos sob as condições do nosso **Estar** (temporal, espacial, fisiológico, emotivo, intelectual).¹⁰

Como cada qual tem sua independência consciencial — muito embora todos nós influenciamos uns aos outros e somos influenciados mutuamente —, precisamos nos atentar sobre como direcionamos nosso pensamento, que é a manifestação de nosso Ser, para tomarmos nossas decisões, observando os subsídios que utilizamos para construir nossas ideias.

Nossos ideais são formatados a partir de uma combinação de fatores que giram em torno do nosso Estar. Sempre há um mínimo de racionalidade em tudo que pensamos, ou seja, um tanto de inteligência e percepção prática das coisas. Só que estamos também sob a influência da vida material, em que as necessidades fisiológicas pesam em nossas decisões, assim como nossa situação emocional pende nossas decisões, ora para um lado — quando estamos de *bom humor* — e ora para outro — quando *irritados*.

Conhecer o processo de formatação de ideias é fundamental para nosso autodescobrimento, pois essas influências do nosso Estar são tão sutis que não raramente passam despercebidas, fascinando nossa consciência e criando um automatismo, ou seja, procedimentos repetitivos, mecanicamente executados mediante a aquisição de hábitos.

O processo de formação das ideias tem a ver com o conceito de **consciência**, que veremos com mais detalhes adiante.

⁹ *Dégradé* (em francês): variação de tonalidades de cores e iluminação, graus, matizes.

¹⁰ Ver Capítulo 1 “Introspecção” desta obra.

O automatismo

Há em nossa consciência um mecanismo natural de autodefesa — necessário, diga-se de passagem — que registra o positivismo de nossas experiências. Logo, a cada situação nova, esse dispositivo averigua as circunstâncias, ponderando se ela nos é segura ou não (no âmbito fisiológico), agradável (âmbito emocional), justa (âmbito intelectual), etc. Passado com sucesso pelo crivo desse mecanismo, registramos que tal situação é positiva e, se diante dessa mesma situação, noutras vezes, não mais processamos os mesmos testes, liberando o automatismo. E além do critério de autodefesa (para sabermos se tal situação não atenta contra nossa integridade) acrescentamos o fator do bem-estar, pelo qual ponderamos se, além de segura, tal situação nos proporciona prazer.

Assim é que, por exemplo: experimentamos uma fruta exótica e acionamos nosso mecanismo racional: se aprovamos a unidade daquela fruta, automaticamente nos liberamos para degustarmos outras unidades desta mesma espécie. Mas quando nossa primeira experiência frente a uma determinada situação registra um descontentamento, normalmente a rejeição automática será acionada toda vez que nos depararmos com a mesma espécie. Ou seja, quem experimentou uma jabuticaba e não gostou, conservará um automatismo para negar todas as jabuticabas do mundo.

Outra fonte geradora de nossos hábitos é o senso comum, que herdamos daqueles que nos rodeiam. Somos educados socialmente conforme certos padrões, pelo que estabelecemos conceitos e preconceitos seguindo tradições, sem a devida experimentação. Revendo essa tendência, o autodescobrimento nos cobra uma repaginação de nossos hábitos.

O automatismo torna nossa vida bem prática. O ato sequencial permite elaborarmos técnicas, aprimorando os movimentos repetitivos para cada vez mais rápido e eficientemente. O exercício contínuo de uma determinada tarefa é que consagra a especialização de alguém naquela função. Porém, esse automatismo tem seus efeitos colaterais, a começar sugerindo um comodismo e a rejeição espontânea a qualquer requalificação. Para nos retirar desse meio-contentamento, muitas vezes é necessário um reboliço. Por esse ângulo é que justificamos a sabedoria da Natureza quando somos assaltados por choques emocionais, tragédias e calamidades.

Para não precisarmos anular o automatismo por completo, volta em cena o atributo do Equilíbrio, que nos diz que a aquisição junto à tradição e cultura social nos é válida para dinamizarmos nosso cotidiano, contudo, sem radicalizar nossas ideias, como se já tivéssemos chegado ao topo da verdade.

No livro “NO MUNDO MAIOR”, André Luiz nos propõe, pela psicografia de

Francisco Cândido Xavier, a metáfora do castelo de três andares (cap. 3: “*A casa mental*”), assim sintetizada:

- Primeiro andar: residência dos impulsos automáticos (subconsciente/o passado) – hábito e automatismo;
- Segundo andar: domicílio das conquistas atuais (consciente/o presente) – esforço e a vontade;
- Terceiro andar: casa das noções superiores (superconsciente/o futuro) – ideal e meta superior.

O primeiro piso tem a ideia de um porão, onde depositamos coisas momentaneamente inutilizáveis, guardadas porque julgamos que algum dia elas nos serão úteis. É um lugar reservado, íntimo apenas para quem é de casa, um tanto obscuro e normalmente desarrumado.

O segundo é a nossa sala de estar, à mostra para as visitas, arrumado (mascarado) para o agrado de quem lá adentre.

Por fim, o piso superior é a nossa alcova particular, nosso cantinho onde repousamos da vida corrente para traçar sonhos e encontros com a espiritualidade, traçando objetivos e redesenhando nosso comportamento através da reeducação dos nossos sentimentos.

Repaginando conceitos e atitudes

Transformação é uma constante de nossa dimensão. Tudo se renova incessantemente na Natureza e é desse movimento cíclico que os recursos orgânicos se mantêm ativos. Embora essas mudanças pareçam um tanto desconstrutivas para os mais saudosistas, a lei natural é a do progresso. O aparente retrocesso pode ser localizado e circunscrito a determinados segmentos, mas numa plataforma mais ampla, vemos que tudo progride para o bem comum. O crescimento populacional pelo qual passam algumas cidades enfurecem alguns — porque se sentem ameaçados com o natural crescimento da violência, agitação, barulho e mistura de culturas —, enquanto que desperta para outros entusiasmo e oportunidades para o desenvolvimento.

Se tudo se transforma, tudo o que aprendemos está sob a ameaça da reformulação. Além disso, nossas capacidades perceptivas também ascendem. Logo, a promoção do nosso conhecimento parte das nossas iniciativas em promovermos nossas percepções, pois quanto melhor for a visão, melhor será a captura das imagens; quanto mais inteligente for o homem, mais rapidamente ele aprenderá o que a vida lhe ensina.

Um dos conflitos mais evidentes em nosso meio social é que, além de caminharmos dentro da consciência coletiva (aquisição de toda a sociedade a

que pertencemos), cada qual tem sua evolução individual, implicando que nem sempre o sujeito consegue se igualar ao progresso de sua gente e, noutra situação, há os que se adiantam bastante em relação ao padrão comum. Estando em atraso, as punições são óbvias, a começar pela qualidade de vida (instrução e simpatia são fundamentais para uma boa colocação social). Mas ser demasiado adiantado também é chocante para ambos, pois significa eventualmente se comportar fora dos costumes triviais do povão. Por exemplo, numa sociedade consumista — onde *ter* e *ostentar* bens materiais qualifica o *ser* —, abdicar dos excessos da gastança pode ser algo visto como *antiquado*.

Uma das metas do autodescobrimento é sair do **senso comum** — aquilo que todos acham e impõem como *normal* — para construir-se pelo **bom senso**.

Pelo que descobrimos quanto à independência da Consciência — ou seja, do próprio Ser —, o que nos sugere a preexistência da vida antes desta encarnação e sua sobrevivência após o fim desta condição carnal, somos levados a compreender que as diferenças de aptidões e qualidades intelecto morais dos homens não se justificam apenas pelos papéis que aqui atuam, visto que no seio de uma família modesta aqui e acolá surgem célebres artistas, gênios e sumidades em inteligência; que no meio de depravados surgem elementos dignos; que num lar respeitável e pais exemplares irrompem cafajestes e criminosos de toda espécie; que filhos educados em igual medida de amor e dedicação se diferenciam pelos comportamentos e graus de intelecto, que precocemente podem ser flagrados nas crianças.

Se as diferenças entre os cidadãos não são explicáveis apenas pelas aquisições deste curto prazo de vida material, evidentemente que precisamos considerar nosso currículo anterior ao nascimento dessas *personas* de então.

Aqui entra em cena a tese das **reencarnações**, não como imposição ideológica, mas como observação filosófica e experimentação científica. Ora, bastaria a lógica para nos apontar a justeza dessa ideia, no tocante às explicações para tudo o que implica nossa situação atual. Entretanto, além desse consistente sistema teórico, hoje temos evidências concretas de vivências físicas anteriores, por exemplo, por retrocognição¹¹ e marcas reencarnatórias.

"E o pó volte à terra, como o era, e o Espírito volte a Deus, que o deu."

ECCLESIASTES, 12:7

A resistência que tanta gente tem quanto à ideia reencarnacionista se confronta com a tradição encontrada em outras tantas pessoas em temas dessa natureza. O primeiro pode ser explicado pela tradição de seu meio social, pelo

¹¹ **Retrocognição:** lembranças espontâneas e processo induzido de regressão de memória, por exemplo, por hipnose ou transe mediúnico.

catecismo religioso a que foi encaminhado — porque, em geral, as religiões nos cobram fidelidade irredutível a seus dogmas¹². Já o arrebatamento favorável é natural, vindo da natureza espiritual a que todos pertencemos. Embora a memória do Espírito esteja comumente eclipsada pela forma consciencial física, vez ou outra, instintivamente, temos percepções sobre-humanas, como nos fenômenos intitulados *déjà vu*¹³, pelos quais temos a sensação de já ter estado em tal lugar, de já ter visto tal pessoa ou vivido semelhante situação.

A negação da teoria precisa vir acompanhada de uma antítese; negar por negar é irracional, da mesma forma que tomar uma ideia instintiva como fato absoluto. O equilíbrio está no desenvolvimento do conhecimento, individual e coletivo. Num encontro solidário e harmonioso, a ciência avança e a Natureza vai se revelando.

O drama dos traumas

Um dos maiores dramas pessoais — implicando também como grande entrave para a repaginação de nossos conceitos e atitudes — são ocorridos a partir de um **trauma psíquico**, em que uma situação prática impõe forte impressão ajuntando dois elementos básicos: surpresa e sofrimento.

Na verdade, não se trata apenas de uma situação, mas do **conjunto traumático**, pelo que elementos diversos — e aparentemente desconexos — se juntam num complexo nervoso. Vejamos um exemplo a seguir.

Um sujeito carrega consigo o medo de permanecer em ambientes fechados — claustrofobia —, o que lhe incide diários constrangimentos, pois que, não raro, ele é submetido a cômodos pequenos e necessariamente isolados, como banheiro, elevador, escritório, consultório, etc. Estando ele em tais situações, é natural seu desconforto e, se forçado a tomar decisões mais sérias, naturalmente que ele sofrerá influência negativa, de si mesmo, impedindo um raciocínio mais ou menos apurado e sensato. Certamente, por trás dessa fobia está um episódio surpreendente e sofrível que estabeleceu tal trauma e juntamente um complexo traumático.

Ficticiamente vamos elaborar um episódio para desvendar o trauma supracitado: em algum lugar do passado — nesta ou noutra encarnação — aquele sujeito foi coagido brutalmente pelos pais a permanecer em um minúsculo recinto, às escuras e úmido, como punição por um ato seu que seus pais julgaram falho —, mas que o sujeito tinha como uma coisa normal (o que lhe confere a ideia de vítima). A estadia calamitosa nessa cela resultou no

¹² **Dogma**: conceito fundamental religioso tomado como verdadeiro e inquestionável.

¹³ **Déjà vu** (da língua francesa): já visto (uma experiência semelhante já vivida).

sofrimento físico do garoto, marcando nele o trauma claustrofóbico. Contudo, além disso, ficou-lhe registrado neste complexo como **elementos do trauma** determinados detalhes associados ao episódio, a começar pela escuridão, umidade nos pés, as palavras iradas proferidas pelo pai durante a repreensão e até o modo violento com que foi conduzido até o local do castigo (o pai arrasta o filho segurando o pelo pescoço), etc.

Tanto o episódio originário do trauma quanto os elementos envolvidos nele podem ficar eclipsados pela consciência do sujeito traumatizado (especialmente quando se trata de um ocorrido em outra experiência carnal), mas conforme a intensidade, o trauma pode ser reascendido a qualquer momento, não apenas em virtude desse sujeito necessitar se privar em um local fechado, mas desde qualquer elemento associado. Por exemplo, se alguém abraça seu pescoço, ainda que com carinho, o sujeito reagirá violentamente, pois tal gesto resgata aquele trauma. Logo, lugares escuros, umidade nos pés, a exata sequência daquelas palavras ofensivas e todos os demais detalhes que compuseram o episódio originário irão desencadear negatividade.

Noutra suposição, digamos que em determinada situação, alguém (a namorada, por exemplo) lhe molha os pés, numa atitude de brincadeira, o elemento “umidade nos pés” condiciona o sujeito de nossa ficção a uma resposta agressiva, sem que a outra pessoa possa compreender que um simples passatempo pudesse gerar algo tão sério.

O garoto enclausurado não tinha forças para reagir contra seu pai à época do episódio originário, mas toda vez que o trauma for acionado e o sujeito se achar em condições de “vingar-se”, fatalmente assim o fará, embora o novo “agressor” não seja o seu pai.

Portanto, fica a pergunta: diante de tantas marcas psíquicas que carregamos em nosso subconsciente, sorratamente, qual o grau de lucidez de nossos atos e quanto nos há de influências traumáticas em nossas atitudes?

Zona de pensamento equilibrado

A mente humana — à qual a Consciência espiritual fica mais ou menos subjugada durante o período encarnatório — trabalha dentro de uma faixa de equilíbrio. Fora desses limites o sujeito fica à mercê de impulsos mais ou menos irracionais, aderindo a excessivas cargas de sentimento e emoção.

A influência do organismo físico é significativa. Estando a máquina corporal em adequado funcionamento, o Ser em si conduz seus pensamentos com tranquilidade, de acordo com seu bem-estar espiritual. No entanto, se algo somático inflige certa pressão, o raciocínio lógico é afetado.

Ora, uma enfermidade, ou qualquer adversidade física (frio, calor,

ambiente insalubre, cansaço, etc.) proporciona variações no nosso psíquico e se reflete no sistema nervoso somático. Há aqui um ciclo de influências entre corpo e alma: a máquina é ao mesmo tempo instrumento de percepção das agressões físicas, é transmissora destas à Consciência e é receptora da reação mental. Uma demonstração:

O sujeito embarca num trem para uma viagem de longa duração e, naturalmente, seu corpo sente progressivamente os efeitos do desconforto (por ficar um longo tempo sentado, numa mesma posição, em assento limitado, além da trepidação do vagão, etc.). Logo, as sensações físicas são reais e seu corpo então transmite essas percepções ao Ser pensante em si. O modo como sua inteligência trabalha esses recados carnis implica no mesmo organismo humano. Ora, em primeiro lugar, já sabendo da longitude da viagem, psicologicamente o sistema corporal pode ser mal influenciado e ter acelerado o processo de cansaço, desde quando o viajante queixa-se por ter de percorrer aquele percurso. Com essa conduta, ele “desanima” as suas células e, nestas condições, as dores provocadas pelo real desconforto da viagem serão potencializadas por negligência da Consciência. Porém, quando esta reage proativamente — reconhecendo a necessidade desta empreitada, visando que ao fim desta viagem ele angariará benefícios, por exemplo, reencontros com pessoas amadas, etc. —, seu sistema imunológico responde positivamente, vencendo ou, pelo menos, diminuindo sensivelmente os efeitos dolorosos daquele válido sacrifício, já que as nossas células estarão mais ativas e resistentes. Pois que, nesse caso, a dor é um agente físico, mas o sofrimento é uma condição espiritual. O estado psicológico é tão evidente que num mesmo trem, há quem tenha a impressão que *a hora voa* e há quem diga que *as horas se arrastam*.

Manter o pensamento na zona de equilíbrio é um desafio considerável, mas começa justamente na consciência disto, de saber que, em desequilíbrio, ficamos sujeitos a má interpretação da realidade (vemos e não enxergamos), sujeitos a tomarmos decisões apressadas e possivelmente mais equivocadas, sujeitos a imprimirmos ao nosso corpo orgânico reações químicas destrutivas, gerando assim enfermidades mais ou menos sérias.

Equilíbrio significa uma boa dosagem, misto de razão, emoção e sentimento. O oposto se dá quando caminhamos ao extremo em uma direção só. Vez ou outra nós somos tentados a satisfazer determinados *caprichos* que as nossas sensações nos inspiram, exigindo racionalidade para não sairmos do bom senso. Ora, sabemos o quanto a visão e o olfato instigam o apetite, antes mesmo do paladar. Com isso, vemos quão influenciados somos pela natureza humana, exigindo-nos ponderação entre instinto e inteligência.

Instinto e inteligência

O instinto é um arrastamento orgânico natural, um impulso interior, que todo animal¹⁴ traz consigo, em acordo com suas características e necessidades, que executa inconscientemente procedimentos de sobrevivência própria, de sua espécie e da sua prole. Tudo faz para — e tão somente para — estes fins vitais. Instintivamente falando, os animais buscam o alimento na quantidade exata, agridem por defesa e, tecnicamente falando, não erram, pois obedecem mecanicamente ao ciclo vital da Natureza.

A inteligência se desenvolve a partir do instinto e dele se emancipa desde que imprime o caráter personalista. Ao contrário do joão-de-barro (todos esses passarinhos constroem sua casinha nos mesmos moldes), o homem inteligente arquiteta sua obra racionalmente e nele reproduz seus desejos. Assim é que a engenharia humana estabelece estilos diversos para suas construções. Noutra demonstração, o bicho instintivo come pela sobrevivência, mas o homem inteligente vai além ao formatar estilos de culinária.¹⁵

Enquanto o instinto é naturalmente correto, a inteligência nem sempre é, digamos, politicamente correta.

O desenvolvimento da inteligência é relativo às experiências vividas e o esforço que empregamos para alcançar o aprendizado. Contudo, é notório que o instinto animal não se extingue com o desabrochar da inteligência, funcionando assim como guia elementar para nosso raciocínio.

Um equívoco muito comum é o de as pessoas justificarem suas tendências sentimentais — que são construções nossas — como sendo instinto natural. Destarte é que alguns se isentam dos próprios erros exclamando: “Eu agi por instinto; eu não tenho culpa de ser assim!”. Mas nós já deduzimos aqui¹⁶ que os sentimentos são aquisições nossas, de acordo com a qualidade das nossas percepções e com as reflexões que juntamos acerca das ideias. Portanto, nada tem de instintivo quando o chocalatra se entrega à glotonaria, porque o instinto nos arrasta à saciedade — ou seja, matar a fome para sua subsistência orgânica — e não para satisfazer ao vício deste ou daquela iguaria.

¹⁴ Em Biologia, o “Reino Animal” ajunta numa mesma categoria os chamados animais irracionais e racionais (os humanos). O termo “animal” aqui empregado segue esta lógica.

¹⁵ Saiba mais sobre instinto e inteligência em “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, de Allan Kardec, a partir da questão 71.

¹⁶ Ver subtítulo “*Estar Intelectual*” no Cap. 1 “Introspecção”.

Capítulo 12

Descobrimo a espiritualidade

Como se fosse a coisa mais fácil do mundo, os religiosos dizem — e alguns até esnobam — que as questões espirituais são muito simples de serem compreendidas e de serem alcançadas, bastando a pessoa apenas ter fé, como se esta dependesse apenas de boa vontade. Até mesmo entre os prosélitos espíritas há quem propague que o Espiritismo de hoje já tem todas as respostas para nossa vida.

Será que a coisa é tão simplória assim? Isto não é reduzir e muito toda a complexidade da Natureza e da grandeza de Deus?

Façamos uma apuração mais enxuta, isentos de preconceitos, para entendermos a questão espiritual a partir de si — e não pelo que se diz por aí.

O materialismo e a negação sistemática

Lá atrás nós já vimos o teor da ideia materialista¹⁷ e como a ciência moderna desbancou a velha teoria de a matéria ser a responsável pela manifestação da vida. Por essa razão, dizer-se hoje “materialista” é, no mínimo, estar desinformado, obsoleto. Tanto é que esse termo atualmente não mais é aplicado àquele que professa o Materialismo (doutrina que identifica na matéria e em seu movimento a realidade fundamental do universo, com a capacidade de explicação para todos os fenômenos naturais, sociais e mentais), mas sim àquele que busca satisfação pessoal pela aquisição e gozo dos valores e bens materiais — numa conotação pejorativa, diga-se de passagem.

E o que faz com que haja tantos incrédulos (aqueles que não têm nenhuma fé religiosa) e ateus (aqueles que não creem em Deus e na vida espiritual)?

Primeiramente, devemos ter consciência de que o fato de alguém negar algo não resulta que este algo não exista. As espécies que rastejam as

profundezes dos oceanos não veem a luz do Sol, sem que isso implique que o astro rei não exista e não contribua diretamente para a subsistência daqueles.

Há uma ideia comum de que o **Cosmos** seja a harmonia universal, com princípios organizados de maneira regular e integrada, em que cada qual está inserido no todo e este todo seja composto a partir de cada elemento. Assim sendo, mesmo o Ser em si estando submetido à gaiola carnal, é natural que sua consciência carregue consigo a intuição espiritual, algo intrínseco em seu imo e que lhe aponta a vida além da matéria. Por que então alguns não captam esse sexto sentido, ou simplesmente o negam?

As respostas variam bastante, entretanto, podemos deduzir algumas mais triviais, a começar justamente pela nova conotação da vida materialista — em que as pessoas vivem influenciadas pela ilusão dos valores materiais. “Por que *mexer* com essas coisas, se tudo está indo tão bem?” — pensam muitos. Logo, o despertar espiritual muitas vezes só vem pela dor, quando o sujeito é exposto a uma situação que o constranja a tomar novos rumos, por exemplo: diante de grave enfermidade, perda de um ente querido, falência financeira, etc.

Porém, devemos contar que há tantos outros que têm procurado crer, até com grande esforço, buscando compreender racionalmente essa dimensão transcendental, porém sem encontrar uma lógica. Por que não encontram a **fé natural** que tantos exaltam. Por quê?

Primeiramente, precisamos ponderar sobre onde e como essas pessoas têm buscado a lógica espiritual. A humanidade vem de séculos e séculos de escuridão e terror sob bandeiras religiosas, com guerras e atrocidades físicas e morais em nome de crenças e conceitos sagrados. A espiritualidade e a divindade têm sido apresentadas de formas diversas e irracionais. A lembrança íntima que as pessoas comuns têm hoje de Deus (e entidades similares) é o de uma figura antropomórfica, quer dizer, com feições humanas, de um ser que, embora superior aos homens, tenha comportamentos mesquinhos como ira, ciúme, apego a uns e antipatias para com outros. Uma demonstração evidente disso é que Ele é sempre idealizado na figura masculina. A ideia de a divindade ser pintada com feições de uma mulher ofenderia ao senso comum. E até existe o verbete equivalente vertido para o feminino — deusa —, cuja conotação em nada lembra a figura d’O Criador, O Pai, O Poderoso...

As três maiores religiões do mundo atual — Cristianismo, Islamismo e Judaísmo — se fundamentam em concepções primitivas, cobrando que a razão de suas doutrinas seja pela medida da credulidade de seus fieis — o “crer para ver”. Portanto, quando um sujeito comum é questionado sobre sua crença em Deus, ele remonta suas análises para o modelo de Deus traçado pela cultura

¹⁷ Item “*Estar Espacial*”, dentro do cap. 1 desta obra.

impregnada por aquelas religiões primitivas. Não admitindo racionalmente aquele modelo, automaticamente cria-se uma negação natural, porque falta aí uma nova opção — embora sejamos obrigados a dizer que a razão humana é ainda muito ínfima para abarcar a complexidade da espiritualidade.

Além da matéria

Se é fato que a vida e a Consciência independem das condições materiais de nossa dimensão é que existe algo transcendental — que chamamos de **espiritualidade**. Não há volta. É um fato, repetimos.

Havendo espiritualidade, resta-nos encontrá-la em nós mesmos e nas manifestações práticas, pois é justo supormos que haja uma intensa relação entre o plano espiritual e o plano material.

É certo admitir que, se o plano transcendental não depende das condições físicas, então a natureza espiritual seja superior ao nosso mundo. Portanto, como encarnados, estamos bastante limitados em relação às potencialidades que o Espírito tem. Uma dessas limitações é a de precisarmos de órgãos visuais para enxergar. Logo, aqui estando, nunca veremos o mundo dos Espíritos tal qual ele é.

Vantagens de se espiritualizar

Nunca veremos o plano espiritual em sua plenitude estando sob as condições da matéria, mas certamente que podemos ter lampejos dele em determinadas situações.

Ter uma prova sensorial da existência além da morte é a consagração da racionalidade a que já chegamos, a respeito de a Consciência ser independentemente do corpo físico. Mas há outras vantagens.

Ora, se esta vida encarnada tem um prazo e se vamos retornar à condição superior, então temos o benefício de, espiritualizando-se, preparar melhor nosso retorno, visando nossa readaptação ao habitat espiritual — nossa morada natural —, assim como quem vai para outro país se programa, praticando o novo idioma, adequando seu vestuário ao clima de lá e se familiarizando com a cultura dos habitantes com quem vai se relacionar, etc.

Além disso, supomos que, de certa maneira, mesmo encarnados, ainda fazemos parte do plano espiritual e que nossa personagem carnal interage com nossa identidade maior — o Espírito que cada um é em essência. Com isso, saber das *coisas do alto* é salutar para melhor desempenharmos nosso papel terreno, tendo em vista a volta inevitável ao lar acima.

Encontrando Deus

Perguntar a um cego de nascença o que seja o arco-íris é tão constrangedor quando pedir a uma pessoa sensata que descreva a Divindade. Sem o registro visual físico, o infeliz só pode conjecturar vagas teorias; com as limitações humanas, a razão não faz mais do que criar teoremas vagos para idealizar Deus. Teorizemos, pelo menos, sobre essa Força Suprema.

Há um axioma¹⁸ científico que assevera: tudo tem uma causa. Então, para toda obra há um criador; havendo uma tela, certo é que há o seu pintor. A esse exemplo deduzimos que nós, nosso mundo e tudo que há são obras de uma força extra-humana. Essa força é, forçosamente, superior a tudo que há criado — pois se não fosse, não poderia tê-lo feito. Se essa potência não se encontra em nossa dimensão, logicamente que pertence a uma esfera superior. Assim, pela própria ciência humana, fica evidente que há a espiritualidade — essa força além das capacidades humanas.

O processo de construção pode ser uma empreitada coletiva, em que muitas mãos se confraternizam na obra, mas é imperativo que haja um superior absoluto, único e inigualável. Noutras palavras, a obra universal deve ter o Ser que intitulamos “Deus”, aquele que teve o impulso inicial, a causa primária de todas as coisas — que são obras suas.

Neste ponto se apresentam legítimas interrogações: de onde veio Deus? Será que Ele se fez a si mesmo? Ele seria obra do acaso?

O testemunho dos mentores espirituais que colaboraram com a codificação do Espiritismo foi o de que Deus não se fez a si mesmo, nem foi gerado (pois isso implicaria em ter havido algo ou alguém antes dele); definiram então que Deus é eterno — que não teve princípio e, obviamente, que não terá fim.

Já no primeiro capítulo de “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec aborda a questão da Divindade e, sem o pretexto de defini-lo, discorre sobre os atributos que podemos lhe apontar, justificando-os:

Deus é **eterno**. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado por um ser anterior a Ele. É assim que, de degrau em degrau, exploramos o infinito e à eternidade.

É **imutável**. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo não teriam nenhuma estabilidade.

É **imaterial**. Quer dizer, que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria.

É **único**. Se muitos Deuses houvesse, não haveria unidade de

¹⁸ **Axioma:** regra, lei, sentença, premissa.

pensamento, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É **onipotente**. Ele é, porque é único. Se não tivesse o poder soberano, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. O que não fosse feito por Ele teriam sido obra de outro Deus.

É **soberanamente justo e bom**. A sabedoria providencial das leis divinas se revela assim nas coisas mais pequeninas como nas maiores, e essa sabedoria não permite divisão nem da justiça nem da bondade de Deus.

Naturalmente que nossa compreensão acerca do Criador não poderia se prender apenas à fria teoria. Precisamos acima de tudo senti-lo, buscando a fonte espiritual de que todos nós somos oriundos. Por essa sensibilidade extra, encontramos a certeza instintiva de Deus, tal como aquele cego pode resgatar suas impressões sobre as cores, dado que viemos do Pai, da mesma forma que o desprovido da luz dos olhos físicos de hoje já viu o arco-íris em vidas precedentes.

Por agora, temos de nos contentar com essa limitação: Deus é momentaneamente incalculável para nós terráqueos. Somente o tocamos pelas referidas deduções e pela fé. E, enfatizamos: a dificuldade de se chegar a essa fé se dá pelo hábito de se tentar imaginá-lo pelo modelo humano — como se fosse um homem, com instintos, sentimentos e emoções semelhantes às nossas.

Muitos dirão que a lacuna deixada pela incógnita chamada “Deus” compromete o restante de seu autodescobrimento, mas podemos pensar o seguinte: justamente por a Divindade ser aquilo que é de maior importância e o ponto máximo de nossa busca, não pode ser a primeira lição, mas sim o ápice desse curso. Precisamos antes passar pelo bê-á-bá para desenvolvermos os recursos necessários para compreendermos a lição maior.

Descobrimo-se como Espírito

Diante da descoberta do mundo espiritual — como plano um extrafísico —, vemo-nos essencialmente então como cidadãos daquele, ou seja, como Espíritos, por hora confinados nesta dimensão terrena, dramatizando o papel humano atual. Essa dedução nos leva a questionamentos do tipo: quais as características desse habitat do além? Como será nossa identidade espiritual?

— “Só quem sabe é quem já morreu” — comumente se propõe. Mas, será assim mesmo? As leis naturais que regem o Universo não poderiam ter deixado uma brecha de intermundos para a solidariedade entre Espíritos desencarnados e almas encarnadas? Não são fartos os registros históricos de manifestações de Espíritos? Por que desdenhá-los todos sem um apurado

exame?

Ora, mitos, lendas, contos e histórias de seres sobrenaturais rodam a Humanidade desde a mais remota data. Esse imaginário popular não pode ser também um indício instintivo de nossa essência espiritual? Nessa fumaça toda não haverá sequer uma faísca?

Uma vez cientificado a independência consciencial da vida carnal, tudo passa a ser possível, embora não seja como diz qualquer teoria espiritualista. Todavia, uma coisa se faz patente: não somos matéria, somos seres espirituais.

Não seria o caso de averiguarmos o que se diz por “sexto sentido”?

Sexto sentido

Teorizamos lá atrás, detalhadamente, os cinco sentidos físicos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e também comentamos aqui e acolá sobre certos fenômenos especiais, que fogem às leis tradicionais dos homens. Essas ocorrências foram postuladas por uns como milagres, ou fatos sobrenaturais — como a manifestação da consciência extracampo. Ocorre que, uma coisa é dizermos que o fato tal está fora das leis; outra coisa é admitirmos não conhecer todas as leis naturais.

Muitas invenções mecânicas foram recebidas na cota de *coisas maravilhosas*. Quando os primeiros aviões cortaram os ares, nas mais inóspitas regiões do globo terrestre — onde não houve qualquer predição dessa tecnologia —, povos diversos interpretaram e descreveram as aeronaves com as mais fabulosas suposições, tais como fossem deuses, pragas e tudo mais quanto a imaginação pode elaborar. Hoje, embora as pessoas comuns não saibam com exatidão como a máquina funciona, ninguém mais na Terra estranha o avião. Não fere mais o senso comum tal fosse uma coisa miraculosa: todos sabem que é ciência.

É sensato pensarmos que há uma ciência natural superior à dos homens, pela qual a interação entre Espíritos e Almas seja absolutamente possível e legal.

Pois que somos Espíritos, trazemos à Terra em nosso imo uma mínima gota instintiva de nossas faculdades espirituais, mais ou menos exteriorizadas aqui e ali. É o que comumente se diz de **sexto sentido**.

Com o devido perdão pelo pleonasma, o considerado normal é *ver com os olhos*; ter uma percepção visual (de algo que está à longa distância, por exemplo) sem aparato físico é anormal. Pois foi a incidência frequente de fenômenos ditos *fora do normal* que deu luz a ramos científicos como **Paranormalidade** e **Parapsicologia**. Ambos estudam fatos e efeitos que transcendem as leis tradicionais do conhecimento humano, como telepatia,

premonição, psicocinese¹⁹, etc. São fatos reais catalogados pela ciência, com declaração formal das academias de que são inexplicáveis segundo os seus conceitos padrões atuais. Mas assim como esses padrões atuais foram construídos ao longo dos anos e estão sendo constantemente reformulados, a ciência avança no sentido de tentar compreender essas potências espirituais ainda desconhecidas, de modo que possamos nós conhecer as leis que regem essa força extraorgânica.

Não tendo que ficar à espera do que a ciência descobre, cada um pode investigar em si mesmo o seu grau de percepção. O codificador espírita, Allan Kardec, disse certa vez que são raras as pessoas que não possuem os mínimos rudimentos dessas habilidades.²⁰

Em última análise, caso não se encontre internamente nenhum vestígio dessas percepções, resta ainda olhar ao redor e ver quão crescente tem sido a frequência de eventos espirituais que será raríssimo não encontrarmos alguém próximo que não os tenha experimentado.

Basicamente, há duas categorias de fenômenos extrafísicos: **animismo e mediunidade**.

De maneira superficial, podemos defini-los assim: o evento anímico é aquele produzido pela *ânima* (alma, espírito, ser transcendental), através das potências que somente ela — pelo desprendimento físico — pode executar (visão à distância, precognição²¹, manipulação de objetos pela indução mental). Nesses casos, o sensitivo é o próprio responsável — direta ou indiretamente — do fenômeno. Por sua vez, o evento mediúnico tem como fonte outro indivíduo (Espírito), sendo o sensitivo apenas o meio pelo qual se manifesta o fenômeno (na psicografia, por exemplo, o sensitivo (ou médium) é apenas o retransmissor da mensagem, cuja autoria é de outra entidade). Na mediunidade, há sempre a participação de um ser espiritual além do mediador.

E como podemos evidenciar que um fenômeno é de sexto grau? — Ora, a começar pelo critério de que em condições normais (estado de consciência humana) o sensitivo não produziria tal manifestação. Uma demonstração consumada: analisando os cerca de quatrocentos livros de Francisco Cândido Xavier, os críticos literários identificaram pelo menos cinquenta estilos literários muito bem caracterizados, pelo que definem a autoria das obras (Espíritos que outrora forma grandes escritores na Terra), sendo impossível — pela rica diversidade dos conteúdos — que um semianalfabeto como Chico Xavier pudesse elaborar. No acervo daquele médium constam romances,

¹⁹ Psicocinese, psicocinesia, telecinese ou telecinesia: capacidade paranormal de mover objetos físicos através da força mental.

²⁰ "O LIVRO DOS MÉDIUNS", Allan Kardec – Cap. XIV, item 159.

²¹ Precognição: previsão de fatos futuros, clarividência.

poesias, dissertações, teses científicas e outros tantos gêneros sortidos que impressionam os especialistas em cada um dos segmentos abordados.

E para quem acha que o exemplo acima é um tanto subjetivo, não faltam fenômenos de efeitos físicos, como levitação de objetos (ou de pessoas, como o próprio sensitivo/médium) e ectoplasmia (materialização de formas humanas e objetos a partir de ectoplasma²²).

Havendo o fenômeno, obrigatoriamente há a fonte que o produziu. Os efeitos nos levam à causa. Se esta causa não é de natureza humana, logo, denuncia a existência de outra força natural. Eis aqui as evidências — para não dizer *provas* — da espiritualidade.²³

²² **Ectoplasma:** substância vaporosa visível oriunda do organismo do médium capaz de produzir materialização de formas espirituais.

²³ A Ciência moderna não mais tem usado os termos "prova" e "verdade" nas suas postulações. Ao invés, as academias preferem usar "evidência".

Capítulo 13

A influência material

Após a conclusão que somos seres transcendentais, surge de pronto uma pergunta básica: por que estamos sob essa condição carnal?

Contudo, antes de cogitarmos isso, vamos fazer um breve apanhado da trajetória de um ser humano nesta terra.

Após a fecundação, a mãe entra no período de gravidez, por cerca de nove meses, para que o fruto orgânico ganhe forma corporal. Uma fabulosa máquina então começa a ser desenvolvida, repleta de órgãos e dispositivos entrelaçados, cada qual cumprindo determinadas tarefas para oferecer ao hóspede (Espírito encarnado, ou Alma) as condições de se manifestar no “mundo dos viventes”. Só que, em contrapartida, essa casa carnal impõe certas circunstâncias, como a reciprocidade das reações químico-emocionais, pelas quais o Ser espiritual recebe as influências sensoriais do corpo e este, por sua vez, também fica receptivo aos sentimentos da Alma. Assim é que os desequilíbrios sentimentais podem gerar patologias, da mesma maneira que uma agressão física pode alterar o estado psíquico da Consciência.

Dualidade Espírito/matéria

Portanto, como encarnado, o Espírito é condicionado às sensações físicas²⁴, que só existem aqui, na dimensão material. O mais fantástico de tudo, porém, é que estamos descobrindo que todo esse mundo é uma grande ilusão, que as coisas que julgávamos *reais* são como que meros hologramas, que nada é de fato físico em sua essência, mas somente uma modulação, para representar coisas criadas e padronizadas como algo concreto. Entendamos melhor: alguém te mostra uma cadeira e você define claramente “isto é uma cadeira”, sem nenhum embargo, pois esta é a convenção de nossa realidade material. No

²⁴ Daí a razão de Allan Kardec ter adotado a classificação **Espírito** para o Ser enquanto desencarnado e **Alma** para o Ser enquanto encarnado.

entanto, caso te mostrem agora as partes separadas desse engenho da carpintaria, você dirá que são simplesmente pés, assento e encosto que, juntas, podem formar uma cadeira — mas que, separadas, são somente pedaços de madeira (ou qualquer outro material). Além disso, pegando individualmente uma das pernas dessa cadeira, esse alguém te mostre a peça toda deformada, a ponto de não mais ser possível reconhecê-la como antes, você certamente não mais deduziria que se trata de um pedaço de cadeira. Não veria ali nada além de uma porção de madeira. Com isso concluímos que a cadeira, de fato, só existe na nossa ideia, sendo algumas vezes representada materialmente.

Usamos os materiais para representar nossas criações mentais. Aquilo que chamamos de *talheres*, por exemplo, são um punhado de metais forjados para simular a ideia de *talheres* que está no nosso pensamento; uma casa é — superficialmente falando — uma montoeira de materiais (terra, cimento, ferro, vidro, etc.). E “superficialmente falando” quer dizer: nem mesmo os materiais são reais em sua essência, pois pau, pedra, aço, água, gás e tudo o que compõe os elementos físicos dessa dimensão não passa de estágios diferentes de uma mesma composição, que a codificação espírita intitulou **matéria elementar**²⁵. A partir dessa matéria é que se formam todas as substâncias.

Porém, o ponto capital para o momento é a ligação do Ser existencial (Espírito) e a máquina somática (o corpo humano), que faz com que a consciência seja submetida às necessidades físicas e, com muita facilidade, as pessoas confundam o indivíduo com o corpo. Com efeito, é da cultura popular que, olhando para o invólucro corporal (numa fotografia, por exemplo), se diga “Este é fulano”, tal como se disséssemos “Fulano é isso (o corpo)”.

Embora, de certa forma, enquanto encarnados, o corpo somático seja uma extensão de nós mesmos, a confusão extrapola a razão em função de praticamente as pessoas esquecerem sua essência espiritual (que é preexistente e independente da matéria) — e vivem — ou sobrevivem — quase que interinamente para as satisfações das necessidades da vida física. Um exemplo trivial desse perigoso engano é o de o indivíduo medir a beleza do seu Ser pela silhueta do corpo humano: ao invés de se dizer “o corpo é belo (ou feio)”, diz-se “Eu sou belo (ou feio)”.

Necessidade das necessidades

Podemos pensar que as exigências fisiológicas e as limitações da natureza física são uma verdadeira jaula para o Espírito. A simples necessidade do oxigênio já nos impõe uma grande barreira. E quanto problemática nos é a

²⁵ Ver “O LIVRO DOS ESPÍRITOS”, Allan Kardec, capítulo “Dos elementos gerais do Universo”, questões 21 a 36.

asfixia, não é mesmo? Então, a vida de encarnado é uma sentença cruel!

Ou não?

Bem, antes de tudo, devemos supor que essa sentença nos é imposta pela Natureza. Assim sendo, não é o caso de procurarmos compreender a precisão dessa condição? Deve haver alguma boa, sábia e justa razão para aqui estarmos condicionados às necessidades materiais.

E não nos é difícil concluir que a principal razão seja justamente a lei de evolução, que é sempre impulsionada pela necessidade de o indivíduo ascender a uma posição cada vez melhor. Ora, é visível que todo o processo evolutivo que se deu na Terra — e ainda se dá — foi em função de uma pressão natural das circunstâncias físicas, que impele os seres a buscar condições de sobrevivência mais seguras (num patamar mais instintivo e primitivo) e mais confortáveis (já num nível mais avançado de desenvolvimento do intelecto).

Por esse prisma, os apelos da vida física acabam sendo benéficos ao Espírito, que obviamente não precisa exatamente das conquistas físicas (bens materiais), mas se enriquece das experiências adquiridas na corrida por esses benefícios terrenos, pois que daí — para a aquisição de bens — o homem desenvolve capacidades como inteligência, criatividade, ousadia. Ou seja, as necessidades materiais cumprem um papel essencial no processo de evolução espiritual.

Não fossem as carências físicas, o que motivaria os seres a evoluir? Na infância da espiritualidade — quando o Espírito ainda não tem cognição do que é bom e superior —, o que movimentaria o sujeito a buscar sua progressão se onde ele está já houver o suficiente para que sobreviva? Logo, a necessidade é a força propulsora do progresso.

Vícios e virtudes

É compreensível que, nesse processo de desenvolvimento evolutivo em função das necessidades, impere nos primeiros estágios muito mais o instinto primitivo do que a razão, uma vez que a razão (elaboração inteligente) é produto da apuração do instinto. Em primeira análise, o instinto primitivo é originalmente egoísta, porém esse egoísmo é inicialmente mecânico. Quer dizer, a criança é egoísta por instinto e sem intenção inteligente de ser assim.

O egoísmo do instinto primitivo é, por assim dizer, inocente e necessário para a individualização e formação da personalidade do Ser, pois o sujeito precisa descobrir antes de tudo a si mesmo. As necessidades pessoais fazem com que ele busque anteriormente sua autossatisfação, porque, do contrário, ele nada poderá realizar, ou melhor, ele não será ninguém. Esse automatismo explica porque o bebê faminto berra desesperado e

agressivamente, ao passo que, tão logo saciado, ele rapidamente recupere o aspecto dócil que lhe é próprio. Contudo, a falta do alimento será um problema, pois que, por falta de cognição (capacidade de compreender intelectualmente que não há disponibilidade de alimento) e a persistência da necessidade fisiológica implicará que em nada adiantará a mãe argumentar quaisquer justificativas para não alimentá-lo.

Nesse processo de autoafirmação, o sujeito está suscetível a contrair vícios (hábitos imperfeitos) supostamente em nome da sua autodefesa (como a agressividade), da subsistência (como a ganância), do status (como o orgulho), da coragem (como a roubalheira), da diplomacia (como a falsidade), etc.

A partir das experiências vividas (conhecimentos), o Ser desenvolve a inteligência e pode então começar a raciocinar sobre o certo e o errado, o bem e o mal. Diante do desabrochar da consciência de seu livre-arbítrio e das consequências de seus atos, a responsabilidade o convida a despojar-se dos vícios e no lugar deles desenvolver as virtudes.

Eis então a grande jornada espiritual a que nós todos estamos submetidos: o processo transitório de estado de automatismo (sobrevivência em função do instinto primitivo) para o estado de autonomia (vivência em função das deliberações racionais), quer dizer, da infância espiritual para a condição de Espírito evoluído.

Capítulo 14

Transição evolutiva

Complementando o capítulo anterior, ao mesmo tempo em que já podemos sintetizar nosso estudo sobre a escalada evolutiva, vamos traçar um gráfico para exemplificar a transição do Estado de automatismo para o estado de autonomia.

Começemos por observar a direção evolutiva: podemos ver o constante devir (progresso) em tudo na Natureza — inclusive nos ciclos naturais das coisas²⁶ —, mas nenhum exemplo supera o do nosso progresso intelectual. Então, percorrendo em sentido contrário, constataremos que no nosso princípio existencial nós viemos da total inocência — sem conhecimentos e sem máculas —, porém carregando em nossa essência todas as potencialidades virtuosas para serem desenvolvidas. Quer dizer, na nossa infância espiritual, não tínhamos nem inteligência, nem livre-arbítrio e, por consequência disso, nem responsabilidades por nossos atos — que são produtos das experiências acumuladas —, mas já trazíamos as capacidades de intelecto, senso crítico e juízo latentes em nosso íntimo. O ponto de partida do Espírito é, portanto, o **estado primitivo**, bruto, instintivo, automático, onde o Ser existe basicamente para a sobrevivência física.

Na outra extremidade dessa linha evolutiva, podemos presumir que, desenvolvendo suas capacidades intelectuais e morais, o Espírito sobe para um nível antagônico ao primeiro, ou seja, **estado evoluído**, sutil, autônomo, onde o Ser vive a vida plena com total consciência — e feliz.

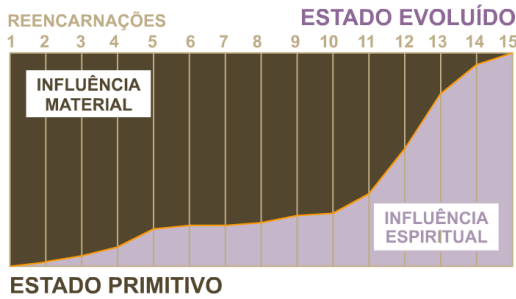
No jargão espírita o estado primitivo é descrito como **nascimento espiritual**, considerando que Deus — o supremo criador — gera todos os

²⁶ Dizemos que a Natureza é cíclica como se tudo que finda volta a ser exatamente o que era. Por exemplo, a água do rio evapora, condensa-se na atmosfera e depois cai em forma de chuva para formar aquele mesmo rio. A curto prazo, esses ciclos naturais podem não apresentar alterações, porém, numa concepção mais apurada, poderemos pensar que também aí há o devir; que o rio, a água, a condensação e a chuva de milhares de anos atrás não eram exatamente como são hoje, pois que todas as composições geofísicas do planeta também estão em transformação. A fauna, a flora

Espíritos indistintamente dessa forma. Logo, todos nós partimos desse mesmo ponto e temos exatamente as mesmas potencialidades. O estado evoluído é chamado de **perfeição**, porém, levando em conta que a perfeição absoluta só pertence a Deus, donde se conclui que o estado de aperfeiçoamento do Espírito tem um teto definido.

Entre o ponto inicial e o final dessa trajetória evolutiva temos então o **estado transitório**, onde o Ser será mais ou menos adiantado conforme as vivências e aprendizados acumulados. Nesse ínterim — inclusive como um instrumento de crescimento espiritual — os indivíduos se relacionam, sendo alguns mais primitivos e outros mais evoluídos que os demais.²⁷

Adiante, uma demonstração gráfica dessa transição.



Pelo exemplo (fictício) acima, temos o processo evolutivo de um determinado Espírito que, partido do estado primitivo, passou por quinze reencarnações até atingir o estado evoluído. Vê-se que, pela simbologia, o avanço não é linear, ou seja, em determinadas fases o sujeito eleva-se mais e noutras retém-se ou fica estagnado, correspondendo aos seus esforços para se elevar. Detalhe importante: não há regressão.

Influências material e espiritual

Por essa representação gráfica nós podemos ver ainda a distribuição de duas forças: a influência material e a influência espiritual.

A **influência material** é inerente aos apelos instintivos, que move o indivíduo no automatismo em busca da sobrevivência. É a força primitiva, distinta do intelecto. Vemos que no seu ponto de partida o Espírito é dominado por essa força bruta, que vai cedendo espaço para a **influência espiritual**, que é própria das potências virtuosas. No estado evoluído, o sujeito é todo

e tudo o que há hoje não é como era no passado longínquo e não será num futuro distante. Igualmente os orbes se remodelam e se aperfeiçoam, de formas brutas para etéreas.

²⁷ Ver em "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", de Allan Kardec, questões: de 114 a 127.

consciente e despojado dos apelos materialistas.

A predominância da influência material submete o Espírito a condições que comumente taxamos de imperfeitas e erradas — pecaminosas, na linguagem religiosista. O Espírito mais próximo ao estado primitivo age menos inconscientemente e mais movido pelas necessidades. Agindo animaisicamente ele busca o alimento pela precisão de se saciar e não exatamente pelo prazer de comer, de que ele tem pouco conhecimento. À medida que seu intelecto se desenvolve, ele passa a selecionar o alimento. Adquire sensibilidade e pode então ajuizar sobre o belo, o gostoso, o confortável e o justo.

E aqui se apresenta um novo e interessante elemento para nossa análise: o **processo de escolha**. Que critério o Espírito usa para tomar suas decisões, como escolher o que comer? A resposta ainda está no jogo de influências material/espiritual. Eu explico a seguir.

Embora a nossa natureza seja espiritual — nós somos Espíritos — e o espírito essencialmente independa do corpo material, o Ser precisa passar pela condição física para seu desenvolvimento evolutivo²⁸, quando então ele experimentará ser influenciado pelas leis orgânicas do corpo que vestirá e que, como já mencionado, de alguma forma é uma extensão da consciência.

Relevante dizer igualmente que a influência material não se dá apenas enquanto o Ser é alma, ou seja, um encarnado. Isso quer dizer que no intervalo entre as reencarnações, vivendo no plano espiritual²⁹, o Espírito em transição evolutiva também terá sensações físicas como fome, sede, frio, dores físicas, etc. mais ou menos fortes de acordo com o grau das influências material/espiritual.

A condição perispiritual

Mas como é possível o Espírito desencarnado ter sensações próprias do corpo somático? Resposta: através do **perispírito**.

Perispírito é o nome que a Doutrina Espírita adota para representar o corpo espiritual que todo Espírito tem, desde o seu princípio e sempre o terá.³⁰

Na infância espiritual, mais próximo do estado primitivo, esse corpo espiritual é denso e aproximado às formas materiais próprias do planeta onde reencarna. Na medida em que evolui o Espírito, seu perispírito vai se depurando, tornando-se mais sutil, ágil e belo.³¹

Dentro do processo evolutivo os Espíritos mais afastados do estado da perfeição e, portanto, forçosamente submetidos ao processo de reencarnações

²⁸ Ver em "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", de Allan Kardec, questões: de 21 a 28 e de 132 a 146.

²⁹ Allan Kardec chamou de *erraticidade* esse período vivido pelo Espírito entre as reencarnações.

³⁰ Outras doutrinas têm dado outros nomes ao corpo espiritual (corpo astral, corpo psicossoma, modelo organizador biológico, corpo bioplasmático, etc.), além de levantar ideias diversas sobre a sua composição, capacidades e funções.

³¹ Ver "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", de Allan Kardec, questões: de 88 a 95.

ficam como que presos a um determinado orbe, por exemplo, nós aqui no planeta Terra — estando encarnados ou desencarnados. É como se, morrendo na dimensão física terrena, o Espírito renasça na dimensão espiritual terrena. Porém, se o indivíduo for bem graduado — e, com isso, tiver um perispírito depurado —, ao sair da carne, ele poderá ingressar em um novo sistema planetário. Diz o Espiritismo que quando o Espírito já está mais próximo do estado evoluído ele ganha mais liberdade, inclusive para migrar de um mundo para outro e percorrer maiores distâncias na imensidão do Universo, porque seu corpo espiritual já não sente mais a atração magnética física (como a força da gravidade nos prende à superfície terrestre) e pode então voitar mais livremente.

O perispírito é, portanto, a materialização do estado evolutivo do Ser.

Nosso grau evolutivo

Caro leitor, por acaso já te surgiu a indagação sobre em que grau evolutivo nós estamos?

Vamos filosofar sobre.

O fato de estarmos encarnados na Terra é um forte indício de que estamos em fase de transição evolutiva. Seria mesmo uma certeza não fosse a possibilidade de um Espírito perfeito (que tenha já completado sua trajetória evolutiva) poder voluntariamente encarnar em um determinado planeta em missão — embora isso seja raridade e, nestas condições, sua encarnação seria tão marcante que bastante facilidade este se destacaria dos demais encarnados.

Provavelmente o leitor tenha pensado: *para saber meu grau evolutivo o melhor passo é olhar para mim mesmo*. Contudo, devemos considerar um ponto capital: que referencial eu posso ter para medir a mim mesmo?

Normalmente, medimo-nos em relação às pessoas de nosso convívio próximo. Só que aí voltamos àquela questão: o quanto somos nós mesmos (aquisição espiritual) e o quanto somos em função das tradições e influências da sociedade? E para melhor compreendermos a diferença dessas essências, vamos imaginar uma entidade espiritual que encarna e cresce educado por padrões éticos e religiosos, dentro de uma família bem estruturada, moral e financeiramente, e é inserido numa sociedade organizada tem uma boa aquisição: por mais primitivo que seja, ele acabará por apreender essas boas influências. Poderá mesmo cumprir toda a encarnação sem grandes incidentes, uma vez que passou por poucas provações. Ao fim de sua trajetória carnal, não faltará quem o ponha na conta de um *ser muito bom*. Contudo, pegue esse mesmo Espírito e faça-o encarnar na miséria, numa família desajustada e em meio às viciações carnis e ei-lo facilmente tombar aqui e ali nas apelações

carnais, desclassificando-o conforme os padrões humanos.

Para quem não tiver um bom discernimento dessas nuances, talvez um método mais eficaz para medir a graduação evolutiva seja levar em conta o meio ao qual estamos inseridos, pois que também os ambientes físicos progridem.³²

Pela lei natural de atração, podemos deduzir que os Espíritos encarnam em mundos mais ou menos equitativos com sua progressão. Quer dizer, os Espíritos que ora habitam a esfera terrena estão basicamente num mesmo patamar.

E qual é o patamar atual do planeta Terra?

A superioridade da inteligência, registrada em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo — destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso Deus os colocou num mundo bruto, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que mereçam ascender a um planeta mais ditoso.

(O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. III, Item 13)

Pelos apontamentos acima deduzimos que o grau evolutivo da Terra figura-se mais ou menos na metade do caminho.

Diante dessa realidade, creio eu que a aspiração natural de todos nós que até aqui chegamos seja a de querer prosseguir nessa estrada evolutiva e, enfim, chegar à condição de perfeição. A questão de momento é: como adiantar nossa evolução?

Entretanto, antes de fixarmos nossos esforços diretamente nessa indagação, precisamos estudar melhor a influência fisiológica e o nosso processo de escolhas.

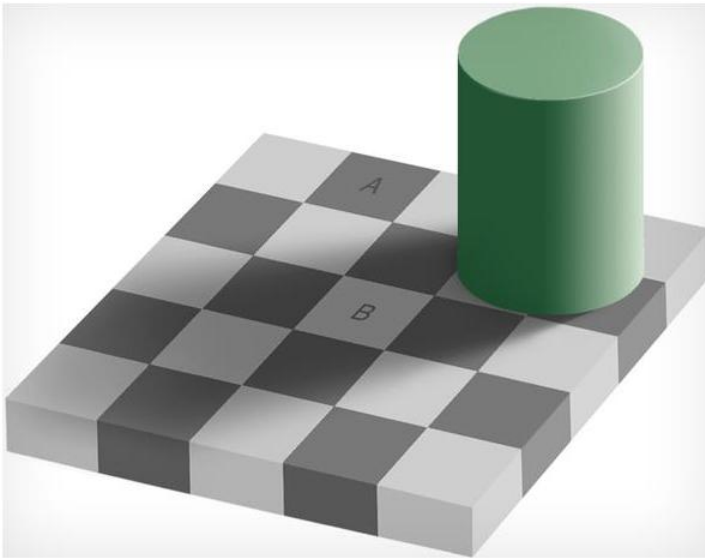
Faremos isso no próximo capítulo.

³² Sobre a lei de progressão dos mundos, ver "O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO", capítulo III.

Capítulo 15

A ilusão da matéria

Vamos começar este capítulo observando na figura adiante se há alguma diferença entre os quadradinhos **A** e **B**. Para ser mais preciso, eu pergunto ao leitor: qual a cor de cada um dos quadrados?

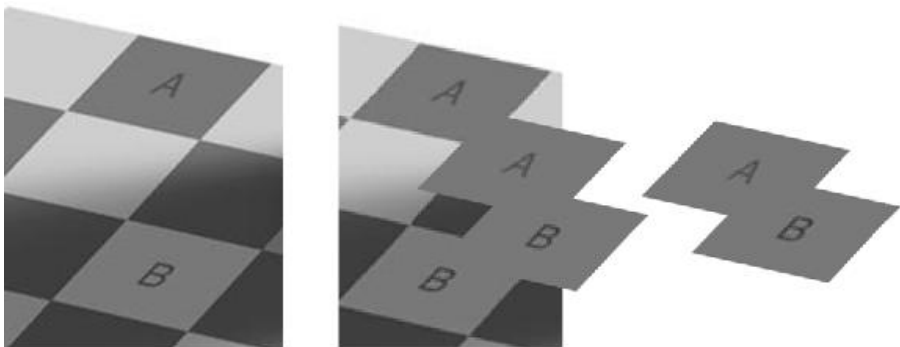


Notoriamente, vemos um tabuleiro com quadradinhos na cor cinza com quadrados num tom mais claro alternando com outros em tom mais escuro. A pergunta básica é: qual a diferença de cores entre o quadrado marcado com a letra A e o outro com a letra B.

Ora, vê-se claramente que o quadrado marcado com a letra A é de cor bem mais escurecida do que a da B, de acordo?

Pois, pasme o leitor, mas a verdade é que ambos os quadradinhos têm a mesmíssima cor cinza e na mesmíssima tonalidade.

Vamos tirar a prova?



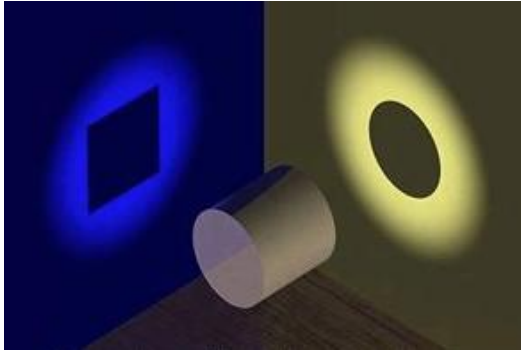
Veja só que coisa interessante: quando observamos os quadradinhos isoladamente, temos uma percepção totalmente diferente de quando os juntamos ao restante da imagem que, pelo jogo de matizes, acaba por *confundir* nossa visão.

Ilusão de ótica

Essa experiência é uma demonstração clássica de **ilusão de ótica**. A explicação não é das mais simples, porém, tentemos entender: quando dizemos ver alguma coisa, na realidade, estamos cometendo um equívoco, pois não vemos as coisas, mas nós interpretamos aquilo que nossas capacidades concebem. Toda a nossa visão não passa de uma holografia, quer dizer, uma virtual montagem tridimensional das nossas ideias, como se estivemos dentro de um *game* de computador, sabendo que tudo aquilo é uma *realidade fictícia*. Nossos olhos são órgãos semelhantes a lentes filmadoras, captando as cores (jogo de luzes) e as enviando para nosso cérebro, assim como um computador envia dados quaisquer de um terminal para outro. O cérebro recebe as informações e então faz uma interpretação técnica — mecânica, e não intelectual — de acordo com seu modo de processar dados.³³

Usaremos outra ilustração para nos servir de exemplo sobre a ilusão de ótica, desde quando não temos o panorama completo da realidade para então lançarmos uma opinião: dependendo de um ângulo restrito, um objeto projeta dois tipos de sombra, dando ensejo a duas diferentes interpretações:

³³ Uma alegoria semelhante e muito bem produzida desse mundo virtual se encontra na trilogia cinematográfica "Matrix". Nessa ficção, o mundo encarnado é um ambiente virtual. As verdadeiras pessoas são encubadas e suas consciências vão habitar um mundo digital, representando um papel pré-estabelecido numa sociedade irreal. A trama ganha ênfase quando um cidadão chamado Neo — um hacker — invade o sistema e descobre o "mundo livre" (o mundo real). Com a ajuda de Morpheus (espécie de guia espiritual), Neo sai desse mundo computadorizado e segue sua jornada à procura da verdade, pondo em xeque todo o sistema, que então usará de todos os seus recursos para barrá-lo. A filosofia clássica também nos legou uma ilustração bem útil a respeito: o mito da caverna, descrito por Platão em "A REPÚBLICA", Livro VII.



A exemplo do que se passa com a visão (através dos olhos), nossa central cerebral recebe informações — sensações — auditivas (através dos ouvidos), olfativas (através do canal nasal), gustativa (pela língua) e tátil (pelas células receptoras táteis). E da mesma forma como há ilusão de ótica, podemos ser traídos pelos sentidos — ou pela interpretação que nosso cérebro possa fazer —, trocando isto por aquilo e gato por lebre, estando redondamente enganados, e ainda assim crentes de estarmos absolutamente corretos.

Agora, alguns questionamentos lógicos se apresentam: como o cérebro humano processa a interpretação dos dados que lhe são enviados? Qual é o grau de acerto dessa interpretação? Afinal, entre o cérebro e o Espírito, quem é que pensa?

Isso tudo nos impele a estudar a neurofisiologia humana e sua aplicação direta frente ao ser espiritual que habita o corpo somático. Entretanto, antes dessa etapa, convém refletirmos a razão pela qual a Natureza assim procede, ou seja, por que passarmos pela ilusão da matéria.

Crença nas coisas e materialismo

Imagine a cena de uma entidade desencarnada adentrando uma sala de aula no mundo espiritual e ouvindo um instrutor dizer: "Pessoal, sabe aquele mapa astrológico, contendo o Sistema Solar e os planetas conhecidos, as galáxias catalogadas, as medições estabelecidas entre os astros e tudo mais?... Pois aquele Universo que você conheceu e supôs ser o espaço real simplesmente é uma montagem virtual, exatamente como tantas outras montagens, de infinitos Universos criados para receber os Espíritos em desenvolvimento evolutivo!"

Pois bem, considere a possibilidade de você assistir a uma aula dessas.

Mas então, por que somos *enganados* pela ilusão de crer que a dimensão física em que vivemos seja o verdadeiro mundo? Se os objetos físicos

não existem de fato, por que nós somos erroneamente educados a acreditar nessa realidade material enganosa?

Bem, antes de tudo, devemos sempre considerar que Deus não faz nada que não seja útil, bom, inteligente e justo. Se forçosamente passamos por esse engano, é porque há uma razão plausível. Logo, esse engano há de ter positivas consequências para nós.

A crença nas coisas materiais é a essência do materialismo — a corrente filosófica que se abstêm da espiritualidade e explica que tudo o que existe seja efeito puro da matéria. O ponto-chave, porém, não é a crença em si, mas o valor que o indivíduo dá às coisas para, a partir daí, ele aplicar esse valor em sua vida comum.

A estima pelos bens materiais conduz o homem à senda do progresso até certo ponto, assim como as necessidades fisiológicas o impele à luta pela sobrevivência. Não fosse essa dependência biológica e esse valor pelas coisas, como poderia haver evolução se o Ser vivo ainda não se despertou intelectualmente para os valores espirituais da vida? Portanto, primeiramente é preciso haver o despertar instintivo e emocional. Essa a razão principal para crermos na necessidade de o sujeito se iludir com a matéria até que brote nele a capacidade de interpretação superiora ao instinto. Dentro dessa lógica, devemos mesmo supor que o egoísmo, a ganância, a inveja e o apego material sejam sentimentos naturais no processo de individualização da Consciência, no reconhecimento de si mesmo e para o desabrochar dos interesses próprios (segurança, bem-estar, e elevação moral e intelectual). É aquele apego inocente da criança que quer todos os brinquedos para si, mas que em seguida, na iminência de acabar brincando sozinha, compartilha-os com os demais.

O desejo pelas posses é uma alavanca para o homem lançar-se aos meios de obtê-las. O esforço bruto do trabalho inicial o convida a se graduar, buscar novas e criativas alternativas para melhor se posicionar e conseguir as coisas que deseja. Quando a Inteligência começa a predominar sobre os instintos, ele passa a se desvincular daqueles sentimentos primitivos (egoísmo, ambição, inveja etc.) e repensa sobre o valor dos bens materiais frente aos bens espirituais.

Isso não implica em desvalorizar as coisas, mas em lhes atribuir o real valor. Ele já não se empolga em possuí-las (no sentido de acumular), mas sim em bem utilizá-las — especialmente, em favor do bem comum. O desprezo pelos recursos materiais tem sido um apelo de diversas correntes filosóficas e religiosas, como que condenando a matéria, as posses e o desenvolvimento econômico. Resulta daí a confusão entre **Humildade** (sentimento nobre) e pobreza (condição de fracasso monetário).

Por outro lado, do desejo pelas posses decorre a possibilidade do o

indivíduo se lançar pela senda negativa, por exemplo, entrar no mundo do crime, ao invés de se entregar ao trabalho digno. No entanto, mesmo aí podemos ver uma lição positiva: da esperteza e da criatividade de que os criminosos se utilizam para seus fins também brota a semente da inteligência. Por que estão fora da lei, os marginais precisam se desdobrar para não serem vistos, reconhecidos e capturados, pelo que, em geral, eles são audaciosos e mais corajosos que os "homens de bem". Contudo, ao passo que eles elaboram os mais ousados experimentos, dão ensejo para que a sociedade crie os seus mecanismos de proteção. Ou seja, o crime força a reformulação da justiça.

Processo de desapego

Vemos, pois, a luta pela qual o Espírito passa frente à ilusão da matéria enquanto encarnado — e mesmo desencarnado, quando ainda materializado. Ao desembarcar no mundo virtual para cursar a escola da evolução, ele se apega instintivamente à matéria a fim de desenvolver sua inteligência. Quando, porém, esta começa a despontar, sua racionalidade o impõe o caminho de volta, ou seja, desapegar-se das coisas.

O problema é que o Espírito está tão iludido, tão dependente desses valores, tão apegado às coisas e viciados nos prazeres carnis que esse processo de desapego poderá lhe pesar prolongadas dores de parto.

É muito comum se falar em abstinência como proposta para a alma sair da influência material para a espiritualização. Culturas, filosofias e religiões têm pregado até o cilício, o jejum e toda sorte de sacrifícios como forma de purificação. Mas punir a carne só tem feito com que a alma acumule nos porões de sua subconsciência seus desejos reprimidos que, cedo ou tarde, vêm à tona e provocam graves dissabores.

Experiências melhores sucedidas vêm nos dizer que o processo mais eficaz para o desapego material consiste na substituição desses valores efêmeros pelos valores espirituais, que são eternos.

"Toda paixão que rebaixa o homem às coisas materiais, afasta-o das coisas espirituais."

Allan Kardec

Num programa de autodescobrimento, o capítulo do desapego material é de suma importância e será tanto mais fácil quanto a Consciência se abrir para o **tesouro do alto** de que falou Jesus, o qual nem a traça, nem o ferrugem e nem o ladrão podem corromper. E isso só se dá quando a influência espiritual predomina sobre a influência da matéria no pensamento, pois enquanto a Consciência pensar mais com o cérebro — e assim se guiar pelos impulsos

fisioquímicos —, a alma só terá noção de prazer pelo que recebe de seus sentidos orgânicos. Nessas condições, como o fumante aplacará sua vontade de fumar se o tabaco ainda lhe dá prazer? Como o homem violento será pacífico se ainda se apraz em violentar os semelhantes? Como convencer uma criança de que açúcar não é doce?

A cura para os vícios é a capacidade de a alma valorizar as virtudes, a começar pelo intelecto, que faz o homem raciocinar sobre as consequências das coisas, por exemplo, de que o tabagismo lhe renderá enfermidades físicas. Porém, não basta só o conhecimento — o que explica que pessoas instruídas no assunto (como médicos) ainda se arrastem ao vício de fumar. Em resposta ao prazer, o indivíduo precisa descobrir as satisfações espirituais.

Mas como enxergar essas satisfações se a visão ainda está circunscrita ao que os olhos carnis veem? — É preciso desabrochar os *olhos espirituais* para ver as benesses do plano superior.

E como abri-los? — Espiritualizando-se, buscando a influência espiritual, compreendendo que sobre a dimensão física há um ambiente infinitamente superior, de regras superiores e satisfações superiores ao prazer material.

E como buscar a influência espiritual? — pensando com a Consciência e não simplesmente com o cérebro.

Capítulo 16

A Consciência e o cérebro

O agente do pensamento — ou seja, quem pensa — tem sido matéria de discussão entre filósofos, cientistas e religiosos desde há muito. E como há diversas correntes dentro cada um desses segmentos, podemos dizer que não há um consenso nem na Filosofia, nem na Ciência e tampouco nas religiões. O que podemos fazer é separar aqueles que são materialistas ou espiritualistas.

Os materialistas não têm dúvida: o pensamento é um atributo exclusivamente da massa cerebral. Morta a carne, o ser pensante também morre. As academias científicas atuais ainda estão impregnadas de autoridades que depositam sua fé somente na matéria, mas a Ciência em si é neutra, por princípio. Da mesma forma que ela não pode ratificar a espiritualidade — que está fora dos seus limites —, também não pode negar. O máximo que a Ciência pode fazer é tocar os efeitos que dimanam dos fenômenos espirituais. Portanto, é um erro esperar que ela seja o júri probatório para garantir a existência de Deus e dos Espíritos.

Contudo, concentremo-nos na fileira espiritualista, dentre os quais, cientistas, filósofos e — obviamente — religiosos, vamos encontrar diversas sustentações acerca da ligação entre o corpo e a alma e, por conseguinte, acerca de como é a ação do pensamento considerando a vida na carne. Alguns deles dizem que o ser pensante é puramente a alma e que o cérebro em nada interfere. Outra há, porém, que creem que o corpo também faça parte diretamente da alma, tanto que eles defendem a futura vida espiritual pela ressurreição — pois, por essa ótica, é impossível separar a alma da máquina carnal. E o amigo leitor? Que pensa sobre isso? Quem pensa é somente a alma (a Consciência encarnada) ou o cérebro também pensa?

A casa mental

Quando digo que eu sei o que estou fazendo, quero dizer que estou

agindo com a minha **consciência**. Nessas condições, as minhas ações e os meus pensamentos são a exteriorização de mim mesmo. Sou eu me manifestando tal como eu realmente sou. Porém, será que tudo o que digo, falo e sinto vem da minha consciência? Noutras palavras, estou sempre consciente? O que acontece quando *uma palavra que eu não quis falar me escapa*? Para onde vai minha consciência *quando eu perco a cabeça*?

Uma verdadeira revolução acerca da ação mental se deu com as conclusões propostas por Sigmund Freud, de que não há apenas uma forma de pensar, mas basicamente três, como se cada indivíduo fosse composto por três personalidades — que ele batizou de Id, Ego e Superego.

Mais uma vez, vamos nos recorrer ao Espírito André Luiz, que assim descreve o que aprendeu dos seus instrutores sobre esses três níveis de consciência:³⁴

“Não podemos dizer que possuímos três cérebros simultaneamente. Temos apenas um que, porém, se divide em três regiões distintas. Tomemo-lo como se fora um castelo de três andares: no primeiro situamos a residência de nossos impulsos automáticos, simbolizando o sumário vivo dos serviços realizados. No segundo localizamos o domicílio das conquistas atuais, onde se erguem e se consolidam as qualidades nobres que estamos edificando; no terceiro, temos a casa das noções superiores, indicando as eminências que nos cumpre atingir. Num deles moram o hábito e o automatismo; no outro residem o esforço e a vontade; e no último demoram o ideal e a meta superior a ser alcançada. Distribuímos, deste modo, nos três andares, o subconsciente, o consciente e o superconsciente. Como vemos, possuímos, em nós mesmos, o passado, o presente e o futuro.”

NO MUNDO MAIOR, (André Luiz) Francisco Cândido Xavier - Cap. 3

Assim sendo, a consciência (segundo andar) é o estado mental de quando estamos concentrados, lúcidos e senhores das próprias vontades. É a memória atual, a ideia do presente. Só que esse nível de equilíbrio só existe interinamente nos Espíritos evoluídos. Enquanto na estrada evolutiva nós receberemos influências dos outros dois cômodos que compõem a nossa casa mental.

O **subconsciente** (primeiro andar) é uma espécie de porão, onde guardamos as experiências vividas que, praticadas sucessivamente, criam hábitos — ações automáticas e irracionais. Então, quando o indivíduo está em baixa vibração, desconcentrado ou perde o controle (consciência) de si mesmo, ele *desce* a esse porão e resgata a memória primitiva e age instintivamente, desde quando diz um simples "bom dia" mecânico — sem emitir qualquer

³⁴ Ver capítulo 11. "Formatação das ideias".

sentimento (nesse caso, um desejo sincero e bondoso de que a outra pessoa realmente tenha um dia agradável) — até soltar um palavrão ou agir violentamente contra alguém — coisa que não seja de seu comportamento comum.

Não é que o nosso subconsciente seja do mal, mas como ele é o repositório de nosso passado — e como nosso passado é repleto de sentimentos, ações e pensamentos imperfeitos —, ele nos guia para o primitivismo irracional e para as práticas que automatizamos ao longo da nossa existência espiritual — e não apenas da encarnação atual. Por isso, muitas vezes as pessoas *saem de si*, quer dizer, deixam de agir conforme os padrões do meio em que vive atualmente e resgata instintos e praxes de outrora.

Na medida em que requalificamos nossos hábitos, nós limpamos nosso porão mental e de lá retiramos nossos traumas.

Também convém frisar que é justamente nessa cela onde Espíritos mal-intencionados despejam suas influências negativas ou imperfeitas (porque ocorre muitas vezes de, ainda que com boa intenção, uma entidade acabe prejudicando alguém com inspirações errôneas).

Por outro lado, o **superconsciente** (terceiro andar) é a cobertura de nosso prédio, o refúgio superior e a intuição espiritual que nos norteia para o bem e nos acusa o mal, arrastando-nos para a evolução. Nesse cômodo elevado estão as sementes de todas as virtudes que todos os Espíritos trazem desde o nascimento e aí que o Espiritismo diz que todos somos criados com equidade de capacidades, cabendo a cada qual regar essas sementes e fazê-las dar frutos. Frequentemente nos dirigimos a esse guia particular quando dizemos "A minha consciência está me cobrando isso..."

Essa voz superiora está sempre a velar por nós e toda vez que acha oportunidade para nos intuir, ela o faz, de forma mais ou menos sutil. Além disso, ela se apresenta mediante nossa vontade impressa num apelo (oração) — numa ação consciente.

Aqui cabe abrirmos um parágrafo para Léon Denis:

"Concentrai-vos, dizia-lhes eu, em retiro e no silêncio; elevai os pensamentos para Deus; chamai o vosso Espírito protetor, o guia tutelar, que Deus nos dá para a viagem da Vida. Interrogai-o sobre as questões que vos preocupam, desde que sejam dignas dele, livres de todo o interesse vil; depois, esperai! Escutai em vós mesmos, atentamente, e, ao cabo de um instante, ouvireis nas profundezas de vossa consciência como que o eco enfraquecido de uma voz longínqua ou, antes, percebereis as vibrações de um pensamento misterioso que expulsará vossas dúvidas, dissipará vossas angústias, embalar-vos-á e consolará."

O cérebro pensa

Essencialmente, a fonte do pensamento é o Espírito — a Consciência, o Ser pensante, o Indivíduo. Porém, enquanto encarnado, ou enquanto o seu perispírito estiver bastante materializado, ele precisa usar a máquina cerebral para externar suas ideias, assim como precisa da boca para expressar sua voz. Portanto, o estado consciente da alma depende da condição cerebral.

Acontece que nosso cérebro também tem sua força e, se o deixarmos agir por conta própria, ele pensará e praticamente nos controlará, sendo que, logicamente, esse termo *pensará* está empregado de forma alegórica, mas que, na prática, tem um efeito muito realista, tal a ideia de que um agente externo dominar nossa consciência. Não é, portanto, que o cérebro pense intelectivamente — que é um atributo exclusivo da Consciência —, mas sim que, a exemplo de um computador bem programado, ele tem mecanismos de procedimentos automáticos que se autoexecutam na ausência de um comando consciente. Então, toda vez que a Consciência relaxa os impulsos cerebrais assumem a direção de nossos atos.

E qual as escolhas que o cérebro faz quando nossa consciência relaxa? — Simples: segue o padrão, quer dizer, os hábitos que contraímos.

E quando esse comando automático se depara com uma situação inusitada, o que ele faz? — Se não há registro de um procedimento que sirva de parâmetro o sistema trava — como se num software, a execução chegasse a uma linha de comando inválido (erro de programação).

Grande parte de nosso cotidiano é realizado mecanicamente. Respiramos, andamos e comemos ao sabor do automatismo. Mesmo operações mais complexas, como dirigir um carro, podem ser executadas inconscientemente depois que se tenha dominado a técnica. Diante dessas vantagens, acostumamo-nos a delegar nosso comportamento ao nosso subconsciente.

O estado consciente pode ser acionado diante de uma anormalidade. Quando vamos almoçar e o prato é conhecido, não nos importamos com nada e deixamos nosso cérebro cuidar da mastigação e ingestão. De outra forma, nossa atenção (consciência) é invocada quando nos deparamos com uma iguaria desconhecida. Aí nossos sentidos são acionados para examinar a novidade, olhando, tasteando, cheirando e degustando a comida nova para então termos uma ideia de sua serventia. Mas ainda assim, nesse processo sensorial, o cérebro pode imprimir sua influência e determinar comportamentos gerados pelo subconsciente. Por exemplo: você não gostar de kiwi e alguém te oferece uma fruta exótica que visualmente se parece com aquela outra; seus olhos filmam e mandam para o cérebro os dados visuais dessa nova fruta; aí teus

registros cerebrais associam esta novidade com o kiwi, fazendo que você rejeite a nova oferta porque apenas ao vê-la você sentirá a repugnância comum que tem de kiwi.

Quando nos deixamos ser guiados pelo automatismo nós ficamos refém das associações sensoriais. Assim, podemos ter uma má impressão de uma pessoa somente pelo fato de ela se parecer com outrem com quem não nos simpatizamos (associação visual); podemos nos agraciar com um determinado lugar somente porque lá chegamos no exato momento em que uma música agradável é executada (associação sonora); podemos ter rejeição ou afeição por alguém ou algo somente por causa do perfume que ela exale (associação olfativa) e assim por diante.

Funcionamento cerebral

A Ciência avançou muito no estudo sobre o cérebro nesses últimos anos, entretanto, comparando com as potencialidades desse órgão, esse conhecimento é ínfimo, aos olhos do materialismo que vinga nas academias, contudo, para a visão alargada daqueles que já adentraram na ciência espiritual, é um bom início para compreendermos o funcionamento cerebral.

Sabe-se que a sede cerebral tem diversos departamentos, com ministérios determinados para funções orgânicas específicas, medido e registrado por aparelhos mecânicos, através de exames como ressonância magnética, tomografia por emissão de pósitrons e eletroencefalograma. Uma evidência natural da distinção dos setores do cérebro são os variados tipos de dor de cabeça.

As variadas atividades cerebrais fabricam hormônios respectivos para os diversos estados físico-emocionais da consciência, estabelecendo que sensações e emoções sejam materializadas em forma de secreções (lágrima, suor, tumor, etc.), implicando diretamente no estado físico corporal. A atividade cerebral e o estado do restante de nosso orgânico são cúmplices na causa e efeito dos fenômenos orgânicos. A situação de um deles afeta consideravelmente o outro. A ciência humana é capaz de intervir no estado físico-emocional pelo controle hormonal (melatonina sonífera, tranquilizantes ansiolíticos, estimulantes adrenérgicos etc.). A neurobiologia e a neurociência se especializam no estudo das atividades do sistema nervoso.

Noutras palavras, o estado emocional da alma (o Ser Inteligente, a Consciência) impulsiona o cérebro à fabricação de determinadas substâncias físico-químicas correspondentes: sentimentos positivos produzem glândulas saudáveis; sentimentos e emoções negativos produzem verdadeiros venenos em nosso corpo. Em contrapartida, agentes químicos externos também podem

disseminar hormônios e *fabricar* sentimentos na alma. Por exemplo, o LSD é um composto alucinógeno capaz de criar uma sensação de extremo prazer na alma — ainda que artificial. *Viagra*, *Truth Serum* (Soro da Verdade), serotonina, noradrenalina e dopamina são outros tipos de droga que acabam manipulando o estado de consciência.

Estejamos atentos: o corpo produz a matéria-prima — reações químicas provocadas pelos hormônios naturais ou artificiais — que a alma interpreta e qualifica como sentimentos. Aqui encontramos uma explicação científica para a lei espiritual de causa e efeito, assim demonstrada: quando dizemos que todo pensamento negativo — emitido a quem quer que seja — sempre volta para a mesma fonte de origem, estamos fazendo uma afirmação científica e não religiosa, pois que todo pensamento negativo (ação consciente) acumulado e alimentado por longo tempo acaba gerando sequelas físicas (como tumores), independentemente do alvo (a quem as más vibrações sejam endereçadas) ou o motivo dessas negatividades.

Induzidos por drogas e afins, nós podemos confeccionar felicidade e motivação artificiais, porém, os efeitos positivos têm curtíssimo prazo de validade e, em contrapartida, terríveis e duradouros efeitos colaterais, tais como a ressaca e a dependência (viciação). O cérebro pode ficar tão condicionado a tal ponto de praticamente eximir uma reação lógica do infeliz, pois se criam rotinas de reprodução automática que excitam o comportamento mecânico.

De uma maneira simplória, podemos entender a atividade cerebral da seguinte maneira: o neurônio é a nossa unidade básica de dados. Os neurônios se ligam (agrupando informações) por sinapses. Assim, um conceito, uma ideia fixa, um padrão de comportamento e todo pensamento automatizado tem uma sinapse cristalizada. Por exemplo, quando um alcoólatra recebe qualquer impulso que faça parte dessa sinapse, seu cérebro ativa todo o restante dos neurônios correspondentes arrastando-o ao vício. O problema é que tudo o que lhe cerca pode ser um estimulante — qualquer imagem de copo, mesa, bar; cheiro de churrasco, aperitivos associados; determinadas músicas, gargalhadas; qualquer ideia de festa, encontro de amigos, futebol etc.

Quanto mais o sujeito *obedecer* a esta sinapse, mais essa cadeia de neurônios se fortalece, quer dizer, mais facilmente ela é reativada, fazendo com que o infeliz fique entregue àquele comportamento automatizado. Além disso, a rede de dados pode crescer com a aquisição de novas informações que se anexam à ideia do vício. Por exemplo: ele conhece um novo amigo de bar e este lhe receita beber e fazer de queijo um tira-gosto. Provando e aprovando, daí em diante, qualquer menção a queijos ficará associada à bebida alcoólica, pois o neurônio *queijo* entrou na sinapse *beber*.

SINAPSE VICIOSA

CONEXÃO ENTRE NEURÔNIOS INDUTORES



Seguindo esse padrão, seu cérebro imprime uma sensação de segurança (porque está tudo *dentro do controle conhecido*) e prazer, daí a razão de ser mesmo uma piada dizer para um alcoólatra que o seu vício é nocivo.

O sequestro da razão

A moderna Neurofisiologia está estudando essa questão e já tem alguns dados importantes a nos fornecer pela teoria do sequestro da razão, ou sequestro da amígdala.

Os cientistas já observam alguns sinais evidentes de evolução da formação do cérebro humano — também em comparação ao cérebro de animais —, que se desenvolve como que criando novas camadas (parecidas com as camadas que formam uma cebola).

A parte do nosso cérebro responsável pela lógica e que normalmente controla as nossas decisões e atitudes chama-se neocórtex — literalmente "casca nova", assim chamada por ser uma camada relativamente nova, presente somente nos humanos. É essa área pensante que tecnicamente nos difere do reino animal.

Ocorre que esse aperfeiçoamento não eliminou o funcionamento das estruturas básicas anteriores e mais primitivas. Ou seja, continuamos tendo um cérebro animal. A estrutura mais primitiva é o tronco cerebral, responsável pelos instintos mais básicos. Depois disso, surgiu o sistema límbico, que é onde se processam as emoções. E foi dele que evoluiu o cérebro pensante — neocórtex.

Nesse sistema límbico há um componente chamado amígdala — nada a ver com as amígdalas da garganta —, cuja função é a de ser uma espécie de alarme que desencadeia reações de proteção em caso de alguma emergência. Ao perceber alguma anormalidade (qualquer ideia diferente dos padrões criados por sinapses no cérebro), a amígdala desencadeia uma reação de fuga ou de agressão, como processo animalizado de sobrevivência.

O ponto-chave é que, na nossa formação cerebral atual, as informações sensoriais chegam antes à amígdala do que ao neocórtex. Esse foi um jeito de a natureza garantir nossa segurança com rapidez, quando, na dúvida, antes de uma avaliação racional, o instinto nos proteja. Nisso consiste a ideia de a amígdala sequestrar nossa razão, pois, em qualquer sinal de perigo (mesmo que não haja perigo de fato), ela antecipa-se ao neocórtex e momentaneamente não deixa a consciência ponderar intelectivamente.

A amígdala cria padrões de segurança que podem inibir nossa criatividade (por medo de tudo que é novo) e ainda nos tornar mais agressivos (instinto primitivo de sobrevivência) — seja em uma situação real de perigo ou ante uma simples divergência de opinião, ainda que sobre assuntos irrelevantes — desencadeando uma série de processos químicos (por exemplo, liberando adrenalina), que alteram nosso sistema nervoso. Ora, se nosso organismo físico se sobrecarrega de determinados hormônios, a nossa consciência pode ficar subjugada a essa química e nós podemos ter surtos psicóticos.

Então, nós todos somos reféns da máquina carnal?

Sim e não, conforme veremos a seguir.

Capítulo 17

Inteligência emocional

No precedente capítulo ficou uma questão crucial: nós todos somos reféns da vontade espontânea da máquina carnal? E a resposta é: somos passíveis dessa escravidão sim, se assim o permitirmos, embora não definitivamente. Como já sabemos, há — felizmente — forças superiores às nossas e as leis soberanas do Universo não permitiriam que ficássemos subjugados para todo o sempre. Mas é possível que fiquemos por até longo prazo, com o peso de nosso atraso frente à estrada evolutiva, presos a automatismos de sinapses que, instaladas no cérebro humano e no equivalente perispiritual, podem fazer com que o indivíduo reencarne várias vezes com seu campo mental inteligente (neocórtex) atrofiado, quando se apresenta o estado psicológico de idiotia (retardo mental). Nessa condição, o Espírito continua inteligente, porém não consegue manifestar sua intelectualidade, pois lhe falta o órgão apropriado para a execução dessa capacidade.

Ao topar determinado estado de automatismo, o Espírito já não dá conta de sair sozinho desse dilema — torna-se refém de uma intervenção externa. No entanto, antes de chegar a tal estágio, é possível sim superar essa força instintiva, exatamente aplicando a **inteligência** como antídoto.

Como assim?

Surtando a amígdala e potencializando a área do neocórtex.

Ovoides

A literatura espírita nos teoriza um caso clássico de subjugação pelo drama do ovoide, que é o estado de deformação do corpo espiritual (perispírito) causada por um forte monoideísmo, quando o Espírito fica alienado por uma ideia fixa (vício, ódio, desejo de vingança etc.), criada por si mesmo ou por influência de uma entidade obsessora — encarnado ou desencarnado. O perispírito se reduz e sua forma se aproxima a de um ovo (eis

porque a menção *ovoide*).

No livro "LIBERTAÇÃO", psicografado por Francisco Cândido Xavier, o Espírito André Luiz nos relata seu encontro com entidades atrofiadas ao estágio de ovoide:

“Ante o intervalo espontâneo, reparei não longe de nós, como que ligadas às personalidades sob nosso exame, certas formas indecisas, obscuras. Semelhavam-se a pequenas esferas ovoides, cada uma das quais pouco maior que um crânio humano. Variavam profundamente nas particularidades. Algumas denunciavam movimentos próprios, ao jeito de grandes amebas, respirando naquele clima espiritual; outras, contudo, pareciam em repouso, aparentemente inertes, ligadas ao halo vital das personalidades em movimento”.

O ovoide, portanto, é um indivíduo desencarnado que degenerou sua forma humana pelo colapso da consciência, num processo iniciado ou agravado enquanto encarnado, cuja ocorrência — infelizmente — é mais comum do que normalmente se pensa.

Eis o porquê da necessidade de promovermos o autodescobrimento.

A resposta da inteligência

À entrada do famoso templo dedicado a Apolo, em Delfos, Grécia, encontrava-se inscrito o aforismo que o filósofo Sócrates reproduzia para indicar o meio mais apropriado para o homem encontrar a sabedoria e, por conseguinte, a felicidade — visto que a Filosofia clássica enlaçava os dois termos como equivalentes. Semelhante resposta Allan Kardec recebeu dos Espíritos que inspiraram a codificação espírita³⁵. A resposta é:

"Conhece a ti mesmo!" — portanto, autodescobrimento.

O verbo *conhecer*, aqui posto no imperativo — *conheça-se* —, é uma ação que implica em saber, buscar, aprender, estudar, experimentar, compreender e, numa concepção mais completa, ter consciência de.

Portanto, exige vontade, esforço, persistência e especialmente uso da capacidade intelectual. Conhecimento é o exercício prático da inteligência, da lógica, do pensamento racional, consciente. É, por assim dizer, antagônico ao instinto, ao automatismo.

Como já dito, a área cerebral de atividade consciente e intelectual é a do neocórtex. Portanto, como propósito de exercermos nossa autonomia — da alma sobre o organismo físico —, temos de potencializar esse departamento cerebral, desarticulando sinapses nocivas (associações que nos levam a

³⁵ Ver "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", Allan Kardec, questão 919.

comportamentos negativos). Para tanto, precisamos desembaraçar aquele guardião (a amígdala) programado para nos proteger, mas que muitas das vezes acaba excedendo em seu zelo inibindo nosso avanço.

E como podemos fazer isso? — pensando, ou seja, exercendo a consciência a cada ato, o que também equivale a dizer **viver**, praticar a vida.

Quoeficiente Emocional

O século passado deu ênfase ao estudo científico acerca da capacidade de intelectualidade culminando com a criação de métodos para a medição de QI - Quociente de Inteligência, medindo as capacidades cognitivas (resolução de problemas matemáticos, linguísticos e psicológicos) pela comparação da faixa etária (idade cronológica) com idade mental. Assim, uma criança que pensa como adulto tem um QI elevado, enquanto um adulto que pensa como criança tem QI embotado.³⁶

Governos e empresas passaram a adotar essa medição como importante critério para a contratação de mão de obra específica para certas ocupações. Mais tarde, outras teses vieram denunciar a ineficiência da medição de QI, pela comparação da pontuação e os reflexos práticos da vida dos indivíduos. A nota não condizia com as expectativas. Pesquisas apontaram que genialidade e inteligência acima da média não garantiam bons rendimentos profissionais e tampouco autoavaliação de contentamento, ao passo que dentre aqueles considerados de baixo QI muitos eram bem-sucedidos em seus empreendimentos, relacionamentos e se autoavaliavam positivamente.

Foi aí que surgiu o elemento emocional. A irregularidade acima anotada foi interpretada da seguinte forma: não basta ter conhecimento — inteligência técnica —, é preciso saber aplicá-la, de onde surgiu o conceito de QE - Quociente Emocional.

Observando a fundo, considerando os conceitos espirituais, podemos dizer que o QE se refere à aplicação pura da consciência, contendo os elementos intelecto e controle emocional, enquanto que o QI mede somente o conhecimento técnico puro. O ponto-chave é que o intelecto também pode ser automatizado pelo cérebro — o que poderia até ser considerado como sinapses positivas, ou, digamos, *bons vícios*, porém, eles se tornam frios (sem emoção) e em determinados momentos eles atrapalham as relações sociais. Um cara genial pode fazer uma declaração de amor extraordinariamente criativa, mas se não souber usar a expressão emocional adequada pode arruinar sua obra. E

³⁶ Entre tantos métodos, a fórmula de QI mais usada no mundo foi aquela criada por David Wechsler, assim elaborada: $QI = \text{Idade mental} / \text{Idade Cronológica} \times 100$.

quase sempre é assim, pois uma pessoa de alto QI e baixo QE pensa como tal e não têm noção exata de que os demais são diferentes e têm reações emocionais diferentes. Sem esse senso de compreensão social eles se isolam. Em contrapartida, uma pessoa de alto QE, sociável, flexível e atenta às circunstâncias, especialmente em momentos tensos, encontram soluções práticas com mais facilidade que qualquer calculista.

Segundo Daniel Goleman³⁷, a tese do QE se concebe em:

- **Autoconhecimento Emocional:** reconhecer as próprias emoções e sentimentos quando ocorrem;
- **Controle Emocional:** lidar com os próprios sentimentos, adequando-os a cada situação vivida;
- **Automotivação:** dirigir as emoções a serviço de um objetivo ou realização pessoal;
- **Reconhecimento de emoções em outras pessoas:** reconhecer emoções no outro e empatia de sentimentos, e;
- **Habilidade em relacionamentos interpessoais:** interação com outros indivíduos utilizando competências sociais.

Num trabalho grupal, as aplicações dessas capacidades se dão em:

- **Organização de Grupos:** habilidade essencial da liderança, que envolve iniciativa e coordenação de esforços de um grupo, bem como a habilidade de obter do grupo o reconhecimento da liderança e uma cooperação espontânea.
- **Negociação de Soluções:** característica do mediador, prevenindo e resolvendo conflitos.
- **Empatia:** é a capacidade de, ao identificar e compreender os desejos e sentimentos dos indivíduos, reagir adequadamente de forma a canalizá-los ao interesse comum.
- **Sensibilidade Social:** é a capacidade de detectar e identificar sentimentos e motivos das pessoas.

O que temos aqui é um exemplo de ganhos nos âmbitos **intrapessoal** — que nos faz conviver bem cada qual consigo mesmo, pela construção de uma autovalorização equilibrada, motivação e autossuperação — e **interpessoal** — aquela que nos permite estabelecer relações adequadas com as pessoas, pela capacidade de compreender as pessoas, facilidade para fazer e conservar amizades, habilidade para resolver conflitos e aptidão para exercer trabalhos de liderança.

Imagine então quão espetacular não seja ter ao mesmo tempo grande intelecto (QI) e controle emocional (QE). E é aqui que tanto a Ciência quanto a

³⁷ Daniel Goleman é um psicólogo americano, jornalista e consultor de Ciências do jornal New York Times, autor do livro "INTELIGÊNCIA EMOCIONAL" (1995).

Filosofia convencionais se perdem: para unir QI e QE, quer dizer, para se ter um controle emocional de fato racional, seria preciso soluções antropológicas, para justificar intelectualmente as causas dos complexos problemas pessoais e sociais por quais nós passamos, ou seja, explicar a origem do mal, da dor, do sofrimento, das desigualdades físicas e psicológicas dos indivíduos — coisa que nenhuma doutrina humana consegue resolver, pois que as respostas dimanam do plano espiritual.

É nesse momento decisivo que o conhecimento espírita melhor pode contribuir com a Ciência e com a Filosofia dos homens, alargando nosso conhecimento acerca das leis superiores e nos apresentando soluções sobre as questões maiores: "quem sou eu", "de onde eu vim" e para "onde eu vou".

O jogo da emoção

"O homem é um animal social" — definiu Aristóteles. O Espiritismo classifica que a vida social é uma das leis espirituais³⁸. É necessário o confronto de ideias para a maturação do espírito de fraternidade. Nisto consiste a maior dureza da vida e ao mesmo tempo a sua graça.

Para levar a efeito nossa convivência, a ponte elementar é a comunicação. Os meios que utilizamos — hoje, especialmente a palavra — são paridas pela razão, mas fecundadas pela emoção, porque, no fundo, o homem está sempre obedecendo à sua ambiciosa necessidade biológica de buscar o prazer e de evitar o sofrimento. E essas carências são subordinadas às emoções. Portanto, a comunicação humana é um fenômeno primordialmente emocional, onde a palavra pode até ser racional, mas a tonalidade da voz e as expressões adjacentes são pura emoção, donde a mensagem final é um misto de palavra e emoções impregnadas. Daí por que, nos atritos cotidianos, muitas vezes o que mais ofende as pessoas não é *o que se diz*, mas *como se diz*.

O conhecimento espiritual nos diz que a palavra e o toque físico são portadores de magnetismo. Dirigidos com carinho, transmitem energia positiva e têm poderes terapêuticos; carregados de imperfeições, são como dardos que ferem e complicam relacionamentos.

O poder da paciência

O aforismo "conte até dez" é uma metáfora correspondente a "pense antes de responder", conseqüentemente, "não deixe a amígdala responder pelo neocórtex". E essa sentença torna-se ainda mais compreensível quando temos a

³⁸ Ver "O LIVRO DOS ESPÍRITOS", Allan Kardec - 3ª parte, Cap. VII: "Da Lei de Sociedade", questões 766 a 775.

consciência de que nem sempre estamos certos, de que nossas emoções podem estar nos induzindo ao erro, pelo que nos recorreremos a Sócrates, na definição de si mesmo, ao dizer "Só sei que nada sei" — em contraponto aos seus contemporâneos que, buscando status de sábios, exaltavam seus (supostos) conhecimentos.

O reino animal nos exemplifica que o bicho mais fraco é aquele mais lento, que menos sabe dominar os movimentos. No reino hominal, o homem mais fraco é aquele que menos sabe controlar suas emoções, donde lembramos o filósofo alemão Immanuel Kant, que disse "A paciência pode ser a fortaleza para os fracos, assim como a impaciência pode se transformar na fraqueza dos fortes".

Paciência: grande aquisição espiritual! Mas, insistimos, essa qualidade, que tanto pode nos ajudar no nosso bem-estar intra e interpessoal, nós a adquirimos pela compreensão da natureza das coisas. Sobre a paciência, escreveu um certo Espírito Amigo:³⁹

A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; portanto, não se aflijam quando sofrerem; antes, contemplem a Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, marcou vocês para a glória no céu.

Sejam pacientes. A paciência também é uma caridade e devem praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Outra há, porém, muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: a de perdoarmos aos que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porem à prova a paciência.

A vida é difícil, bem o sei. Compõe-se de mil nadas, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. Contudo, se nos concentrarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que por outro lado recebemos, reconheceremos que as bênçãos são muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva a cabeça para a terra.

Coragem, amigos! Vocês têm no Cristo o seu modelo. Ele sofreu mais do que qualquer de vocês e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vocês têm de expiar o passado e de se fortalecer para o futuro. Pois, sejam pacientes, sejam cristãos. Essa palavra resume tudo.

É naturalmente paciente aquele que considera sua infalibilidade, aquele que sabe que tudo aquilo que considera mal tem um propósito maior, aquele que espera por uma melhor resolução das coisas, considerando a lei de causa e efeito, de bondade, justiça e sabedoria divina.

Enfim, paciência (ou, QE) é um termômetro de superioridade evolutiva.

³⁹ Extraído de "O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO", Allan Kardec - Cap. IX, item 7.

O poder da fé

Vindo ao encontro dessa mesma questão, podemos avaliar o poder da fé, em paridade com a virtude da paciência, como sendo a capacidade de saber esperar a resposta das leis maiores da Natureza para aqueles desafios que enfrentamos e dos quais não sabemos prontamente responder a clássica pergunta "Por que isso está acontecendo comigo?" — como uma pergunta de fato (à qual queremos uma resposta) e não uma mera interjeição (como lamentação, apenas).

O materialista quer respostas e soluções imediatas e, quanto mais orgulhoso for, mais impaciente será, podendo então agir emocionalmente com maior desequilíbrio e, dessa forma, angariando consequências mais graves. Já aquele que tem fé racional, conhecendo e admitindo seus limites e sabendo da força cósmica, sabe esperar o conserto das coisas ao mesmo tempo em que busca distinguir aquilo de que é capaz — e, portanto, ele deve cumprir — e o que é de alçada superior — pelo que deve resignadamente esperar. Esse o conceito da conhecida oração da serenidade:⁴⁰

“Concede-me, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não posso modificar, coragem para modificar as que eu posso e sabedoria para distinguir uma da outra”.

É essa fé maior quem nos dá o aporte para confiarmos na Providência Divina e seguir em frente, não obstante o sentimento instintivo do medo do novo e do desconhecido. A confiança de que, haja o que houver, tudo acabará bem e tudo valerá a pena.

⁴⁰ Oração disseminada pelos grupos de ajuda Alcoólicos Anônimos, cuja atribuição da sua autoria tem sido disputada por diversas versões, sendo as principais menções: ao filósofo romano Boécio (480-524); pietista alemão Friedrich Oetinger (1702-1782); professor alemão Dr. Theodor Wilhelm (1906-2005) e o teólogo americano Reinhold Niebuhr (1892-1971).

Capítulo 18

O grande confronto

Em suma, nós, antes de sermos uma alma encarnada — acanhada e limitada pela imposição das leis físicas —, somos Espíritos, que trazem em sua essência todas as potencialidades da perfeição a que todos estamos destinados, sendo que essas capacidades precisam ser desenvolvidas completamente. Para atingirmos esse fim, de Espíritos evoluídos — perfeitos e felizes —, precisamos trilhar a estrada progressiva, das múltiplas reencarnações, em diversas dimensões dentre as muitas moradas da casa do Pai, onde estagiaremos nosso desenvolvimento diante das lições e missões às quais somos apresentados.

Evoluir — desenvolver todas as capacidades espirituais com perfeição — requer tempo, muito tempo, noutras palavras, muitas reencarnações e outro tanto de períodos de aprendizados na erraticidade (estância no plano espiritual entre uma e outra encarnação). Por mais esforçado e mais correto que seja o indivíduo, a meta da superioridade demanda tempo, para viver experiências, para apreender os ensinamentos, para pôr à prova o aprendizado, para cumprir as missões solidárias e para o ser espiritual finalmente topar o seu autodescobrimento. Entretanto, a sensação predominante é a de que, de modo geral, nós todos estamos mesmo é bastante atrasados, de que poderíamos estar já em uma posição bem mais superiora a que ocupamos — e, conseqüentemente, de que poderíamos estar bem mais felizes do que estamos agora.

A questão é: o que é que tanto obstrui nosso curso evolutivo?

Embaraçando a amígdala

Vimos sobre a relevância do aspecto físico em nossa conduta espiritual e o quanto a amígdala cerebral pode dificultar nosso progresso. Então, diante desse *obstáculo técnico*, é possível termos um avanço maior? É possível suplantarmos a influência do guardião primitivo do nosso organismo?

Sim, as modernas Neurofisiologia e Psicologia estão nos dizendo que sim, pelo processo de embarçar a amígdala e fazer com que as informações sensoriais não fiquem presas nessa antessala e vá mais rapidamente para o lóbulo frontal, onde fica a área de trabalho de nossa consciência cerebral, o que nos permite um maior domínio racional.

E como embarçar a amígdala?

Ora, as recomendações dos profissionais se resumem basicamente em pensar — ou seja, agir conscientemente, sair do automatismo. De forma prática, podemos considerar: quebrar a rotina comum, desvincular-se dos vícios, fazer coisas muito diferentes e esforçar-se para usar a inteligência.

Quebrar a rotina comum pode ser, por exemplo, escrever com a mão oposta. Se você é destro e escreve com certa frequência, significa que já automatizou sua mão direita à grafia. Então, quando precisa escrever algo, o lápis praticamente desliza tranquilamente sobre o papel, sem que você tenha que se concentrar no desenho das letras. Ao inverter a escrita para a mão esquerda, terá que fazer um grande esforço para aprumar a mão e produzir os desenhos. Esse esforço faz com que trabalhe mais o neocórtex.

Relembremos: vícios constroem sinapses nocivas e atrofiam outras partes do cérebro, obstruindo especialmente o neocórtex.

Aprender a executar um instrumento musical, estudar um novo idioma (grego antigo é uma boa pedida), praticar um esporte mais ousado (por exemplo, alpinismo) e fazer outras coisas inusitadas e desafiadoras são formas práticas de embarçar a amígdala, potencializar os neurônios e ainda por cima ganhar aquisição de conhecimentos. Além disso, essas aquisições geram novos contatos e até oportunidades profissionais ou sociais. Se não houver interesse material nesses novos valores, melhor: transforme-os em ações beneficentes. Você pode aprender algo proveitoso para outros e se voluntariar como instrutor para outros aprendizes.

Plasticidade cerebral

Nosso cérebro é plástico, ou seja, ele tem a capacidade de ser modelado conforme seu uso. Quanto mais o usarmos, mais ele se condiciona às atividades. Quanto mais nos guiarmos pelas sinapses construídas pelo automatismo, maior será a inatividade dos demais neurônios. O embarçamento da amígdala desarticula velhas sinapses e ativa outras partes cerebrais antes embotadas pelo desuso.

Contudo, a princípio, um programa sistemático de embarçar o velho guardião produz um efeito desconfortável: o repentino uso forçado de neurônios acomodados produz sono e cansaço — como ocorre com uma pessoa

qualquer após uma jornada de trabalho mais pesado ao habitual. Assim, é preciso considerar um período de evolução de atividades, como que se fizesse uma fisioterapia cerebral, condicionando progressivamente o órgão às novas tarefas — colocando o cérebro em forma.

Elastecendo a massa cerebral, preparamos o equipamento orgânico para então podermos cuidar da parte do conteúdo, ou seja, com o que vamos ocupar o cérebro. Aqui entra a parte filosófica da prática de autodescobrimento para nos dar um rumo, pois de que adianta ter um cérebro sarado se não soubermos usá-lo sabiamente?

O milagre da verdade

A força psíquica é uma realidade prática, razão pela qual Jesus disse que pela fé — como crença na verdade —, nós podemos tudo. Logo, em nosso processo evolutivo, é imperiosa a aquisição da verdade.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”.

Jesus - JOÃO, 8:32

Só se chega à verdade pensando. A contribuição externa é um apoio considerável para que o sujeito tenha subsídios para a formação das ideias, entretanto, a verdade é intransferível; é preciso ter recursos intelectuais para apreendê-la, como *olhos para ver e ouvidos para ouvir* por si mesmo.

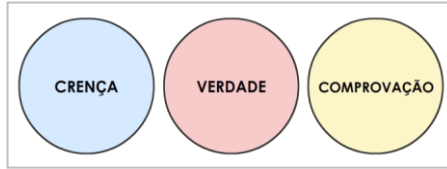
Logo, o autodescobrimento é um processo de compreensão da verdade, mediante **vontade** — para fazê-lo — e **direção** — para fazê-lo bem.

Eis por que o bem está relacionado ao conhecimento da verdade: todo o mal que se faz é em virtude de se crer que ele seja benéfico e renda prazer. E enquanto o indivíduo não tiver a compreensão exata que o mal não é produtivo para si mesmo — porque resulta em consequências mais ou menos prejudiciais —, ele o fará, por achar que está lucrando. Porém, quando a inteligência lhe acusa que só o bem lhe faz bem, logicamente que ele se inclinará a fazer o bem. A sua necessidade de bem-estar o arrastará a fazer as coisas boas e perfeitas. Por essa razão Jesus sentenciava: "A tua fé te curou", pois que o mal maior é a persistência no mal, enquanto que, uma vez que o enfermo espiritual se depara com a necessidade de se melhorar, ainda que vá falir aqui e acolá, ele terá dado partida na busca de sua sanidade.

As diversas faces da verdade

Uma vez desobstruído — ou pelo menos minimizados — os impedimentos físicos, a fim de que possamos pensar com mais nitidez,

podemos procurar encarar as diversas faces da verdade construídas ao longo da evolução humana — partindo da mitologia para a religião, da filosofia para a ciência. Daí, deparamo-nos com três facetas: **crença**, **verdade** e **comprovação**.



Podemos convir que o conhecimento nos liberta do mal, o que é bem racional, pois, de posse da lei de causa e efeito, sabemos intelectualmente que não é vantajoso — e inteligente — agirmos mal (imperfettamente), já que tudo o que é imperfeito resulta em consequências negativas. Logo, o conhecimento nos projeta para o bem (nos dá a recompensa espiritual). Mas que conhecimento é esse que me é favorável, se há tantas verdades disseminadas por aí?

Esse conhecimento é a união da ciência (dado, informação) com a compreensão (interação prática), ou, cientificamente falando, “uma crença verdadeira e comprovada”.

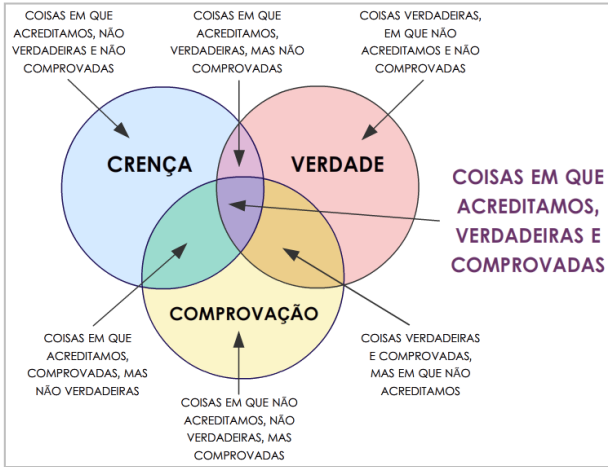
A crença é uma concepção pessoal, que idealizamos intimamente ou adquirimos do meio ambiente. Todos nós podemos idealizar e propagar ideias das mais extraordinárias. A questão é: aquilo em que acreditamos é uma verdade? Nossas crenças são verdadeiras?

A verdade absoluta — como a perfeição — não é desse mundo, pois nos faltam as capacidades para contemplá-la. Portanto, entre as coisas verdadeiras, algumas nos são desconhecidas — nesse caso, muitas — e outras nós temos a capacidade de compreender. Assim, as coisas em que acreditamos podem ser verdadeiras ou falsas.

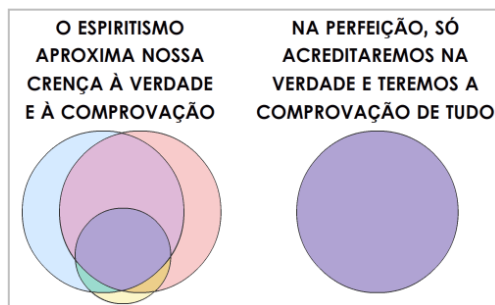
A sustentação das crenças pode ser imputada à fé cega (ver para crer) — como certas doutrinas religiosas o faz — e pode ser idealizada por uma construção filosófica (uma teoria racionalizada). As explicações podem ser interessantes e até demonstrar uma lógica irrepreensível diante dos homens. Ocorre, no entanto, que se os homens não detêm a totalidade das capacidades para o conhecimento da verdade, sua lógica não garante a veracidade de uma crença — basta ver quantas *verdades* de outrora foram desconstruídas por novas capacidades intelectivas.

Diante da fé (intuição individual) e do racionalismo (campo das ideias filosóficas), impõem-se a necessidade de se comprovar as engenharias idealizadas. As ciências vieram então como método de comprovação das crenças e teorias. Todavia, as coisas ditas comprovadas e, portanto, postas

como verdadeiras, têm o selo da ciência humana, mediante seus métodos particulares. Mesmo assim, quem poderá garantir a infalibilidade dos métodos científicos? Então, há um ponto intrigante aqui: considerando as intersecções entre o conjunto das crenças e o conjunto das coisas comprovadas, é possível que haja coisas que não sejam verdadeiras.



Nessa questão, é razoável admitirmos que o campo da verdade inteligível para nós é muito reduzido. E bastaríamos citar quantas verdades nos foram trazidas a lume nestes últimos dois séculos, sobrepujando milênios de obscuridade da Terra. E devo acrescentar minha convicção nas revelações espíritas, potencializando nosso conhecimento como nunca antes pensado. Mas, em suma, a verdade é patrimônio do estágio dos Espíritos evoluídos.



Então, estamos em campanha.

Assim, pois, meus queridos filhos, que uma santa conexão vos anime e que cada um de vocês se despoje do homem velho. Todos devem se consagrar à propagação desse Espiritismo que já deu começo à vossa própria regeneração. Cabe a vocês o dever de fazer que os vossos irmãos participem dos raios da

sagrada luz. Portanto, mãos à obra, meus muito queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os vossos corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as gerações porvindouras um mundo onde já não seja vã a palavra *felicidade*.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec – Cap. V, item 20.

O inimigo particular e público número 1

Considerando o alerta deixado pelos Espíritos amigos da codificação kardequiana, temos bem definido o nosso maior inimigo e maior entrave para nossa evolução — o egoísmo.

O egoísmo — chaga da Humanidade — tem que desaparecer da Terra, pois afasta o progresso moral. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la subir na hierarquia dos mundos. Com efeito, o egoísmo é o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças e sua coragem. Digo *coragem* porque cada um necessita muito mais dela para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros. Desse modo, que cada um empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. XI, item 11

O egoísmo é a ideia e atitude de colocar os próprios interesses acima de tudo o mais, acima dos direitos dos demais e das leis universais, justificando a si mesmo essa prerrogativa pela falsa razão de que na ordem natural das coisas seja *cada um por si*.

Os psicólogos em geral acreditam que esse sentimento seja natural e — num estágio temporário — até necessário para a formação da personalidade. Para o homem primitivo (na infância da trajetória espiritual), a descoberta intelectual de si e das próprias necessidades (sobrevivência, proteção, saúde, bem-estar etc.) estimula o egocentrismo no sentido de que este acaba maturando a consciência do instinto bruto para o sentimento, começando pelo amor-próprio para então ser estendido ao amor fraternal a todos os semelhantes.

O biólogo britânico Richard Dawkins defende a tese da naturalidade do egoísmo dentro do campo físico, no que sintetiza a evolução (processo de transformação genética) pela ação do que ele chama de "gene egoísta". Segundo o cientista, é justamente por ser essa ação egoística — buscando sempre o melhor para si — que o organismo humano se desenvolve.

O instinto egoísta é característico na criança que, naturalmente por não estar empossada das capacidades racionais suficientes para um julgamento, age

assim muito por autodefesa ou interesse em si mesmo. E não fossem as necessidades e os riscos da vida, como se desenvolveriam o amor por si mesmo e o interesse em cuidar-se individualmente? Até aí, tudo bem.

Pode ocorrer, porém, de a pessoa — mesmo tendo já adquirido as capacidades racionais — recusar largar o egocentrismo, fantasiando uma vida infantil na tentativa de preservar aquelas regalias próprias das crianças.

O amor resume toda a doutrina de Jesus, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. XI, item 8

O conhecimento da verdade nos abre a porta para a libertação, porém, não necessariamente de pronto, porque, ao lado de reconhecer o bem e o mal, é preciso ter a decisão de conduzir-se para o autodescobrimento, quer dizer, para a perfeição espiritual. Eis por que não podemos associar inequivocamente o ser inteligente a um ser bom; **sabedoria e caridade** são duas potências distintas, quer dizer, como diria Emmanuel — mentor espiritual de Chico Xavier —, são duas asas, com as quais nos lançamos ao voo da evolução e da felicidade; esteja qualquer delas com o menor sinal de imperfeição, o voo fica defeituoso e a altura máxima inalcançável.

Portanto, é preciso uma combinação de razão e sentimento. A razão isoladamente é fria e carece do direcionamento das nossas emoções. Entretanto, se estas forem mais fortes e tendenciosas ao egocentrismo, podemos então negar verdades — mesmo as mais plausíveis — ou, por fraqueza moral, nos subjulgarmos aos vícios carnais, ainda que muito cientes das consequências. Um exemplo clássico é o drama das dependências ao tabagismo, à bebida alcoólica e às drogas: quem hoje ousa negar os malefícios físicos e psíquicos dessas pragas? Ninguém, certo? Porém, não é sabido que dentre os seus dependentes haja homens dos mais letrados? Há surpresa se eu disser que haja médicos e biólogos (supostamente, os profissionais que melhor compreendem a gravidade desses vícios) decaídos nessas terríveis manias?

O que faz uma pessoa consciente (capaz de usar seus atributos intelectuais para julgar e tomar decisões) optar por uma trilha que ela já sabe ser errada, ou, melhor dizendo, deixar de seguir um caminho melhor para trilhar uma opção menos perfeita? — A resposta é simples: egoísmo, ou o desejo imediatista de satisfazer a um prazer carnal ou psicopatológico (inclusive pelo automatismo fisiológico).

A verdade é que, pelo estágio de progressão a que a nossa Humanidade

terrena já alcançou, todos nós já temos ciência suficiente para discernir entre o bem e o mal, o que implica dizer que o egoísmo ainda tem sido conservado, fazendo vigorar a ilusão pelos bens temporários e ofuscando o tesouro espiritual.

Egoísmo e decepção

A primeira grande consequência do egoísmo para o egoísta é a decepção. Por presumir ser sempre mais importante do que os demais e merecer sempre o melhor, o egoísta está a todo instante suscetível de se decepcionar e o tamanho da decepção é proporcional ao grau de egoísmo. No exagerado amor-próprio, dito orgulho, está o sentido dos correntes golpes de ser traído pelas superestimadas expectativas.

A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho sempre é castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos fracassos que lhe são infligidos.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec - Cap. XIX, item 4

No ato de se projetar sempre para os melhores postos o indivíduo priva a si mesmo de receber algo superior ao que ele próprio já espera. A surpresa que tiver será sempre negativa, de rebaixamento — e as surpresas acontecem. Do contrário, ao se projetar num patamar mais baixo, ele deixa um enorme campo para ser bem surpreendido.

O pior de tudo é que a decepção dói demais porque ela nunca vem de fora, mas sim da comparação íntima, de onde os fatos põem o indivíduo e a distância do posto esperado. Como nem sempre é possível impor suas próprias vontades sobre os demais, vem a inevitável dor de verificar-se incapaz de sustentar seu egocentrismo. Quando o egoísta tem força física, financeira ou persuasão para fazer valer suas vontades e o faz, ele sofre duplamente, pois nessas condições, ainda que chegue ao topo e mostre para os demais que conseguiu o que queria, intimamente ele é sempre advertido pela sua consciência de que, além de tudo, ele está usurpando algo, ocupando um direito que não lhe pertence e infantilmente tenta ostentar. E poderá até convencer aos que estão ao redor de que é detentor do que usurpou, mas não tem como enganar a si mesmo. E o egoísmo faz sangrar por dentro, porque também isola o pseudovencedor à cruciante desgraça da solidão.

Eis o grande confronto de todos os andarilhos nessa estrada evolutivo: superar a si mesmo vencendo o egoísmo.

Capítulo 19

O grande encontro

Embora estejamos muito distantes da verdade e da vida plena, já temos hoje subsídios suficientes para programar o que aqui coloco como o **grande encontro filosófico** — o nosso **autodescobrimento**. O conhecimento a que já alcançamos nos coloca diante da compreensão da ordem universal, autenticando a ideia do Cosmo como sendo o equilíbrio entre a bondade, a beleza e a abundância. Este o rumo de todos os indivíduos, cujo arrastamento é superior às mais fortes resistências. Portanto, todos nós somos irresistivelmente compelidos ao progresso, onde a condição de Espíritos superiores é o objetivo.

Contudo, mesmo sabendo que a evolução é uma lei, é sabido que, pelos próprios esforços, cada qual pode acelerar seu progresso espiritual e menos penosamente chegar à superioridade, quando teremos a vida plena — com todas as capacidades que a divindade nos reservou — e, conseqüentemente, a tão almejada **felicidade**.

De posse desses subsídios, cumpre-nos tomar a decisão de levar a efeito o plano da reforma íntima.

Vimos que a ameaça da influência material — do parasitismo e do automatismo — pode ser facilmente suplantada pela força mental, da vontade e de reeducação de hábitos e imposição de desafios novos e positivos (como quebrar rotinas, estudar uma nova língua, aprender a fazer artes, tocar um instrumento musical etc.). Logo, a parte — digamos — *mecânica* já não pode nos servir de escusas, porém resta-nos o desafio de vencermos o egoísmo.

O antídoto contra o egoísmo

Se o egoísmo é a supervalorização do *ego* (*o eu*) e a atitude de promover-se em detrimento dos semelhantes, a contrapartida é justamente pôr em equilíbrio a nossa entidade frente aos demais, é igualar nossa vontade e

nosso dever com os direitos e deveres alheios, é trocar o ego pelo *alter* (o outro), é querer para o outro o que se quer para si mesmo — como no mandamento do Cristo. Num conceito modernamente divulgado, a palavra é **altruísmo**, mas perfeitamente cabível dentro da conceituação verídica da **caridade**, pelo que Allan Kardec estipulou: ***Fora da caridade não há salvação.***

Evidentemente que o processo de evolução é pessoal, no sentido de que cada qual tem de percorrer a sua própria estrada, coisa que ninguém pode fazer por qualquer outro. No entanto, de alguma forma é coletiva, pois precisamos uns dos outros para as experiências de aprendizados, provas e missões que nos cumpre executar. Portanto, é imperativo pensarmos que as individualidades se completam, no que desde os filósofos mais antigos já se ouvia dizer que *somos todos um*. Certamente que esse um não é como na ideia do Panteísmo — em que cada qual seria um pedaço da divindade, até fisicamente falando —, mas sim como parte integrante de uma fraternidade — como cada membro de uma família.

O prazer egoísta que se tem pela vantagem que se pode ter sobre outrem é uma condição puramente limitada à dimensão física, cuja peneira fatal é a morte: o que somos, conservamos; o que temos, perdemos. Nas esferas superiores a lei da selva, do mais forte, do mais esperto e das condições materiais dá lugar à outra natureza de forças, onde a hierarquia é estabelecida pelo adiantamento moral e intelectual. Diz o Espiritismo que a genética do nosso corpo espiritual (perispírito) se molda de acordo com essas características sublimes: quanto mais evoluído, maior é a expansão e as capacidades desse novo corpo, tais como: vigor, beleza, agilidade, alcance.

Na medida em que o ser se espiritualiza, menos ele se compraz com as imperfeições (suas e dos demais), ao passo que se deleita em fazer o bem, cuja recompensa é simplesmente poder fazer o bem — sem esperar qualquer coisa em troca. A preocupação com o bem-estar do semelhante lhe desmaterializa, suavizando sua consciência.

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o metal que soa, ou como o sino que tine. E se eu tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios, e quanto se pode saber; e se tivesse toda a fé, até a ponto de transportar montanhas, e não tiver caridade, não sou nada. E se eu distribuísse todos os meus bens para o sustento dos pobres, e se entregasse o meu corpo para ser queimado, se todavia não tiver caridade, nada disto me aproveita. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não obra temerária nem precipitadamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal, não folga com a injustiça, mas folga com a verdade. Tudo tolera, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. A caridade nunca jamais há de acabar, ou deixem de ter lugar às profecias, ou cessem as línguas, ou seja abolida a ciência.

Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três virtudes; porém a maior delas é a caridade.

Paulo, I Coríntios, XIII: 1-7 e 13

O altruísmo deve ser um exercício contínuo, de decisão, de vontade e de ação, observando como melhor servir, com caridade e sabedoria, o que incluir às vezes ceder e noutras vezes negar — o "Sim, sim, não, não" de que falou Jesus⁴¹, tanto pelo pão material quanto pelo pão espiritual.

Este é o encontro de si mesmo no outro — o grande encontro. Por isso que Jesus ilustrou que qualquer caridade dirigida a um pequenino (aquele que está na condição inferior, de necessitado, a quem temos como ajudar) será vista como feita ao próprio Messias, mas que qualquer omissão contra um desses irmãozinhos será tomada como uma falta a ele.

Reforma íntima

A proposta espírita — como condição para alguém ser espírita — é exatamente que se tome a decisão de se melhorar, superando suas imperfeições e buscando o conhecimento e o espírito da caridade. Então, é preciso definir o objetivo dessa reforma íntima como meta primordial a nos conduzir. Quando alguém impõe a si essa meta, todos os seus atos se subjugam a isso e para tudo quanto vai realizar ele se pergunta: isso (que estou pretendendo fazer) se enquadra no meu plano maior (reforma íntima)?

Quem não tem a compreensão da necessidade do autodescobrimento e, portanto, não traçou a meta da reforma íntima não se intimida em atropelar a ética para alcançar seus planos menores, sendo até que algumas vezes pode crer na cultura comum de que *os fins justificam os meios*, quando na verdade o meio é que representa o fim que objetivamos. Nesse ínterim, não falta inclusive quem justifique suas fraquezas pelas tradições religiosas — como no caso das chamadas guerras santas, quando a corrupção moral chegou até a matar os semelhantes supostamente *em nome de Deus*.

A ilusão e o imediatismo das efêmeras vantagens terrenas motivam o senso vulgar a corromper sua consciência até enquanto não desperta a sabedoria em si, quando então o mal (tudo o que é imperfeito) é finalmente observado como algo não apenas *errado*, mas essencialmente prejudicial, pelo que não compense ser executado. É uma questão de inteligência mesmo, pois se vê que as consequências — inevitáveis — são negativas.

Ora, quem quer *se dar bem* não faz aquilo que sua lógica lhe aponta como prejudicial. Seria como extraviar o pão propositalmente sendo que se está

⁴¹ Mateus, 5:37.

com fome. Daí a necessidade de buscarmos a verdade intelectivamente para a aplicarmos na nossa vida prática. Isso é promover a reforma íntima, desde que a verdade nos aponte o caminho da ética.

A condição espírita

O codificador espírita tantas vezes conceituou que o que caracteriza o verdadeiro espírita (praticante do Espiritismo) — como condição básica para que alguém assim se intitule — é o propósito firme e declarado de promover sua reforma íntima, buscar a perfeição intelectual e moral, desde que se busque a verdade filosófica, sem as amarras do senso comum, das pré-conceituações, do fanatismo e das escusas. É a decisão irrevogável de ser melhor em tudo, a cada instante, trabalhando com afinco para tal intento.

Essa decisão de aperfeiçoar-se não faz o postulante pular de status espiritual, mas é um passo significativo. O espírita em aperfeiçoamento não é perfeito, porém já se adiantou em relação a ele mesmo em vista de quando vivia desregrado.

O processo de reformulação interior não é mágico; é gradativo. Anos, séculos e milênios de imperfeições não podem ser sublimados assim de um dia para o outro. Daí porque não há que nos martirizarmos pelas sucessivas falhas às quais cometemos ainda — é preciso ter caridade consigo próprio. Todavia, que nossa autocaridade não sirva de subterfúgio para o comodismo frente aos nossos erros.

Impacto da reforma íntima

Na conscientização do bem pelo bem — quando a recompensa é justamente sentir-se bem em agir com caridade, sem esperar nada mais que essa satisfação —, o indivíduo começa então a vislumbrar o *reino de Deus dentro de si*, esteja onde estiver, esteja na condição que estiver. Leveza da alma e coragem para seguir em frente, superando todos os desafios, são sintomas típicos de quem ascende às faixas superiores de vibração e começa a tocar a felicidade dos evoluídos, com a qual nada do âmbito físico pode se comparar.

Esse estado de autoemulação, de transcendência espiritual e de interiorização do conceito de felicidade não apenas preenche o espírito de bálsamo, mas igualmente leva o indivíduo a exteriorizar suas aquisições, muitas vezes num nível tal que o põe em relevo diante dos seus arredores. Esse destaque, porém, pode até ser nocivo para ambos, em razão de despertar o ciúme e a inveja dos que o cercam e assim por transformá-lo em alvo de prováveis atentados. Seria como, entre nós humanos, que ainda rastejamos

sobre a terra, alguém saísse volitando por aí. Donde se vê a necessidade de o sábio saber silenciar-se diante dos faladores — não para simplesmente proteger a sua integridade, mas para não depreciar o outro ou instigá-lo a se depreciar.

A mescla de entidades mais adiantadas com outras inferiores é um recurso da Natureza para o próprio processo evolutivo, para que haja solidariedade e oportunidades de serviço (para os mais evoluídos) e aprendizado (para os mais carentes). Entretanto, essa intersecção de estágios evolutivos tem um controle. Logo, à medida que dois Espíritos se distanciam um do outro — pelo atraso evolutivo de um, em comparação com o avanço do outro —, obviamente que eles ocuparão espaços distintos, indo cada qual para uma dimensão mais ou menos da mesma qualidade. Assim é que os retardatários — aqueles que se omitiram de promover a própria ascensão — são por vezes exilados para outras esferas, de condições e companhias mais ou menos compatíveis com suas ideias e procedimentos; ao passo que os Espíritos que promovem seu autodescobrimento de forma mais considerável do que o padrão dos seus companheiros de jornada são, digamos, arrebatados para dimensões mais elevadas. Isso se dá para que nem os retardatários sejam fatais empecilhos para o progresso de um mundo e nem que os mais evoluídos fiquem subjulgados ao primitivismo dos menos adiantados, mas que possam cursar nas escolas mais elevadas a que já alcançaram o ingresso.

A felicidade

Propor a si próprio o autodescobrimento, procurar a verdade, tomar a decisão de se aperfeiçoar e praticar a caridade como meio para o fim de tudo só faz sentido se nesse processo todo acreditarmos firmemente que o saldo de tudo é a tão sonhada felicidade.

Abstração feita às divergências conceituais, o ponto concordante para todos é o de que o estágio de feliz seja a ausência de tudo o que é ruim (imperfeito). Contudo, em suma, o que é a felicidade, na sua plenitude?

Pelo exemplo já demonstrado pela moderna neurociência, o mais alto grau de satisfação está na realização de algo bom. A realização é portanto a condição básica para estarmos felizes e para nos realizarmos nós precisamos de campo de atuação para nossas capacidades. Noutras palavras, carecemos de trabalho, de oportunidade de sermos uteis e demonstrarmos do que somos capazes.

Aquele paraíso tradicional, aquele céu prometido na bíblia (conforme as interpretações vulgares), o reino de infinita contemplação e vida inerte não existem. A ociosidade absolutamente não é da lei de Deus — que, como teria

dito Jesus, está sempre em labor⁴².

O trabalho incessante é da natureza espiritual divina, como condição sublime para que também os Espíritos evoluídos labutem na cooperação com os caminheiros da estrada do aperfeiçoamento, tendo assim como se realizarem e, portanto, serem felizes.

Para esses *eleitos*, o trabalho que lhes compete já não é de qualquer pesar. As missões a que são destinados em nada lhes aborrecem, pois que eles têm consciência da necessidade do serviço que lhes foi imposto e então se engrandecem por terem como servir.

O que os poderia constrear seria exatamente a ociosidade, a ausência de serem precisados. A condição de desocupado implicaria em crerem que eles não fazem parte dos planos divinos, que não seriam importantes. E na verdade, todos nós não apenas fazemos parte dos planos de Deus como também somos imprescindíveis para a ordem das coisas, sem o que a obra divina estaria incompleta e imperfeita. Uma vez que fomos inseridos no contexto, nós passamos a ser elementos inexoravelmente indispensáveis para o Universo — o que também nos remete à conclusão de que cada filho de Deus é da mesma grandiosidade, pelo que somos forçados a convir que cada um de nós é igualmente amável, como amável é Jesus, Maria, Pedro, Judas, Pilatos — não os personagens, mas as individualidades, ou seja, os Espíritos que animaram essas figuras históricas terrenas.

Ao chegarmos nessa concepção máxima de autodescobrimento, não há porque nos portarmos diante do pai celestial como bastardos, mas como filhos legítimos, na intimidade de pai para filho — embora com a compreensão de que ele não pode nos conceder prerrogativas e atribuições incompatíveis com nosso nível evolutivo. A esse pai, perfeito como é, devemos toda a nossa confiança e amor filial, bem como aos nossos irmãos — todos os Espíritos — cumpre-nos o amor fraterno.

Este o grande encontro filosófico — o autodescobrimento.

⁴² João, 5:17.

